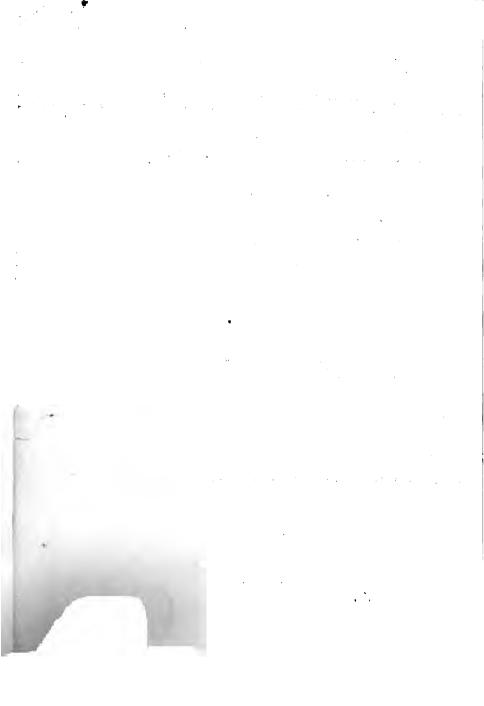
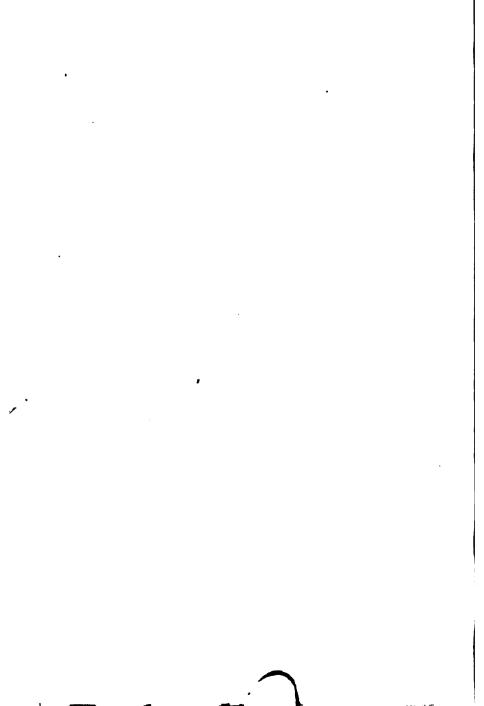
VIVEIROS DE CASTRO

IDEIAS E PHANTASIAS

CUNHA & IRMÃO — EDITORES
116, rua de S. José, e rua da Quitanda, 24
CAPITAL FEDERAL

1895

IDEIAS E PHANTASIAS

Viveiros de Castro

IDEIAS E PHANTASIAS

RIO DE JANEIRO
CUNHA & IRMÃO, editores
116 — Rua de S. José e Quitanda — 24

1895

DO MESMO AUTOR

Ensaios Juridicos

Chiquinha Mascotte

A Nova Escola Penal

O Suicidio na Capital Federal

(Publicação Official)

Ensaio sobre a Estatistica Criminal da Republica

(Publicação Official)

Estatistica Policial da Capital Federal

(Publicação Official)

Attentados ao Pudor

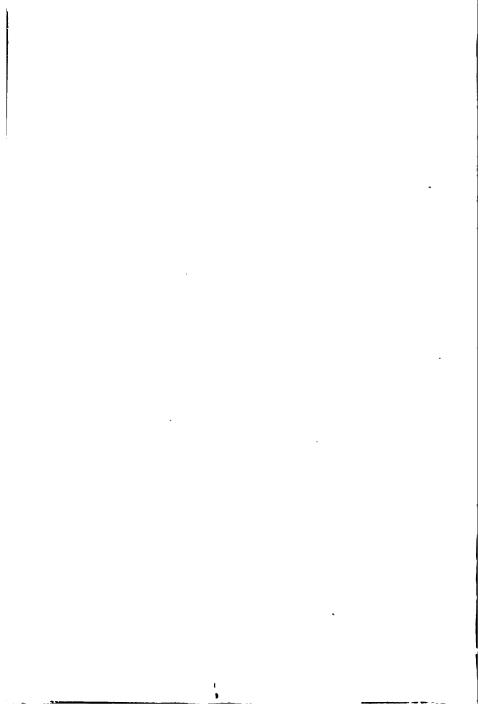
Maceió, 15 8bro 1907

Elysio Azevedo

Aos meus bons amigos

Dr. Aristoteles Callaça

E

Sebastião Fragoso

PROLOGO

A litteratura brazileira, não ha negal-o, atravessa neste momento a phase critica de seu desenvolvimento historico.

Estamos em uma epoca de duvidas e vacillações, de desanimos e incertezas.

Paira sobre os espiritos o sopro da fadiga, dando ás producções litterarias a tonalidade das cousas chatas e banaes, sem esse vigor da fé e do enthusiasmo, que alenta a idéa e vigora a phrase. E' certo que ha ainda uma brilhante pleiade de mocidade e talento, nomes que surgem e resplandecem como astros de primeira grandeza.

Podemo-nos orgulhar de criticos como Sylvio Romero, Araripe Junior e Raul Pompeia, de romancistas como

Aluizio Azevedo, de estylistas como Coelho Netto, de poetas como Olavo Bilac e Raymundo Correia, de polemistas como Constancio Alves. Mas as excepções que cito e outras que deixo de citar não perimem o conceito que enuncio. Tambem nos grandes naufragios surgem os nadadores valentes que vencem o mar revolto e chegam salvos á praia redemptora.

Povo novo, povo que acaba de fazer sem effusão de sangue duas grandes revoluções, uma social e outra politica, eliminando da sua organisação economica o elemento escravo e da sua organisação politica o elemento monarchico, o brazileiro deve ter a vitalidade energica e accentuada dos temperamentos jovens e vigorosos. E como a litteratura de um povo não é sinão a manifestação synthetica do seu modo de pensar e de sentir em um momento dado na historia, reflexo do meio social, a litteratura nacional deve dar a nota vibrante e eloquente dos

enthusiasmos juvenis, das convicções arraigadas e ardentes. Mas em vez desta pujança e desta força está debilitada e anemica, como um doente que se levanta de grande enfermidade.

Semelhante facto, que constitue uma singular aberração na lei do desenvolvimento evolutivo de um povo, precisa ser meditado para que se possa explicar a causa e apreciar a consequencia dos effeitos.

E é o que vamos tentar fazer.

No nosso entender o estado actual da litteratura brazileira tem como factores productivos a falta de comprehensão do nosso destino historico e a ignorancia quasi completa das correntes scientificas que dominam o pensamento moderno.

Desde a nossa independencia politica temos andado sempre errados, por havermos desprezado as fontes fecundas das tradições populares. Em vez de estudar a indole do nosso povo, seus ante-

cedentes historicos, modificados pela influencia do clima e do sólo, seus usos e costumes, sua religião, suas idiosyncrasias, preferimos copiar em uma imitação servil as litteraturas estrangeiras, especialmente a de França. O romantismo foi importado por Gonçalves Magalhães e o poeta repetio em voz pallida esse lyrismo sonhador e mystico de que Lamartine era então o applaudido cantor. Mas se na França fatigada pelo atheismo de Voltaire e dos encyclopedistas, esgotada pela grande revolução politica e pelas guerras de Napoleão, a alma procurava na religião paz e conforto e saudava em Lamartine a voz inspirada das suas aspirações, entre nós, povo que surgia para vida livre, emancipado da metropole, cheio de fé no seu futuro, não podia medrar essa poesia sonhadora, e Magalhães ficou sem discipulos, esgotando-se em producções inferiores ao muito que promettia sua brilhante estréa. Mais tarde, em S. Paulo, um espirito

eminente, Alvares de Azevedo, trouxe uma nota nova, mas tambem sem originalidade. Em logar de Lamartine imitou Byron, á poesia sonhadora e religiosa substituio a poesia sceptica, descrente, irreverente, affrontando todos os pudores e ridicularisando todas as crenças. Alvares de Azevedo era um talento quasi genial, teve discipulos e imitadores e durante longos annos em nosso movimento litterario só appareciam esses desilludidos de vinte annos, acabados e gastos, quando começavam a surgir para a vida e a luz.

Finalmente duas individualidades superiores, um poeta e um romancista, o cantor dos *Tymbiras* e o creador de *Iracema*, Gonçalves Dias e José de Alencar, tiveram a lucida intuição de que a litteratura nacional somente aqui no Brazil podia ter a sua genuina fonte, receber a idéa inspirada no seio fecundante da *alma-mater*. Era exacto o principio, mas erraram elles na applicação.

O indio poeticamente ornado lhes representa o typo genuino do brazileiro, senhor do territorio patrio, esbulhado pelo estrangeiro invasor, proscripto, escravisado, occultando no fundo d'alma a tristeza das victimas da justiça que succumbem á tyrannia da força, heroico, cavalheiresco, leal. Esta comprehensão do indio como factor dominante do caracter nacional é acanhada e falsa. Nem o brazileiro actual é um representante directo do indio, nem os primitivos habitantes do Brazil, na época da descoberta e da conquista eram esses personagens tão epicamente descriptos nos versos de Gonçalves Dias e nos romances de José de Alencar. Pelo contrario, embrutecidos, ebrios, traidores, falsos, jaziam neste estado de degradação de um povo que se dissolve, como um cadaver que se decompõe. E por uma lei de selecção historica tinham de fatalmente succumbir ao contacto de uma raça mais civilisada e mais forte. Não

houve um esbulho do territorio, um povo heroico batido pela força. Houve apenas o iniciar da civilisação occidental em regiões sepultadas na barbaria e nas trevas.

Felizmente este problema, o mais importante sem duvida da nossa historia litteraria, acha-se resolvido pelos magnificos e profundos estudos do Dr. Sylvio Romero. O eminente professor demonstrou que o brazileiro é o resultado do cruzamento de tres raças, o portuguez, o africano e o indio, que dessas raças, a 1· foi a mais poderosa por ser a mais civilisada e della recebemos a religião e a lingua, que a 2· influio como elemento de trabalho na organisação economica e na familia pelos serviços domesticos e relações de concubinato, que a contribuição da ultima foi justamente a mais insignificante e fraca. Este cruzamento, que as influencias dos factores physicos tambem modificaram, ainda não é um facto de todo consummado e concluido,

Maceió, 15 8bro 1907

Elysio [illegible]

Aos meus bons amigos

Dr. Aristoteles Callaça

E

Sebastião Fragoso

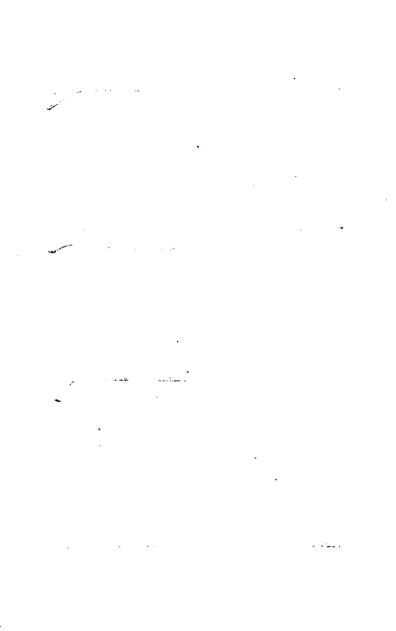
decem a uma systematisação methodica de conhecimentos, tem opiniões assentadas e definidas em religião,em moral, em politica e na arte, sabem para onde vão, consequentes e logicos ; em todos os problemas que affectam os destinos do paiz trazem sua contribuição proficua e valiosa. Refiro-me aos positivistas e especialmente aos seus dois eminentes chefes Texeira Mendes e Miguel Lemos. Não sou positivista. Considero o systema philosophico de Augusto Comte como o esforço intellectual mais poderoso deste seculo; mas em muitos e importantes pontos divirjo radicalmente do grande pensador. Não estou, porém, inhibido de prestar aos seus discipulos nesta terra o tributo da minha admiração.

O livro que agora se apresenta ao publico é o resultado de uma longa campanha na imprensa em prol de idéas,que quanto mais nellas medito mais verdadeiras se me afiguram.

Hesitei se devia deixar estes artigos

no esquecimento das folhas lidas, cobertas de pó, no silencio das bibliothecas, ou se convinha antes dar-lhes nova vida nas paginas de um livro. Decidi-me pela ultima hypothese. *Clama ne cesses.*

Não é de um jacto que a convicção se fórma e quem tem a sinceridade de suas idéas deve por ellas consagrar todas as energias de seu esforço.

E' o unico merito deste livro, sou o primeiro a reconhecel-o. Mas um adepto que elle conquiste paga de sobra todos os os desalentos soffridos.

THEATRO NACIONAL

THEATRO NACIONAL

Feita a proclamação da republica e iniciado assim o movimento da regeneração politica e social da patria, a mocidade que hoje surge na imprensa como representante do pensamento emancipado e livre entendeu ser tambem opportuna a occasião para reerguer o theatro nacional do marasmo e do abatimento em que se acha elle ha tão longos annos. Muitos artigos foram escriptos e publicados, diversas idéas suggeridas e uma representação levada ao governo para que convergisse sua attenção sobre este importante assumpto.

Não quizeram os emprezarios ficar alheios a este despertar da opinião e todos elles offereceram logo premios relativamente avultados aos que escrevessem peças dramaticas coroadas

pelo successo publico. Surgiram realmente dramaturgos, os cartazes annunciavam peças novas e parecia que em pouco a musica alegre e saltitante da opereta cederia logar á declamação grave e solemne destas patheticas situações onde se analysa a *psychose* humana.

Não foi porém duradouro este movimento. As peças novas desappareceram da scena, a opereta continúa a dominar e não temos hoje, sem tristeza e sem pezar do publico, uma só companhia dramatica, ainda mesmo incompleta e mediocre. A actividade litteraria dos nossos escriptores theatraes voltou-se de novo para a adaptação ou traducção dos *vaudevilles* francezes e revistas; e a senhorita Sophia Campos tem certeza de que por muito tempo ainda poderá exhibir, entre applausos estrepitosos, a flexibilidade gentil e seductora de seu *salero* andaluz.

Hoje pois que cessou este movi-

mento de renovação theatral, é licito aos que calmamente estudam as tendencias da opinião indagar se falhou o successo pela impericia dos meios ou se definitivamente a arte dramatica está destinada a desapparecer, como uma formula inutil e desnecessaria do sentimento esthetico.

Quem escrever o retrospecto litterario de 1890 não poderá deixar de mencionar quatro peças dramaticas, como as que mais despertaram o interesse publico, e dirá tambem que, exceptuada uma, as outras cahiram dentro de poucas representações; mas cahiram sem este estrepito glorioso, que assignala uma nova tendencia da arte e que é para o autor pateado um titulo de honra, como foi para Edmundo de Goncourt o desastre de *Henriette Marechale*. São estas peças—*Um caso de adulterio*, de Aluizio Azevedo, o *Crime do Porto*, de Soares de Souza Junior, *Portuguezes ás direitas*, de França Ju-

nior e o *Crime do padre Amaro*, de A. Fabregas.

Eu professo a maior admiração pelo talento de Aluizio Azevedo, considero-o actualmente o nosso primeiro romancista. Em uma outra terra onde mais se lesse e houvesse mais preoccupação pelas cousas da arte, o *Cortiço* teria provocado o mesmo ruido com que Zola abalou Pariz inteiro quando lançava ao publico estupefacto as paginas vibrantes do *L'Assommoir*.

E' um livro que ha de sobreviver ao seu autor, que será estudado pelas gerações vindouras como um documento consciencioso, exacto, completo, do viver e sentir das nossas classes operarias neste fim de seculo. Mas *Um caso de adulterio* não está na altura do grande romancista. Parece antes um escripto de occasião, feito ao correr da penna e ao desregrar da fantasia, sem a correcção do estudo e a severidade da reflexão.

Não prende a attenção do espectador, não lhe sacode os nervos nestas situações pungentes que provocam um grito de sympathia ou de odio.

Os caracteres se apresentam mal desenhados, sem este toque decisivo que assignala uma individualidade. E a solução deste problema difficil do adulterio, onde podem debater-se a honra ultrajada de um marido honesto e digno e a sensibilidade amorosa e doentia de uma mulher que, com a alma erma de affectos, busca febril e anciosa um pouco de amor, não foi original nem feliz. Já Craft a indicava ao romanesco João da Ega no ultimo romance de Eça de Queiroz. E não é natural que um homem de caracter entregue tranquillamente, como se offerece um charuto, aos braços do seductor a mulher que usa de seu nome, que era o encanto da sua vida e que deixa seu lar envolto na tristeza e seus filhos na orphandade. Nem todos derramarão sangue, mas ninguem terá

essa bohemia do heroe de Aluizio Azevedo. Uma obra d'arte para que vingue é preciso ser essencialmente natural e a solução paradoxal póde agradar ao espirito momentaneamente como novidade e surpreza, mas falta-lhe a consistencia bronzea que resiste ao perpassar do tempo.

Não foi mais feliz Soares de Souza Junior, e nem podia deixar de assim succeder. Seduzido pelo interesse que provocava o envenenamento de uma familia inteira, comprehendendo até infelizes meninos ainda no balbuciar da infancia, quiz o espirituoso poeta apresentar em scena o Dr. Urbino de Freitas, não como o descrevia a imprensa apaixonada—cynico e frio ladrão de herança atravez do crime, mas um pobre espirito enfermo que a loucura tirava á plenitude da consciencia e a responsabilidade moral. Era porém prematura a empreza. A luz ainda não estava feita

sobre o processo, como hoje mesmo não está completa.

Não havia certeza do envenenamento, ignorava-se o alcaloide empregado. E qual é o caracter do Dr. Urbino de Freitas, revelado pelos precedentes de sua vida? Não basta a leitura de Lombroso para fazer o diagnostico de um caracter. A loucura é principalmente um molestia de origem hereditaria e a esperança do ganho póde em um espirito são gerar calculos atrozes.

Construido pois sobre estes elementos deficientes e incompletos, o drama de Soares de Souza Junior não obteve o exito que ambicionava seu autor. Não foi uma peça moderna, de estylo seguro e vibrante, onde as situações se desenrolam com a naturalidade logica dos acontecimentos humanos. Nem mesmo conseguio ser um dramalhão, que não resiste á analyse do critico, mas que subjuga e domina a platéa pela emoção e pela sympathia. Ao assistir a

scena estopante do 4°. acto, uma sessão do jury com discursos de accusação e defeza, interrogatorio de réo e testemunhas, eu perguntava a mim mesmo se realmente este drama era escripto pelo poeta que dava todos os dias nas *Fanfreluches* provas de seu espirito, de um *humour* tão vivaz, de uma ironia tão delicada e tão fina.

Os Portuguezes ás direitas tiveram sómente um successo de estima. Ninguem reconheceu nesta peça o autor das *Doutoras*.

O jornalismo fluminense acolheu de lança em riste o *Crime do padre Amaro*; mas o publico respondia aos ataques da critica applaudindo estrepitosamente o drama em successivas e repetidas enchentes. E' bem notavel esta divergencia profunda entre o publico e a critica, e ella precisa ser explicada.

Quanto a mim, em casos taes, decido-me logo pelo lado do publico. Não ignoro que os criticos julgam as platéas

incapazes de comprehenderem as obras primas da arte, sem o tacto fino que apanha e percebe as bellezas litterarias, o diamante de pura agua entre joias falsificadas. Mas tive já ensejo de escrever, e hoje de novo o repito, que o publico não é tão parvo como julgam-n'o os artistas. Atravez da espessa carnação do burguez, pachorrento e gordo, ha uma certa veia sensivel e delicada que fareja a chamma do talento.

Assim como a mulher, por mais estupida que seja, tem um secreto instincto que a adverte immediatamente quando é amada, por mais timido ou reservado que seja o homem, assim tambem o publico, atravez das opiniões do critico, percebe na obra que lhe querem fazer rejeitar a chamma sagrada que a fortalece e vigora. O critico julga sob a impressão de seus odios ou de suas sympathias pessoaes, ao influxo de systemas e doutrinas preconcebidas que

diminuem a intelligencia no circulo estreito de uma opinião dogmatica.

O publico recebe a impressão como ella o fere na tecla do sentimento, enthusiasta e forte se o artista teve talento, inerte e fraca se lhe trahio a fortuna. O applauso sae-lhe espontaneo no bater das palmas se elle ouve estas phrases subitas e expressivas, que illuminam como um relampago um caracter e definem uma situação. Boceja tambem se o drama desenrola-se monotono e insipido. Mas applausos ou bocejos, tudo é natural. Assim o sente, assim o traduz. Eu não desconheço que o publico tem commettido as maiores injustiças, pateando obras primas e saudando mediocres e parvas, que em um circulo tão illustrado como Pariz têm sido acclamados Jorge Ohnet e d'Ennery e pateados Alfredo de Musset, Gustavo Flaubert, Emilio Zola, Affonso Daudet e Edmundo de Goncourt.

Mas a critica como se tem portado

sobre estes nomes tão illustres? Basta ler as parvoices de Sarcey sobre Zola.

Si o drama de Fábregas tivesse sido atacado sómente pelos serra-filas da imprensa, não valia a pena dar-lhes resposta. Ha, porém, entre os censores, nomes que se impõem. Faz-se, portanto, precisa sobre estas criticas, mais longa e detida analyse.

Olavo Bilac na *Gazeta de Noticias* affirmou ter Fabregas commettido um crime litterario, fazendo de uma obra prima uma tirada rhetorica, banal e palavrosa. Eça de Queiroz escrevendo o *Crime do Padre Amaro* não teve em vista fazer um livro de propaganda anti-clerical, mas um estudo de costumes, severo e exacto, sob os moldes rigorosos da observação naturalista. No entender do fulgurante chronista da *Gazeta de Naticias* faltava competencia ao dramaturgo para alterar a obra do romancista. O Padre Amaro viveu no romance contente e feliz, não confessava mais, é certo,

as raparigas solteiras para evitar as complicações que tanto susto lhe causaram; levava porém ás senhoras casadas a palavra santa de caridade e de amor. No drama a moral é vingada, o padre morre assassinado e o namorado infeliz orgulha-se de haver livrado a sociedade de um individuo pervertido e abjecto.

Arthur Azevedo, tão benevolo em suas apreciações, tendo sempre uma palavra de auxilio e de conforto a todos aquelles que trabalham, o que lhe dá, nestas lutas de rivalidades e invejas da nossa imprensa, um realce expressivo de sympathia, levantou-se entretanto indignado no *Correio do Povo* e taxou o drama, além de imprestavel sob o ponto de vista litterario, de francamente immoral e obsceno.

Não faço ao illustre escriptor dos *Flocos* a injustiça de suppol-o capaz de escrever um juizo critico sob a impressão de um sentimento de inimizade. Ad-

mira-me porém que em um espirito tão lucido e tão cultivado como o seu ainda faça impressão este horror pelas situações cruas e asperas e que tenha amor a esta escola litteraria, assucarada e meiga, onde se velam os segredos da natureza para as donzellas não corarem, onde chegou-se ao cumulo de corrigir Camões para que o immortal epico não manchasse com a viveza de suas descripções a alma immaculada das crianças. A arte não tem por fim fazer compendios de moral para o uso das escolas. Exige-se della unicamente que seja vivida, exacta, sentida, e portanto humana e verdadeira. O que nella revolta não é a crueza de suas descripções, mas a falsificação do sentimento e da vida. O que enoja não é a complacencia do artista na pintura das asquerosidades humanas, mas a falta de talento, a preterição de todos os processos da observação e da analyse. Por mais ardente que passe sobre a obra d'arte o sopro dos prazeres, descriptos

em larga exuberancia de cores animadas, o critico conserva-se frio, como o medico que em sua mesa de operação vê no corpo lindo da mulher apenas a materia que o virus morbido arruina e que seu bisturi tem de cortar e retalhar para restituir a saude e a força. Mas si em todo o caso deseja-se que o artista corrija e engrandeça o sentimento, desculpe-me Arthur Azevedo ponderar-lhe que o *Crime do Padre Amaro* é um drama profundamente moral.

Elle não excita como cantharidas o espectador para a dissolução e o deboche. O sentimento que desperta na alma é o da indignação e da revolta contra a hypocrisia e a infamia, a piedade para as infelizes victimas da luxuria libertina e devassa. E creio que são estes os sentimentos mais puros do altruismo moderno.

Não se respira pois no drama o perme do vicio. Ha a verdade, aspera e crua, é certo, mas austera e inflexivel.

E si por causa destes quadros desejava Arthur Azevedo a condemnação do drama em nome da moral teria de imitar o poderoso califa do Oriente e condemnar á fogueira todas estas obras primas do naturalismo moderno, desde Balzac até Zola, o que era simplesmente a destruição de tudo o que ha de mais elevado e de mais nobre na arte e no pensamento.

Não são mais procedentes as censuras do Olavo Bilac. A desvirtuação da acção do romance no drama é uma necessidade fatal, imposta pelas exigencias do palco. Fabregas tem para se apadrinhar o exemplo dos nomes mais illustres. Basta recordar a *Nana* e o *Assommoir*, que Busnach extrahio dos romances de Zola. E' largo o campo que no livro se abre ao escriptor. Elle amontôa seus documentos, estuda seus personagens, apresenta-os ao leitor no desenvolvimento lento e demorado da acção. Ha tempo para se definir o caracter que muitas vezes se revela em situações

pouco importantes. No drama porém a acção se precipita, as situações succedem-se rapidamente e são portanto necessarias estas palavras expressivas, estes actos violentos. Demais é diversa a natureza da emoção que disperta o romance ou o drama. No primeiro o leitor se extasia na forma litteraria, no estylo soberbo das descripções, na psychologia das paixões, no detalhe minucioso, exacto e fiel do meio onde se desenrola a acção.

No drama elle quer factos fóra do curso regular da vida, cousas extraordinarias, tragicas e solemnes, que lhe agitem os nervos dolorosamente irritados em uma sensação desconhecida e nova. Zola disse que o drama seria naturalista ou deixaria de existir. Mas confessou logo que ainda não havia apparecido o homem assás poderoso e forte que trouxesse a palavra esperada, a solução do problema, a formula da vida real sobre a scena, combinando-a com a lei

d'optica necessaria ao theatro. Mas este homem, accrescento eu, nunca apparecerá, porque sem *ficelles*, sem convenções, sem falseamento da verdade, o theatro é imposssivel. Ninguem quererá assistir a dramas onde veja unicamente as chatezas prosaicas da vida quotidiana. Fábregas cedeu pois a uma lei fatal e a critica não tem o direito de exigir do escriptor o sacrificio de seu drama em nome de uma coherencia mal entendida.

Exceptuado pois o *Crime do Padre Amaro*, foram infelizes as outras producções theatraes. A experiencia demonstrou portanto com o argumento irrefutavel dos factos consummados não ser a falta de incentivo monetario a causa da decadencia da litteratura dramatica.

O Dr. Affonso Celso, um dos mais brilhantes talentos litterarios da moderno geração, outr'ora propoz no parlamento que o governo désse premios aos escriptores nacionaes que escrevessem peças applaudidas. Não deu

o governo, mas offereceram-no os emprezarios e o expediente falhou como improductivo e esteril. Todos sabem que entre nós a litteratura não offerece meios de vida, abundantes e fartos, é pelo contrario uma carreira de provações e sacrificios. Entretanto esta difficuldade não prohibio que tivessemos um romancista como Aluizio Azevedo, um critico como Sylvio Romero, um poeta como Olavo Bilac, um chronista como Urbano Duarte, um polemista como Constancio Alves. Si tambem não appareceram dramaturgos, si Penna continua neste genero a ser a unica gloria nacional, é que o milagre da resurreição de Lazaro não se repete na historia. O dinheiro não faz brotar o talento. E' pelo contrario luctando com a miseria e a fome que o genio se avigora e fortalece, porque nunca o homem se revella mais extraordinario senão quando esmaga os obstaculos pela energia da vontade. Os

povos que a natureza dotou com a fertilidade do sólo e a facilidade da vida, ensina Buckle, estão condemnados á apathia e á miseria. Dá-se o mesmo com os individuos. Sob os tectos dos salões dourados é raro apparecer a perseverança no trabalho.

Não tivemos dramaturgos, não temos tambem companhias dramaticas. Os raros artistas de talento, ha poucos dias observava Arthur Azevedo, vão desapparecendo sem deixar successores. Lucinda Simões e Eugenio de Magalhães trabalham em terras de além-mar. Furtado Coelho vê-se obrigado a representar farças e Soares de Medeiros a ser ensaiador. O nome de Apollonia não fulgura mais nos cartazes e Clementina dos Santos parece estar completamente esquecida de haver out'rora subjugado as platéas sob a fascinação poderosa de seu talento, de uma vibratibilidade tão fina, tão nervosa e tão apaixonada.

Emquanto o drama assim desfallece

agonisante e moribundo, a opereta irradia-se triumphante em uma apotheose luminosa de *can-cans* e de requebrar de quadris, sensual e provocante. *Les dieux s'en vont* e a turma dos iconoclastas irreverente, sceptica, feroz, invade o santuario solemne e mysterioso, não para adorar a arte, mas para ver fórmas estatuarias, louras carnações, audaciosa nudez, e em vez da concentração respeitosa ouve-se sibilante e agudo, como um bramido de desejo, o grito de: — Quebra Sophia! Quebra Delorme!

E não podia deixar de assim succeder.

O que presenciamos é apenas uma consequencia de evolução artistica.

Alguns espiritos mais audazes, que não se deixam abater pelo desalento e que no meio desta triste realidade ainda conservam esperanças de melhor futuro, lembram como meios de regeneração a creação do conservatorio dramatico e a subvenção a um theatro onde

houvesse um repertorio escolhido de peças classicas e uma escola de declamação. O conservatorio, dizem elles, que actualmente revela sua existencia sómente pela occupação de um camarote convenientemente reformado e tendo em seu seio gente que entendesse da arte, como Arthur Azevedo, como Figueiredo Coimbra, como Moreira Sampaio se tornaria um factor energico no desenvolvimento litterario. Daria aos escriptores exemplos para aperseverança na luta, sua censura seria a critica imparcial e justa, livre das preoccupações dos annuncios e de desagrados de emprezarios; e, como a vestal do paganismo, encarregada de velar pela conservação do fogo sagrado, elle manteria as tradicções puras da arte neste regabofe de magicas e cancans, até que pela acção lenta do tempo se elevasse o gosto do publico, convenientemente corrigido e educado. Não temos actores, porque tambem não ha escolas para ensinal-os. O theatro sub-

vencionado, assim garantidos seus meios de vida, seria essa escola e lá teriam os actores estudiosos a lição e o exemplo que lhes aperfeiçoaria o talento.

Está hoje realisada esta aspiração com a creação do Theatro Municipal.

Bellos sonhos, bellas utopias, que a experiencia reduzirá em breve a amarga decepção. O Theatro Municipal não dará dramaturgos nem actores. Serão completamente estereis e improductivos os seus esforços, como toda intervenção do governo nas manifestações estheticas de um povo.

A arte precisa, para seu florescimento, ser completamente livre, e a intervenção official atrophia-lhe o vigor na decadencia das *coteries* e na esterilidade das imitações. Fosse composto o Theatro Municipal do que houvesse de mais illustre na nossa litteratura, seria inevitavel a luta das escolas, a divergencia das opiniões litterarias. E como

toda a idéa que triumpha, torna-se no decorrer dos tempos statica e reaccionaria, as manifestações novas da arte, as originalidades ousadas, seriam condemnadas em nome da moral. Para comprovar este facto basta recordar o exemplo da exposição annual da pintura em França. O jury official condemna systematimente tudo que se afasta da velha rotina, nunca quiz admittir os quadros do grande Manet. E' no *salão dos recusados* que se encontra as primaveris manifestações do talento, incorrectas ainda e vacilantes, mas tendo já o cunho superior que caracterisa o verdadeiro merito. Seriam tambem baldados os esforços para desenvolvimento da vocação dramatica. Em Portugal, quando triumphou na politica a evolução romantica, quizeram crear um theatro nacional e para dirigir o movimento estabeleceu-se o conservatorio, tendo á sua frente o escriptor genial que se chamava o visconde de Almeida Garrett. O divino cantor da *Dona Bran-*

ca tomou a serio o seu papel, trabalhou, escreveu dramas como *Fr. Luiz de Souza*, que é uma obra prima de litteratura universal, e *Um auto de Gil Vicente*, que é uma obra prima da litteratura portugueza. Entretanto a gloria dramatica não se projectou além de Garrett.

O theatro portuguez teve depois pallidos dias de imitação franceza em Mendes Leal e foi caindo até o estado presente, de *vaudevilles* e magicas, de operetas e traducções, onde apenas destaca-se Lopes de Mendonça com os soberbos alexandrinos de seus dramas historicos, como um protesto vivo contra esta decadencia da arte que degrada e avilta. Infelizmente para nós não ha mais a vara magica que fazia brotar a agua do rochedo esteril. Toda formula d'arte é a manifestação do pensar e do sentir de um povo. E quando não ha um pensamento a traduzir ou uma emoção a fazer palpitar, ella torna-se um symbolo inutil, sem significado e sem

vida e portanto fatalmente condemnada a desapparecer.

Não acredito que a escola de declamação venha a prestar os serviços que della esperam. O talento do comico é como o talento do orador, essencialmente espontaneo, e quanto mais natural melhor. Nenhum compendio de rhetorica conseguirá fazer falar bem quem não tiver em seu temperamento o dom da eloquencia. Nenhum orador, verdadeiramente digno deste nome, procura suas inspirações na solidão do gabinete, na calma da reflexão, na serenidade do espirito e no repouso das paixões. E' perante o grande auditorio, em frente ás massas que frementes aguardam a tribuna que lhe vem o enthusiasmo e lhe acode a inspiração; e então a palavra se lhe espadana dos labios prompta, energica, nervosa e apaixonada. Os discursos estudados trahem logo sua origem, conhece-se na melopéa da voz o tom monotono, sem vida, de um recitativo de-

corado. Assim é o comico. Para que elle subjugue as platéas, faça estremecel-as ao som de sua palavra é indispensavel que primeiramente se commova a si mesmo. Só depois de bem compenetrado do papel, só depois de sentir em si as paixões que agitavam os personagens do drama, é que elle encontrará as inflexões de voz, os gestos, as expressões de physionomia, esse conjuncto emfim de qualidades que caracterisam um artista superior. E ahi o publico estará conquistado, porque o artista lhe transmittiu a commoção que o dominava. Mas isto não se aprende na escola de declamação, é uma questão de temperamento, de maior ou menor vibratibilidade nervosa.

A tribuna, disse Cormenin, devora os grandes oradores. Ella fulminou de uma apoplexia a lord Chatam, quando terminava o mais eloquente de seus discursos, inutilisou Sheridan e matou na flôr dos annos o marquez de Valdega-

mas. Entre nós José Bonifacio, nesta campanha abolicionista que lhe immortalisou o nome, dizia que cada um de seus discursos era mais um prego para o seu caixão mortuario. Succede o mesmo com os actores. Esses grandes triumphos dramaticos esgotam-lhe o systema nervoso, pagam no leito da dor o ruido da victoria. Ainda ha poucos dias um dos meus amigos referiu-me que se achava em Paris quando Sarah Bernhardt obteve um dos seus mais notaveis triumphos. Tomado de assombro, quiz conhecer pessoalmente a grande actriz, e obtida uma apresentação para lá se dirigio, na persuasão de encontral-a orgulhosa e feliz nas alegrias da victoria. Sarah porém estava desfeita, abatida, corpo tremulo e mãos geladas, com todos os signaes manifestos de uma *neurasthenia* profunda. E qual é a escola de declamação que conseguirá ensinar aos seus discipulos essa identificação per-

feita entre o artista e o personagem do drama? Eu tenho visto muitas vezes em theatro actores fazerem declarações de amor de costas voltadas para a dama e as palavras dirigidas para o publico. Um pateta destes póde cursar qualquer escola de declamação, será sempre um banal recitador de papeis.

Entretanto, sem tirocinios escolasticos, apenas com as lições da experiencia, tivemos e temos ainda hoje actrizes e actores de verdadeiro merito e si fosse possivel reunil-os, constituiriam uma companhia dramatica de primeira ordem.

Lembraram-se tambem alguns jornalistas de propor um forte imposto sobre as companhias estrangeiras para diminuir a concurrencia e assim melhor garantir os interesses do theatro nacional.

E' um outro expediente improductivo. As companhias estrangeiras

ruins não têm concurrencia, são portanto inoffensivas. Porém se viessem celebridades, o imposto seria pago pelo publico, augmentados os preços dos logares. Ninguem, por mais ou menos dez tostões, deixaria de ver Judic ou Coquelin.

Qunnto a mim, não ha remedio possivel para salvar a arte dramatica. E' um genero fatalmente destinado a desapparecer, porque não traduz mais um estado emocional. E a crise é geral. Em França, na *alma-mater* da civilisação latina, o desastre se accentua de modo definitivo. Basta recordar um facto recente. Acabou-se de representar a *Cleopatra*. Assumpto magnifico, trata-se da rainha que trouxe suspensa a sorte do mundo romano, dependente do tamanho de um nariz. E o drama foi escripto por Victorien Sardou, tendo como interprete Sarah Bernhardt. Entretanto os jornaes francezes affirmavam que a attenção do publico con-

vergio principalmente sobre a aspide que devia morder Sarah. Discutio-se si ella era venenosa, si lhe tinham arrancado os dentes para tornal-a inoffensiva, indagava-se donde tinha vindo e qual o seu preço. Pobre dramaturgo! Pobre artista! Uma simples cobra foi bastante para escurecer-lhes a gloria.

Em todos os tempos e em todos os logares, affirma a sociologia, a arte precedeu a sciencia, porque o homem sentio primeiramente a emoção esthetica de um phenomeno physico para depois procurar saber-lhe a causa e explicar-lhe as leis reguladoras. A astronomia, por exemplo, deveu sua origem á sensação de admiração e de pasmo que aos povos pastores e nomades da Asia causava o espectaculo de uma noite serena, onde na vastidão do céo azul palpitavam myriades de estrellas.

Sendo assim, a arte é, como perfeitamente definio-a Emilio Zola, um pe-

daço da natureza visto atravez de um temperamento, ou antes, em uma accepção mais synthetica e mais vasta, é a manifestação do sentir de um povo segundo as influencias de seu desenvolvimento historico. Do mesmo modo que na evolução physica o homem adquirio pelo exercicio orgãos para o desempenho de suas funcções e perdeu outros que se atrophiaram e de que apenas restam vestigios, assim tambem o sentimento artistico se serve de formulas novas, abandonando outras que não se coadunam mais com o estado actual das sociedades modernas.

O seculo XIX, escrevia ha pouco Anthero do Quental, prefaciando a *Lyra Intima*, de Joaquim de Araujo, vê os ultimos poetas, assim como já vio os ultimos crentes. E eu accrescento que não é somente a poesia, a meiga e ridente poesia, que está condemnada a desapparecer. O theatro dramatico é tambem um condemnado á morte, para quem

não ha graça, porque já se contorce e estremece nos ultimos estertores da agonia.

E si examinarmos os seus differentes generos, as formulas diversas porque se manifestou, encontraremos em todos elles a decadencia senil, a esterilidade de uma servil imitação e o desprezo do publico.

O drama historico ainda é possivel? Seria elle, escreveu o grande mestre da escola naturalista franceza, o mais bello de todos os generos dramaticos, si o dramaturgo tivesse uma profunda erudição historica e fosse dotado de um talento evocador, de que é exemplo Michelet. Mas ninguem ainda reunio estes predicados. Todos os dramas historicos são *pastiches* ridiculas, onde a historia é torpemente falseada, onde os homens das éras passadas surgem no palco com os sentimentos, as idéas e as paixões das gerações contemporaneas.

Ha nelles apenas a mudança da

toilette, mas, sob os escudos, as longas capas, os calções de seda e as cabelleiras empoadas, ha o burgez que a revolução de 1789 fez surgir como a classe predominante da democracia moderna. São numerosos os exemplos. Os *Tres Mosqueteiros*, *A Rainha Margot, O Cavalheiro da Casa Vermelha*, de Alexandre Dumas, provocam o riso de quem tiver da historia simples noções, ainda mesmo superficiaes e deficientes. Os grandes engenhos naufragaram do mesmo modo.

Casimiro Delavigne escreveu *Luiz XI,* pintou o rei como uma figura sinistra, sombria e mesquinha, que a crueldade dominava, que se comprazia e alegrava no supplicio de seus inimigos. O grande poeta não comprehendeu o profundo politico, que, atravez de todos os obstaculos, conseguio pela energia de sua vontade, derrotando Carlos Temerario e a *Liga do Bem Publico,* salvar a França do desmembramento territorial

e livrar o povo do despotismo dos senhores feudaes. O proprio fundador do genero, o grande Walter Scott, não escapa de identica censura, e quem o diz é o sabio autor da *Historia da litteratura ingleza*. «De duzentos em duzentos annos, escreve Taine, mudam-se no homem a estructura das imagens e das idéas, as molas das paixões, o gráo de reflexão, a natureza das inclinações.

«E essas pinturas de um passado longinquo, que deixou o baronete de Abbotsford, são falsas.»

Si deixarmos a litteratura estrangeira para procurar exemplos entre os escriptores patrios, encontraremos no romance e no drama, em dois eminentes espiritos, José de Alencar e Castro Alves, a mesma falsificação da historia, os mesmos personagens do passado, descriptos sob as côres de uma phantasia desregrada ou com as paixões e sentimentos da nossa época. A *Guerra dos Mascates* de romance historico só tem o

nome. E' uma satyra da antiga politica monarchica, e no governador de Pernambuco, em seu secretario e no seu ajudante de ordens todos descobriram D. Pedro II e os viscondes do Rio Branco e de Nictheroy. O poeta dos escravos escreveu em *Gonzaga* o drama historico da revolução mineira. Mas os seus heróes, o seu Gonzaga, o seu Claudio Manuel da Costa, o seu Alvarenga Peixoto, o seu Tiradentes, estão bem longe daquelles typos exactos e conscienciosos que o Sr. Joaquim Norberto, á luz dos archivos e dos documentos historicos, tão bem descreveu em sua excelente monographia. O drama historico é, pois, um genero morto. Fizeram-se innumeras tentativas e todas ellas falharam, e quando assim demonstra a experiencia a inutilidade dos esforços, é loucura proseguir na empreza. As lições do passado devem aproveitar para ensinamento do presente.

Si o drama historico não póde vin-

gár, muito menos é licito esperar successo para o theatro classico, para as tragedias de Racine, solemnes e magestosas em sua serenidade olympica. Cada época tem a sua formula d'arte e seu escriptor que melhor a interpreta. Racine só podia apparecer e ser admirado no seculo de Luiz XIV, neste seculo da convenção e da mentira, das boas maneiras, dos salões, do amplo estylo, onde tudo se sacrificava ás apparencias, onde as abjecções as miseras se cobriam sob as lentejoulas douradas do esplendor e da gloria.

Racine foi o grande rhetorico do theatro, como Bossuet foi o rhetorico genial da historia. Ambos não passam de *magnifiques faiseurs de phrases*. Racine não penetrou nos intimos segredos da alma para de lá arrancar estes gritos de paixão que fazem da creação do artista um personagem vivo, indelevel, um Hamleto, um Othelo que hão de pairar á frente dos seculos como

uma sombra de angustia e de dôr. Calmo, frio e sereno, Racine fazia de seus personagens a personificação das paixões, não fortes, impetuosas, brutaes, mas reflectidas, civilisadas, discorrendo em longos discursos, de estylo soberbo e palavroso. Um de seus maiores admiradores, Taine, vio-se forçado pelo senso critico que o distingue a reconhecer esta verdade. «O *Achilles* de Homero, escreveu elle em seus *Novos ensaios de critica e de historia*, não é o *Achilles* de Racine. O primeiro foi descripto como um selvagem feroz, de peito cabelludo, que queria comer o coração e a carne crua de Heitor, que, tendo morto o pai, toma uma hora depois a filha para concubina, que mata homens e cavallos sobre a fogueira de Patroclo e rugindo de dôr levantava os braços contra o céo. O *Achilles* de Racine é um cavalheiro encantador, orgulhoso de sua raça e ardente como um moço, mas discreto, polido, da melhor

sociedade, respeitoso para com as captivas, enternecendo-se sobre a sua sorte, pedindo permissão, de chapéo na mão, para apresentar-se diante dellas e lhes offerecendo galantemente o braço para pôl-as em liberdade». O nosso seculo, de analyses psychologicas e de duvidas, de methodo experimental e de observação acurada, não tolera mais esta maneira futil, superficial, de inteira convenção e empolada rhetorica com que os escriptores do seculo de Luiz XIV burilavam seus periodos, suprindo pela amplidão da phrase a deficiencia da idéa.

O theatro classico é ainda lido como documento de estudo de uma época, mas não póde voltar de novo ao palco, porque não satisfaz as aspirações do nosso tempo, educado sob um regimen tão profundamente differente.

Antes de proseguir nesta série de considerações seja-me permittido acu-

dir a uma observação, que talvez já tenha despontado no espirito do leitor.

Póde parecer estranho que, occupando-me principelmente do theatro nacional, analyse escriptores de litteratura estrangeira. Mas não é uma digressão. Primeiramente, na litteratura de todo povo ha duas grandes correntes, uma que lhe é propria, peculiar, sujeita ás influencias do clima, da raça, da topographia do paiz e de outros factores physicos, e outra que acompanha a orientação geral das tendencias philosophicas da época. Nós, brazileiros, principalmente obedecemos cegamente á influencia da França. Somos na poesia parnasianos como Lecomte de L'Isle e no romance naturalistas como Emilio Zola. Quem se occupar do theatro nacional tem pois de se occupar tambem do theatro francez como da fonte inspiradora. Em segundo logar, eu sustento que é trabalho perdido tentar regenerar o theatro dramatico,

porque elle é fórmula morta da arte, e para demonstrar esta these não posso encontrar melhor argumento do que recorrer á litteratura do povo que tem sido na historia o representante mais illustre da civilisação latina..

A época moderna é de investigação e de analyse, tem sêde de conhecer os mais intimos segredos da alma, as hesitações mais occultas da consciencia. Ella se apraz e deleita-se no espectaculo terrivel das paixões desencadeadas, soffrega de saber os verdadeiros factores constitutivos de um caracter. Como correspondencia natural deste estado de espirito appareceu a alta comedia ou antes o drama philosophico, tendo como fim a discussão destas theses arduas da psychologia moderna. Tres escriptores em França foram logo proclamados os mestres do genero, o publico applaudia seus dramas em successivas e repetidas enchentes e cada vez que Emilio Augier, Dumas Filho e Victorien Sardou escre-

viam uma nova peça, a critica as saudava como um destes grandes acontecimentos litterarios que assignalam na historia de um povo uma phase nova e decisiva.

Para quem entretanto estuda uma obra da arte calmamente, sem se deixar deslumbrar pelo ruido que cerca o nome do autor, nenhum destes escriptores sobreviverá á geração contemporanea, não passam de filizardos da sorte, que a irreflexão enthusiasta de um publico frivolo elevou a uma altura a que não correspondia seu merito. O que, porém, mais admira é tambem se terem deixado arrastar nesta vertigem de admiração espiritos superiores, dotados de senso critico penetrante e fino.

Emilo Augier especulava em todos os seus dramas com o personagem sympathico, não procurava descrever uma destas situações pungentes e dolorosas, onde se sente vibrar a força irresistivel de uma paixão que aniquila a honra, a

moral, o dever; elle emocionava primeiramente o publico, fazendo-o esperar alguma coisa de tragico e de solemne. Mas depois tudo acabava bem. A virtude triumphava, o vicio era descoberto e estygmatisado e os personagens virtuosos encontravam a recompensa que o Deus da justiça reserva aos eleitos da fé. «A rectidão de espirito, a generosa honestidade de coração, a moral de um rigor stoico, escreve Julio Lemaitre, formam a alma de todo o theatro de Augier.»

Mas esta moral era uma moral de convenção, sentimental e falsa, preparada para fazer as burguezas chorarem, mas que não se inspira na dura realidade da vida. O leitor conhece naturalmente *Os Fourchambault*, o mais notavel drama de Emilio Augier, que elle mesmo considerava como sua obra predilecta.

Basta, pois, recordar-lhe o enredo em traços rapidos. Fourchambault, ain-

da rapaz deshonra Mlle. Bernard, que era professora de piano de uma sua irmã. A ingenua menina fica gravida, mas Fourchambault pela desigualdade das posições recusa-se desposal-a.

Mais tarde Fourchambault constitue familia, tem filhos; é feliz em seus negocios, passa a existencia faustosa de um banqueiro opulento. Ao lado da familia legitima vivia na pobreza, mas honestamente, a familia bastarda. Mme. Bernard educou seu filho na escola do dever e do trabalho e o moço tornou-se cedo uma potencia no mundo commercial. Os gastos de Fourchambault eram superiores aos seus rendimentos, o banqueiro ia fallir, ficar pobre e deshonrado quando o filho bastardo vinga nobremente a deshonra de sua mãi e o esquecimento em que era tido, salvando seu pai da catastrophe imminente.

Se alguma lição de moral se póde tirar de semelhante drama é que as familias honestas vivem na dissipação e

no prazer e as meninas deshonradas no trabalho e no dever; é que os filhos bastardos são uns heróes extraordinarios e, portanto, para o aperfeiçoamento da raça humana deve ser abolido o casamento. E é esta a grande moral, stoica e generosa, que Julio Lemaitre aponta como caracteristica da obra de Augier! O dramaturgo francez queria sómente applausos e sabia que a platéa estaria domada pelo personagem sympathico do bastardo, apparecendo como um anjo salvador que castigava seu pai pela nobreza de seu procedimento. E' bonito, mas para ser uma obra prima falta-lhe simplesmente a força da verdade, que perdura atravez dos tempos.

Dumas Filho não herdou de seu illustre pai a phantasia assombrosa que o distinguia. Faz garbo em ser um homem de pouca imaginação, mas de profunda observação nas cousas da vida. A verdade, porém, é que não passa de um espirito meticuloso que, querendo ser ori-

ginal, escreve paradoxos e absurdos, que, em vez de situações novas onde revele um aspecto desconhecido do coração ou do espirito, dá apenas quadros inverosimeis, como nos romances de Montepin ou Richebourg. Seria dar a estes artigos um desenvolvimento por de mais fatigante analysar todos os dramas deste escriptor. Escolho, portanto, em seu vasto repertorio o mais afamado e em *l'Affaire Clemenceau* se encontrarão todos os defeitos e todos os absurdos que distinguem este espirito singular. Clemenceau, esculptor de talento, é um homem serio e grave, que passa os dias ridentes de sua mocidade sem essas loucuras proprias de um temperamento ardente. Um dia encontra-se com Isa Kohronowzha, filha de uma condessa polaca, gente desconhecida, suspeita, de costumes exquisitos e vivendo de expedientes. Clemenceau apaixona-se de Isa e em pouco tempo estão casados. Então este homem grave e serio,

que em sua mocidade não deu escandalos, que foi sempre de um comportamento irreprehensivel, faz sua mulher *posar* nua em seu *atelier* para modelo de seus bronzes e expõe assim aos olhos do publico os secretos encantos que o pudor mandava velar, que a dignidade e a honra não permittiam assim torpemente devassar. Isto é abjecto, revoltante, mas Dumas Filho não pára ahi, vai além. Assim debochada pelo marido, Isa não desmentio a educação que recebeu.

Teve amantes não por amor mas por dinheiro, traficava com seu corpo. Um dia Clemenceau descobre tudo, expulsa-a de casa e parte para uma viagem a Italia.

Ao voltar, sempre apaixonado por esta mulher, que cobrira de lama o seu honrado nome, a encontra horisontal da moda, sob os dourados esplendores da grandeza e da elegancia. Isa manda cha-
-o. Confessa que ainda o ama, mas

que tem necessidade de seus amantes para satisfazer as exigencias de seu luxo. Póde-se porém remediar a situação; nas horas vagas ella receberá Clemenceau, seu marido será o *amant de cœur*, escondido e gratuito. Clemenceau não fica atrás em infamia, aceita a proposta e quer logo que a primeira entrevista tenha logar nesta noite. Mas Isa tinha o tempo occupado, não poude ceder.

Dumas Filho lembrou-se de haver escripto o celebre *Tue-la* de *l'homme-femme* e que era preciso salvar a moral em um desenlace pungente. Clemenceau só então recorda-se que era um marido ultrajado e que somente o sangue da mulher adultera póde lavar a affronta da honra. Apunhala Isa em desespero feroz de ciume.

Basta esta exposição para caracterisar e definir o drama. Não se commentam torpezas, ellas revoltam e enojam.

E é a um escriptor destes que a

critica denomina o philosopho do theatro contemporaneo.

Foi Victorien Sardou mais infeliz do que os seus dois rivaes. Já começou para elle a hora da critica inflexivel e justa. O desastre da *Cleopatra* tirou para o publico o dourado que cobria o idolo. A critica parisiense não considera mais Victorien Sardou como um artista apaixonado da sua arte e zeloso da sua dignidade profissional, um homem de estudo e de trabalho, cheio de nobres estimulos e alentadas ambições. Vio nelle hoje o que sempre foi, um *bacleur d'affaires*, um ganhador de dinheiro, especulando com o reclame pomposamente annunciado a toque de tambor e charamelas.

E quem assim procede não é um homem de letras, é um especulador e *chacun à sa place*.

Sarcey, que representa na critica o bom senso burguez, pesado e justo, sustenta que sem *ficelles*, sem conven-

ções, sem falseamento da verdade o theatro é impossivel, porque ninguem assistirá a dramas onde veja unicamente as chatezas prosaicas da vida quotidiana. A escola naturalista, que tem no romance feito estas obras primas de observação e de analyse, processos monumentaes do viver e do sentir das sociedades modernas, não admittio a sentença do critico do *Tempo* e procurou conquistar o theatro, impondo ás platéas a formula nova da grande arte. Foram porém desastrosas todas as tentativas. A *Henriette Marechal*, de Edmundo de Goncourt, a *Arlesiana* de Affonso Daudet, *Thereza Raquin*, de Emilio Zola, cahiram dentro em poucas representações.

E' certo que nenhum destes grandes romancistas aceitou como expressão do juizo do publico a pateada de seu drama, cada um explicou o facto como circumstancia peculiar de occasião. Não foi ao litterato que patearam,

disse Edmundo de Goncourt, mas ao amigo da princeza Mathilde. Não tenho *coteries*, escreveu Daudet, e é por isto que me faltaram os applausos da imprensa. A critica, explica Zola, aproveitou a occasião de ferir a quem lhe tem dito bem amargas verdades.

Estas explicações todas porém não passam de explosões da vaidade offen dida, que não quer se submetter ao veredictum do publico. Sarcey tem razão em parte. Os processos longos e demorados do naturalismo contemporaneo não se adaptam ás exigencias do palco. Sem convencionalismo o theatro é impossivel e como estamos em uma época de methodo experimental, de industrialismo pratico e positivo, o convencionalismo romantico torna-se gasto, carnavalesco, ridiculo e portanto é o theatro dramatico uma fórmula morta da arte.

Com effeito, este fim de seculo assignala-se na historia pela descrença e

pelo scepticismo. A alma humana estrebucha sem uma religião que a console e sem uma philosophia que a alente. A doutrina do meigo Nazareno, de paz e de amor, não resistio á critica da sciencia e com ella se foram perdidas as illusões da vida de além tumulo, a consoladora esperança de uma existencia mais feliz. O mais eminente pensador do seculo tentou dar a synthese scientifica das tendencias da época, mas a obra de Augusto Comte, apezar do seu grande merito, veio acabar em um catholicismo disfarçado.

A curiosidade soffrega, impertinente, apoderou-se de nós e á força de querer tudo saber, de conhecer as leis reguladoras, o homem duvidou de tudo, bateu as idéas antigas, desprezou os sentimentos que seus antepassados veneravam e, como não tinha nada para substituir, ficou na demolição e na ruina.

Os velhos alicerces da sociedade,

as garantias da ordem, foram abalados em seus fundamentos. A propriedade é o roubo, disse Proudhon. O casamento é a prostituição em nome da lei, definio-o Yves Guiot. A' doutrina dos escriptores respondeu a logica dos factos. Os communistas apoderam-se de Paris, commettem atrocidades barbaras e derramando petroleo reduzem a cinzas os monumentos da gloria nacional. O adulterio é hoje nos tribunaes um processo quotidiano e no banco dos réos sentam-se os representantes mais illustres de um nome glorioso. E' na Inglaterra um Parnell, um Charles Dilkes. Na Italia Crispi respondeu por um processo de bigamia. Na Austria o herdeiro da corôa suicida-se com a baroneza de Vetzera.

Neste vacuo de sentimentos e de idéas, a vida material, o gozo physico apodera-se do homem e o absorve. Elle não vê mais no azul de seus sonhos a branca flor do ideal, como em noite de

pavorosa tempestade brilha para o marinheiro afflicto a estrella polar da bonança. Quer o prazer como a plebe romana na decadencia do imperio pedia á magnanimidade dos cesares *panem et circenses*. Trata logo de enriquecer, não á custa do trabalho perseverante, das dolorosas privações, da economia, mas no jogo da Bolsa, rapido, electrico, onde os milhões surgem de um dia para outro e as fortunas improvisam-se, mysteriosas e subitas.

Mas a saciedade do gozo traz o embotamento dos sentidos e é preciso descobrir uma nova sensação, fustigante e aspera, que galvanise os nervos entorpecidos. E então revelam-se os escandalos de uma abjecção sem limites. Em Londres a *Pall Mall Gazette* descobrio o trafico de virgens para saciarem com sua carne fresca e tenra a luxuria dos velhos lords. E mal terminava o écho deste facto, quando se descobrio em um lupanar grandes aristocratas praticando

em crianças lubricidades que faziam delles uma mancha sobre Sodoma.

Em Paris uma senhora de alta aristocracia trahe indignamente a confiança de um valente marinheiro que lhe havia dado o seu honrado nome e para bem terminar este romance mata o filho do adulterio, tendo como cumplice um membro desta magistratura que se impunha ao respeito do mundo inteiro por uma probidade immaculada e uma sciencia profunda. A attenção da policia desperta e descobre uma quantidade de parteiras que viviam de provocar abortos em donzellas timidas, ou senhoras casadas por demais benevolas.

Acabado o opiparo jantar, mordendo o charuto no canto da bocca, o homem moderno sente a somnolencia pesada das digestões mal feitas. Arruinado, dyspeptico, o estomago recusa-se trabalhar com a desejada presteza. E então lá vai o homem para o theatro emquanto espera a hora da ceia e do

amor. Não lhe perturbem porém a febre cybarica com cousas complicadas e difficeis que precisam da attenção do pensamento, ou com historias tragicas e sentimentaes que lhe abalem os nervos em emoções sacudidas e fortes. Para que o *Ruy Blas* ou o *Hernani ?* São muito lyricos e elle não percebe bem estes sentimentos de uma época já extincta. Nada tambem de dramalhões. Fatigam estas historias de envenenamentos e assassinatos, faz a gente ter pesadelos. Quer uma cousa ligeira, alegre, que se comprehenda logo, e onde tambem os sentidos se possam excitar vendo os braços nús da actriz ou uma perna bem torneada que a meia de seda deixa admirar em sua musculatura rija. Agrada-o a musica de Offenbach, alegre, saltitante, ligeira. E' pois a opereta o seu genero predilecto, na apotheose luminosa das canções brejeiras, parvas e obscenas. Não se julgue porém segura em seu triumpho a filha de Offenbach.

Como o tempo e o habito perde a droga a força excitante e faz-se mister um novo remedio mais energico e mais forte. Appareceu já a *dansa do ventre* e ella foi o grande successo, *the great attraction*, da exposição de Paris.

A multidão disputava a murros os logares para ver este requebrar de ancas, lubrico e aphrodisiaco, que incendiava o sangue como esses philtros amorosos de que rezam as lendas medievaes. No dia em que aqui chegou a primeira bailarina da *dansa do ventre*, os theatros de operetas fecharam as portas por falta de frequentadores. E tu, Aurelia Delorme, apezar da tua grande popularidade, tu, Sophia Camps, apezar da graça primaveril dos teus dezenove annos, tu, Rosa Villiot, apezar de teu talento, vós todas, cantoras de operetas, procurasteis debalde os partidarios que vos applaudiam. A turba-multa se agglomerava compacta, ruidosa, no Eldorado, junto da nova deusa, que ella saúdava com o

bater de suas palmas e corôava com ramilhetes de violetas e rosas.

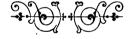
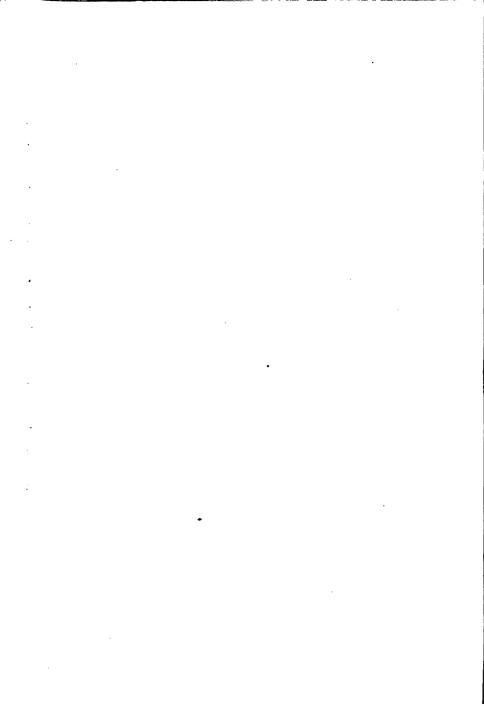
E ainda chegará o dia em que a *dansa do ventre* com seus excitantes de cantharidas se tornará um divertimento ingenuo e infantil, proprio para o recreio de collegiaes em férias, mas que fará bocejar os homens encanecidos na vida dissipada dos prazeres. E então, quem sabe? por uma lei de atavismo que mais de uma vez se tem reproduzido na historia, resurgirão as festas do paganismo. Abrirão de par em par suas portas de bronze os novos templos de Babylonia, e, no dia da grande deusa, donzellas timidas, de olhos baixos e faces avermelhadas de pejo, irão offerecer em sacrificio a branca grinalda de larangeiras. A ilha de Chypre será de novo consagrada a Venus e de todo mundo, desde a loura Germania até o Brazil que o sol equatorial queima e abraza, correrão os peregrinos em piedosa ro-

maria para queimar perfumes á filha da branca espuma das vagas.

Não ha mais que duvidar. Arte nobre, austera, immaculada, tu que foste o encanto de Shakspeare e a gloria de Moliére, dorme em paz o somno do esquecimento e da morte. Na sociedade moderna não ha mais logar para as expansões das tuas alegrias, serenas e puras. Já começou o abandono de teus mais dilectos adoradores. Furtado Coelho, em quem vias a mais bella encarnação de teu genio, desappareceu talvez para sempre da scena.

E aquellas que não te esqueceram, que como douradas abelhas impolutas sómente sugam mel na corolla das flores, estão ahi esquecidas ou fugidas, como Lucinda Simões, trabalham em terras de além-mar, como Clementina dos Santos, retiram-se do palco em um abandono de desalento e de tristeza.

Ainda uma vez, arte nobre, austera, immaculada, tu que foste o encanto de

Shakspeare e a gloria de Moliére, dorme em paz o somno do esquecimento e da morte. Terás porém na historia da litteratura o logar sagrado das recordações queridas, porque a sombra das ruinas grandiosas e bellas sempre captiva e admira.

A MULHER BRAZILEIRA

A MULHER BRAZILEIRA

NA

EVOLUÇÃO INTELLECTUAL DO BRAZIL

Em todas as épocas de grande desenvolvimento litterario, quando surgem novas fórmulas para a sciencia e a arte, affirma a historia, ha sempre uma mulher dominando com sua magica influencia o movimento renovador, como si o talento do homem nada pudésse inventar sinão aquecido ao doce conchego e ao tepido perfume das saias. E' triste e vergonhosa talvez essa confissão para o orgulho do homem, mas não é um paradoxo brilhante, uma phantasia de artista; demonstra-se-lhe a verdade com factos tão repetidos que até parece constituirem uma lei no

desenvolvimento evolutivo da dynamica social.

O seculo de Pericles foi para Athenas o apogeu de sua grandeza e tambem o ponto culminante da civilisação hellenica. Orador e estadista, philosopho e general, homem de acção e homem da palavra, Pericles é na opinião do eminente historiador allemão Weber o personagem mais completo e mais sympathico da historia antiga e pôde dizer nos seus ultimos momentos que nunca tinha feito um cidadão vestir as roupas de lucto, palavras nobres que retratam a generosidade de seu caracter. Sob o seu longo e grande governo Athenas dominava a Grecia inteira. As ferteis planicies da Eubeia estavam occupadas pelos seus colonos, Samos entregava-se após um cerco heroico de nove mezes, sua frota dominava o mar Egeu e as ilhas tributarias recebiam as ordens de seus embaixadores. De todo o mundo corriam mercadores para aquelle emporio com-

mercial, desde as nações banhadas pelos vagalhões do mar de Tyro até as colonias da costa do Mediterraneo.

Nesta grandeza politica, quando Sparta ralada de inveja reconhecia submissa a superioridade da sua rival, as artes e as letras juntavam ao dominio da força os esplendores do genio e produziam estas obras primas que immortalizaram na historia a civilisação hellenica. Phidias construia o Parthenon e o Odeon e modelava no marmore a estatua gigantesca da deusa protectora da cidade, que o marinheiro avistava de longe, no alto mar, primeira imagem da patria que lhe surgia aos olhos saudosos, após a prolongada ausencia. Socrates reerguia a philosophia, abatida nas disputas vãs dos sophistas, e definindo a immortalidade da alma e a essencia pura do espirito creador lançava as bases do espiritualismo moderno.

Sophocles, Euripides e Aristophanes creavam o theatro, o primeiro

com seus dramas onde a analyse dos caracteres e a luta das paixões se desenham vigorosas e firmes, o segundo com seus dialogos e seus discursos, pomposos e soberbos como as declamações de Racine, o terceiro com suas comedias de uma satyra mordaz e ferina.

Dominando essa genial expansão de um povo, subjugando o estadista illustre que synthetisava em si as aspirações da patria, surge, bello e fascinante, o perfil de uma mulher. Era uma simples *hetaira*, tinha vindo de Mileto procurar fortuna em Athenas, trazendo como unica recommendação os dotes de seu espirito e os encantos de seu corpo. Pericles a viu em uma representação de um drama de Sophocles e dominado de uma destas paixões que subjugam uma existencia inteira, repudiou a mulher para com ella casar-se. Dahi em diante foi a sua musa inspiradora e quando a inveja a accusou de impie-

dade, o grande politico, proferindo o mais eloquente de seus discursos, pedia ao povo que poupasse esta cabeça a que Athenas devia sua gloria e sua força, pois era a conselheira dos planos que elle apenas executava. E Aspasia viveu e junto della Phidias pasmava em uma admiração de artista, respeitosa e muda, Alcibiades aprendia as leis da elegancia e Socrates discutia graves questões de moral e philosophia. Mais justa do que os contemporaneos a posteridade não chama seculo de Pericles ao grande desenvolvimento da civilisação hellenica, chama com mais razão o seculo de Aspasia.

A renasçença representa para o mundo moderno, sepultado até então nas trévas da idade média, o despertar das artes, das sciencias e das letras. Gutemberg descobria a imprensa, e os livros, monopolio dos conventos, espalhavam-se profusos pelas massas avidas de saber. A polvora dava nova orien-

tação á arte da guerra, substituindo a bravura indomita dos cavalheiros pela força disciplinada dos exercitos. Aluiam-se os castellos feudaes, e a autoridade do rei, constituindo a unidade territorial das nações, firmava-se nos trechos do direito romano, commentados pelos jurisconsultos da escola de Bolonha. Dos mares tenebrosos, nunca antes navegados, surgia a America, inundando com seu ouro o velho mundo; e os portuguezes descobriam o caminho das Indias, firmando em Ormuz, com a espada heroica de Albuquerque, o predominio da civilisação occidental. Os gregos fugitivos de Constantinopla revelavam as obras primas da antiguidade, Aristoteles era commentado, Erasmo escrevia o elogio da loucura e Luthero prégava na Allemanha a emancipação da consciencia contra a tyrania do dogma.

No solo fecundo da Italia, banhado pelas aguas azues do Mediterraneo e aquecido de um sol brilhante e tepido,

que allumia sem esbrazear, as artes surgiam eternas e geniaes. Miguel Angelo era um colosso de força. Architecto, edifica a basilica de S. Pedro; esculptor modela a estatua de Moysés no tumulo de Julio II; pintor, desenha o juizo final. Benevenuto Cellini, Leonardo de Vinci, Ticiano, a quem Carlos V apanhou o pincel, enchem os conventos de quadros que ainda hoje causam o desespero dos artistas modernos. Mais doce, mais idealista, procurando retratar na suavidade do rosto a pureza da alma, Raphael pinta as *madonas* como vingança da immortalidade contra a curta duração da sua vida.

A poesia alava-se nestes poemas heroicos que deixavam de pertencer á litteratura de um povo para tornarem-se obras primas da litteratura universal. Tasso escrevia a *Jerusalem libertada*, Camões os *Luziadas*, Ariosto o *Orlando furioso*.

Todos estes grandes artistas da *Re-*

nascença têm junto de si uma pallida e sympathica figura de mulher, animando-lhes a existencia, inspirando-lhes o genio. Tasso apaixona-se pela filha do duque de Ferrara e por causa della é preso em um carcere, guardado dez annos como louco. Camões nunca esquece D. Catharina de Athayde atravez suas longas peregrinações pela India. Benevenuto Cellini, por causa de uma mulher, fez-se assassino. Raphael vê uma camponeza lavando os pés nas aguas do Tibre e desde esse momento a Fornarina torna-se sua amante extremecida, o modelo de suas *madonas*, até matal-o na flor dos annos em um esgotamento nervoso pelo excesso dos prazeres.

Os grandes espiritos, que escreveram a *Encyclopedia* e foram os inspiradores da grande revolução franceza de 1789, não procuravam no grande publico a luz e o conselho. Era nos salões destas empoadas marquezas que Wa-

teau reproduzio em seus pasteis immortaes que elles liam seus livros e recebiam as criticas, crentes fervorosos de alguma loura e poetica sybila.

Voltaire está ligado indissoluvelmente a Mme. de Chastelet como o cynico e ingrato João Jacques Rousseau á Mme. de Warrens. No salão de Mme. Tencin viviam Fontenelle e Montesquieu e junto de Mme. Geoffrin reuniam-se Helvetius, d'Alembert, Diderot e Marmontel.

O romantismo, que foi para a litteratura deste seculo o mesmo que a revolução franceza foi para a politica, a emancipação do pensamento contra as regras e preceitos do passado, dá ainda um argumento da influencia da mulher sobre o espirito do homem, inspirando-o como genio tutelar. Basta citar o primeiro e mais illustre dos escriptores romanticos, o visconde de Chateaubriand. O homem eminente, que commoveu a Europa inteira com o *Genio do Christia*

nismo, que ajudou poderosamente a quéda dos Bourbons com a sua opposição no *Jornal dos Debates*, que deu na dynastia dos Orleans o primeiro e rude golpe com o celebre grito na carta á duqueza de Berry—*Madame, votre fils est mon roi*—diplomata, orador, jornalista e acima de tudo litterato e estylista, esquecia sua mulher legitima para illuminar-se no espirito e na belleza da grande hetaira moderna, Mme. Recamier.

Acostumados a vêr na evolução das litteraturas estrangeiras a mulher apparecer sempre musa inspiradora do homem, desde o seculo brilhante de Pericles até o grave e genial visconde de Chateaubriand, ficamos immensa e dolorosamente surprehendidos de não encontrar vestigios da sua influencia na litteratura nacional. Sim, é uma triste verdade, mas que com franqueza deve ser dita, a mulher brazileira até hoje tem sido um elemento nullo no desenvolvimento intellectual da nação.

E' certo que somos um paiz ainda muito novo, quasi sem historia, de uma raça em formação, e que, portanto, não temos tido esses periodos de expansão artistica, notados na historia de outros povos. Mas esta observação attenuante não basta por si só para explicar este singular phenomeno, esta excepção unica a uma lei da dynamica social. Não temos e nem ainda podiamos ter seculos de gloria litteraria, como o de Leão X ou o de Luiz XIV. Mas já temos alguns vultos notaveis, que vencem o esquecimento dos tempos, e nelles não se encontra esse perfil delicado, meigo e sympathico da mulher, dando no seu sorriso a força e a coragem, a inspiração e o enthusiasmo.

No largo periodo colonial, atravéz as chronicas enfadonhas dos frades e os roteiros dos jesuitas, atravéz algumas tentativas promettedoras mas que cedo murcharam, quatro vultos se impõem á analyse do critico como representantes

de uma individualidade propria, primeiros pródomos do genio nacional, que procura achar a sua fórmula artistica, independente e original. São Gregorio de Mattos, Basilio da Gama, Santa Rita Durão e Gonzaga. Em nenhum delles ha a força inspirativa da mulher; pelo contrario, se ella apparece, é para fazer figura triste.

Gregorio de Mattos, o primeiro e até hoje unico dos nossos poetas satyricos, é a encarnação palpitante e vivida do genio nortista, alegre, expansivo, parlador, descuidado e dissipado, gostando de mulatas e de tocar modinhas ao violão.

Teve uma vida de aventuras romanescas, mais tristes do que alegres e que elle supportava com o bom humor de seu genio. Filho de paes abastados, formou-se em Coimbra e, residindo algum tempo em Lisboa, exerceu logares importantes na magistratura. O arcebispo D. Gaspar Barata, vindo á Bahia,

trouxe-o comsigo, deu-lhe ordens menores, fel-o vigario geral. Mas o genio alegre e satyrico do poeta não podia conformar-se ao mundo hypocrita das sacristias, entre intrigas de padres e rezas de beatas velhas. Brigou com o arcebispo, exerceu a advocacia, mas tantas satyras publicou contra personagens importantes da terra que o governador o desterrou para Angola. Perdoado depois, regressou para Pernambuco e ahi passou vida de menestrel ambulante, correndo de engenho a engenho, até que falleceu. Este poeta foi casado com uma viuva, D. Maria de Passos. Mas não lhe correu feliz o casamento, separou-se da mulher, que, portanto, nenhuma influencia exerceu sobre seu espirito, sinão talvez o de dar-lhe aborrecimentos e desgostos.

Basilio da Gama, autor do *Uruguay*, Santa Rita Durão, autor do *Caramurú*, escreveram os dois melhores poemas epicos da nossa litteratura. Estes poe-

mas do periodo colonial são superiores aos que appareceram depois da independencia, ao *Colombo* de Porto Alegre, á *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães, aos *Tymbiras* de Gonçalves Dias. Têm mais energia, mais acção, mais exacta e segura orientação da nossa nacionalidade.

O primeiro, de um brilhante colorido de fórma e uma exuberante opulencia de imagens, descreve a luta dos indios contra a conquista do territorio, o protesto de um povo vencido esbulhado em nome da força.

O segundo, mais terno, mais suave talvez, tem entretanto mais alto alcance philosophico, é a glorificação do elemento portuguez, trazendo a uma região rica e vasta, entregue a indios inertes, preguiçosos, corrompidos, a civilisação e o progresso.

Na vida destes dois homens não ha vestigios de mulher. Santa Rita Durão m frade e um professor ; quando

não rezava no socego da sua cella, leccionava theologia na universidade de Coimbra. Basilio da Gama, antigo discipulo dos jesuitas, soffreu por causa disto perseguições. Remettido preso para Lisbôa afim de ser desterrado para Africa, valeu-lhe a protecção do marquez de Pombal e em Lisbôa correram serenos os dias de sua vida, modesta e sem ambições.

Emquanto a litteratura da metropole definhava na esteril e mediocre imitação dos antigos, na somnolenta semsaboria de arcades e pastoras, aqui no Brazil, em Minas, um poeta trazia a nota pessoal, nova, commovedora e intima de um lyrismo são e ardente. Era um coração que falava e sentia atravez da rhetorica inchada dos poetas do tempo. Gonzaga, que em seu alentado espirito havia sonhado um Brazil livre e republicano, amou tambem uma mulher, como só sabem amar os grandes poetas, preoccupação unica da existencia, fóco lumi-

noso para onde convergiam, quaes douradas abelhas impollutas, as santas aspirações immaculadas da sua alma sonhadora.

Mas aqui, neste drama de amor, quando pela primeira vez apparece em plena evidencia na historia litteraria a mulher brazileira é para fazer figura bem triste. Emquanto Gonzaga era rico, feliz e estimado, o amor lhe sorria nos olhos e nos labios da sua Marilia, D. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas. Condemnado e proscripto, tendo de partir para Africa, donde nunca mais voltaria, Gonzaga pede-lhe que suavisasse os tormentos do exilio, trazendo ao seu infortunio o alento e a esperança na doce communhão do amor. Esta mulher indigna tem a triste coragem de desmanchar um casamento já contratado. O poeta parte. Ferido em suas illusões mais santas, em seus sonhos de patriota e em seus sonhos de amor, morre pouco depois em terra estranha, sem uma voz amiga que

lhe murmurasse a prece da agonia. E ella continuou a viver alegre, indifferente, até succumbir de velhice, desdentada, idiota e feia.

Si assim foi no periodo colonial, hoje as cousas continuam do mesmo modo. E' completamente nulla a influencia da mulher no desenvolvimento litterario; talvez nem saiba dizer o nome dos nossos romancistas mais distinctos, dos nossos poetas e artistas mais inspirados. Perguntai a uma menina de alta roda quem é Aluisio Azevedo e Rodolpho Bernardelli. Ella não sabe que o primeiro tem escripto a *Casa de Pensão* e o *Cortiço*, livros que hão de sobreviver a muitas gerações, e que o segundo é o grande estatuario nacional. Qual o salão aqui onde se falla de litteratura e de arte, onde são convidados em disputada preferencia os escriptores e os poe-

tas? A dansa, o jogo e o canto constituem as unicás diversões.

Quando aqui se diz que um sujeito qualquer é um homem de salão póde-se antecipadamente descrever o typo, todo embonecado, rescendendo a perfumes como filho de um cabelleireiro, enamorado de si mesmo, dizendo banalidades e parvoices, futil e parvo, insignificante e nullo. Ensina-se ás meninas a fallar francez, mas não se lhes ensina a lingua patria, sendo até de bom tom banil-a nos grandes circulos. Ellas devoram, tremulas de admiração, os romances idiotas que a França exporta para o consumo exclusivo do estrangeiro, mas nunca leram os livros de Alencar ou esses romances tão caprichosamente esmerados do Sr. Machado de Assis.

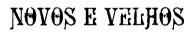
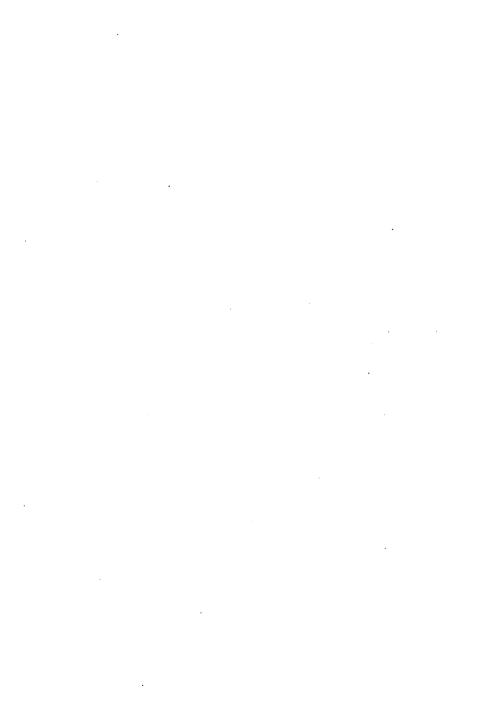
Aquellas que, rompendo com um meio tão hostil, atrevem-se a cultivar

as lettras, fazendo-se escriptoras, devem logo resignar-se aos sarcasmos mais pungentes e ás chufas mais grosseiras. Contestam-lhes o talento e babam as mais vis calumnias sobre sua honra de mulher. Raramente recebem uma palavra de animação e, si alguem as saúda, é logo suspeito de ser seu amante.

Semelhante facto, essa nullidade do elemento feminino nas lutas da intelligencia, essa indifferente abstenção pelas lettras e pelas artes, impõe-se ás meditações do pensador e do philosopho.

Qual será o futuro de um povo, onde o caracter do homem é formado por elle mesmo, sem o concurso benefico da mulher? Qual será o resultado de uma civilisação assim desabrochada? Abrindo unica excepção a uma lei da dynamica social, talvez sejam magnificos os resultados do esforço exclusivo do homem.

Mais timido, mais receioso, eu confesso que preferiria ver minha patria na

regra geral das nações e que a mulher, em vez de ser um simples objecto de luxo caro para encanto dos sentidos, fosse a companheira intelligente e dedicada, inspirativa e consoladora, para as lutas fortes do pensamento e as esgotadoras energias da arte.

NOVOS E VELHOS

Novos e Velhos

Regressando de Caxambú, onde a placidez estrellada das noites de verão era apenas perturbada pela harmonia da musica ou pelo ramalhar das larangeiras em flor, encontrei na imprensa fluminense, agitada e forte, uma polemica litteraria. Disseram-me que surgia uma escola, brilhante pleiade de mocidade e talento, querendo impôr-se ao publico como guia do pensamento nacional, em nome de uma nova fórma da arte e da destruição de velhas reputações, sem titulos resistentes á critica imparcial e justa.

Dei-me ao trabalho de ler o que tem escripto os novos escriptores da nova escola, e conclui que aqui, nesta ter-

ra tão illustrada, é muito facil entretanto agitar o espirito publico em questões insignificantes e futeis. Não ha neste juizo, devo desde já declarar, falta de apreço aos rapazes que tão bravamente affirmam suas idéas litterarias, com a coragem das convicções sinceras e o enthusiasmo dos verdes annos. Por um delles, Oscar Rosas, tenho sympathias pelo seu bello talento de *conteur*, afirmado de um modo notavel no *Tysico*, conto com que se apresentou no concurso litterario do *Correio do Povo*. Ma snão se discutem personalidades, nem se mede a bitola de um talento. A questão versa unicamente em saber si a nova escola litteraria traz realmente uma nova formula da arte, si esta formula é aceitavel e portanto a propria no momento actual para disciplinar os espiritos em uma orientação positiva e exacta.

Digo francamente o meu pensamento. A nova escola litteraria não trouxe uma nova formula da arte, distingue-se

pelo contrario por uma concepção atrazada; que a sciencia moderna ha muito condemnou.

Ninguem contesta que nas sociedades humanas influem para seu desenvolvimento as forças estaticas e dynamicas, de cujo equilibrio resultam as alavancas da mecanica social. As forças estaticas representam os elementos conservadores da ordem e da paz, como as forças dynamicas as do desenvolvimento e progresso. Comprehende-se perfeitamente que, si sómente dominassem as forças estaticas, as nações vegetariam na inercia e na apathia, como estes povos musulmanos que a resignação fatalista tem condemnado ao desapparecimento inglorio. E' preciso portanto infundir sangue novo, cheio de vida e de força, aos elementos estaticos, quer na politica como na sciencia, quer na litteratura como na arte.

Si é este o pensamento dominante dos *novos*, eu o aceito e applaudo. Mas

não têm elles o merito da innovação, compete em primeiro logar ao eminente pensador da philosophia positiva. Já Maudsley tambem considerava a morte um factor do progresso, porque eliminava os velhos, inimigos das mudanças no *statu quo*, permittindo assim que nas novas gerações surgissem as novas idéas. Em sua *Historia do romantismo*, Theophilo Braga, commentando e applaudindo a theoria do profundo physiologista inglez, cita o exemplo de dois grandes revolucionarios—Victor Hugo e Michelet, tornados nos ultimos tempos da vida inimigos das idéas novas, que destruiam suas theorias romanticas. Convem portanto não immobilisar o pensamento na adoração dos grandes mestres, dando a critica os seus direitos e ás novas gerações o seu logar. Estas idéas são justas, repito, mas os *novos* não a inventaram. Muita gente já anteriormente as havia escripto e pensado.

Querer, porém, romper completa-

mente com o passado, quebrar os élos da tradição historica, é desconhecer o grande principio da evolução que Comte formulou na lei dos tres estados. A humanidade não anda aos saltos como tambem não retrocede de sua marcha progressiva. Cada geração recebe da que a antecedeu uma grande somma de conhecimentos, e deve transmittil-os aos seus vindouros mais augmentados. Já é uma velharia de que ninguem mais se occupa a theoria de que a humanidade tem épocas de deslumbrante fulgor e tambem de decadencia senil. A idade-media, apontada como exemplo de retrogadação, foi melhor estudada, e Littré pôde comprovar a superioridade desta época sobre a civilisação romana.

Os *novos* desconhecem esta grande cadeia da solidariedade historica. Até agora nada ha que preste e, como tambem elles ainda não escreveram livros, está o paiz sem litteratura e sem arte.

Não póde tambem passar sem pro-

testo a maneira agressiva e sobremodo injusta com que tem sido julgados homens que sempre procuraram dar ás lettras todo o concurso de seus esforços e de seu trabalho. José de Alencar merece da mocidade contemporanea o respeito affectuoso com que se julga uma bella intelligencia litteraria. Foi elle um dos primeiros a affirmar, e isto quando todos se curvavam á supremacia portugueza, a possibilidade de termos uma litteratura original e propria. Lutou e trabalhou em defeza desta idéa, e por ella soffreu sarcasmos pungentes dos escriptores de além mar. Commetteu, é verdade, o grande erro de procurar nos indios o elemento tradicional da nossa litteratura, a alma-mater do caracter nacional. Mas este erro foi tambem partilhado pelos espiritos mais eminentes da época, por poetas como Magalhães e Gonçalves Dias. E era um reflexo do romantismo politico influindo sobre o ideal litterario. No tempo da

independencia, quando se tornaram mais irritadiças as rivalidades entre aborigenes e reinoes, muitos homens politicos importantes, como entre outros o visconde de Jequitinhonha, renunciaram seus antigos nomes de familias e adoptaram nomes de indios. Fizeram do mesmo modo os nossos litteratos. Procurando firmar as bases da nossa litteratura, eliminaram o elemento portuguez e encontraram no indio o factor principal desta nacionalidade que hoje se impõe como o primeiro povo da America do Sul. Gravissimo erro, duas vezes falso, porque o portuguez era o mais civilisado das tres raças constitutivas do povo brazileiro e portanto vencedor fatal na lucta da selecção e tambem porque o indio se achava no ultimo gráo de abjecção e de miseria, e em vez de ser o heróe expulso da terra patria, não passava de um covarde, mentiroso e traiçoeiro. Mas uma concepção erronea no ponto de vista historico não basta para inutilisar um litterato da ordem de José de Alencar. Outros e bri-

lhantes titulos lhe asseguram na historia da nossa litteratura um logar proeminente. Elle foi antes de tudo um artista, na mais elevada accepção desta palavra. Uma obra de litteratura não vive sómente da profundeza do pensamento ou da subtileza da analyse psychologica. A fórma que reveste o pensamento é tambem um assumpto elevado. Todos os que escrevem para o publico sabem por experiencia propria e dolorosa quanto custa limpar, preparar e brunir estas phrases que parecem cahidas ao correr da penna. E este tormento afflige tambem os grandes mestres. A Balzac, entumesciam-lhe as fontes e inchava-se-lhe o cerebro no desespero do trabalho. Gustavo Flaubert era um incontentavel. Sete annos levou a escrever a *Madame de Bovary*, depois de haver riscado, corrigido, ampliado uma série enorme de esboços. José de Alencar era um estylista de primor. A palavra na sua penna é como o brilhante nas mãos de dextro lapidario, irradia-se, fulgura, deslumbra de mil modos como as infindas va-

riações de um kaleidoscopio. *Diva*, *Senhora*, *Luciola*, são inquestionavelmente, encaradas á luz da physio-psychologia, monstrengos moraes. Mas entretanto que paginas esplendidas se encontram nesses perfís de mulher, e quem assim escreve póde ter direito ao juizo que Littré, em seu disçurso de recepção na Academia Franceza, formulou sobre Villemain—uma bella organisação litteraria, diminuida por uma pessima escola.

Seja-nos tambem licito perguntar aos *novos* quaes os antecedentes historicos da sua escola.

Com effeito, a experiencia nos ensina que nenhuma revolução litteraria surge bruscamente da cabeça de um escriptor, como Minerva do cerebro de Jupiter, armada e forte. O naturalismo, que na litteratura franceza contemporanea triumpha como ultima formula da arte, não deve sómente a Zola os principios fundamentaes de seu programma.

Antes do genial auctor dos *Rougon—Macquart* começar esta série de romances

que lhe immortalisaram o nome, já Stendhal havia escripto suas analyses psychologicas, tão profundas e tão subtis, já Balzac havia lançado ao mundo estupefacto os typos assombrosos da *Comedia humana*, já Gustavo Flaubert publicara *Madame de Bovary*, livro eterno, onde as gerações vindouras conhecerão a vida e o sentir da burguezia franceza no reinado de Luiz Felippe. Os *novos* não têm predecessores e, o que ainda é mais admiravel, não têm livros. Querem destruir, mas não se dão ao trabalho de estudar e de escrever.

E' hoje impossivel repetir essa bohemia de 1830, que seduzio e perdeu a mais de um talento promettedor. A inspiração não nos vem de um raio branco do luar ou de um céo azul recamado de estrellas. Não palpita na fumaça azulada do charuto ou na espuma perfumada do *champangne*. Ella nasce mais humilde, porém mais forte e mais constante na tosca mesa de pinho, suja de tinta, onde á luz tremula da stearina o escriptor passa

as suas noites, sereno a trabalhar. O pensamento é uma funcção do cerebro, como a digestão é uma funcção do estomago. Como todo orgão se atrophia á falta de exercicio, quem não estuda não póde produzir livros. Ao poeta não vinha ao caso a certidão da idade para o bom vinho e a mulher bonita. Pouco me importa tambem a idade do escriptor; eu quero simplesmente admirar nelle o talento que seduz e essa fórma divina do bello, que é o encanto de todos os peregrinos da arte.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Sob o titulo — *O romance do romancista* — publicou o Sr. Alberto Pimentel um longo estudo biographico de Camillo Castello Branco. Este livro, anciosamente esperado, pois eram conhecidas as estreitas relações de amisade que prendiam o biographo ao seu illustre biographado, não correspondeu á espectativa publica. E' um trabalho mediocre, de insignificante merito.

Não traz particularidades intimas, anecdotas desconhecidas, que tanto servem para a analyse psychologica do escriptor, surprendido no abandono de seu lar, sem a *pose* artificial das convenções mundanas. Não é um estudo profundo, completo, do

caracter do homem e da obra do escriptor, como o que Zola escreveu sobre Gustavo Flaubert e Taine sobre Balzac. O livro do Sr. Alberto Pimentel é em sua maior parte reunião de trechos auto-biographicos de Camillo Castello Branco, esparsos na collecção enorme de seus volumes. A tesoura trabalhou mais do que a penna; é antes uma collectanea do que uma obra propria e original.

Entretanto os que não conhecem a vida de Camillo Castello Branco, devem ler o livro do Sr. Alberto Pimentel. Escripto em um estylo despretencioso e facil, offerece o palpitante interesse de um romance. O titulo foi felizmente escolhido. Desde o berço até o tumulo, desde os primeiros clarões da infancia até á cegueira e o suicidio, a vida de Camillo Castello Branco foi um verdadeiro romance tragico e sentimental, pesava-lhe dura a fatalidade, tinha nascido sob a luz sombria de uma estrella funesta, ao canto lugubre de aves agoureiras.

Vou tentar resumir em ligeiros esboços as principaes phases desta existencia tumultuosa, lutando sempre contra as explosões violentas de seu temperamento, do meio asphyxiante em que se debatia, até morrer pauperrimo, vivendo de uma pensão concedida pelo rei e approvada pelo parlamento, e isto depois de haver escripto em dezenas de livros a historia completa, exacta, minuciosa e fiel dos usos e costumes da sociedade portugueza contemporanea.

Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa a 26 de Março de 1826. Não conheceu as alegrias da familia, o doce encanto de um sorriso materno. Era filho natural de Manoel Joaquim Botelho Castello Branco e sua mãi, Jacintha Rosa de Almeida do Espirito Santo, morreu, deixando-o orphão de poucos mezes.

Abandonado neste mundo, Camillo Castello Branco foi recolhido na aldeia de Samardan, em Trás os Montes, em companhia

de uma irmã casada com o Dr. Francisco José de Azevedo, medico conhecido e respeitado, que, na simplicidade austera de seus costumes, recordava a rijeza inflexivel do stoicismo spartano. Tinha elle comsigo um irmão padre, Antonio de Azevedo, e foi este modesto e virtuoso parocho de aldeia quem fez a primeira educação do futuro romancista. Até os quinze annos, em companhia tão digna, a vida de Camillo correu facil e serena, como a infancia commum dos rapazes, entre os folguedos e risos e as horas de estudo. Mas, em 1841, essa natureza ardente, romanesca, iniciou a primeira de suas aventuras.

Camillo apaixonou-se por uma aldeã, Joaquina Pereira, e, como a rapariga fosse honesta, não hesitou em casar-se com ella, ainda tão moço, sem recurso para os encargos pesados da sustentação da familia.

Comprehende-se facilmente que um casamento feito assim, sob a excitação ardente dos sentidos, não podia ser feliz, logo que

os nervos se acalmassem pela saciação da posse. Camillo brigou com o sogro, separou-se da mulher, que pouco tempo depois morreu para tranquillidade sua e descanso do marido. Mandaram-no ao Porto para estudar na escola polytechnica e elle matriculou-se na aula de chimica. Mas o estudo das sciencias experimentaes, aridas, positivas, disciplinando o espirito nos methodos da observação e da experiencia, não podia agradar a um talento essencialmente imaginoso, de uma phantasia exhuberante e desregrada. Em vez de ler os seus compendios, de aprender a composição e decomposição dos corpos, Camillo metteu-se em uma nova aventura de amores, que lhe custou algumas semanas de prisão na cadeia da Relação do Porto. Quiz casar-se novamente e seu tio João Pinto da Cunha, para evitar este enlace que considerava tão infeliz como o primeiro, fez encarcerar o apaixonado estudante. Mais tarde os inimigos de Camillo, no ardor das polemicas litterarias, attribui-

ram esta prisão a um movel vergonhoso, ter elle furtado do tio joias e baixelas no valor de 20.000 cruzados. Mas João Pinto da Cunha desmentiu nos jornaes energicamente esta calumnia infame, restabelecendo a verdade dos factos. A moça, porém, era maior e desprezou os sacramentos da igreja e as formalidades da lei. Desta união passageira teve elle uma filha, D. Bernardina Amelia Castello Branco. Camillo foi um pai desvelado, educou a menina no mosteiro de S Bento até 1865, quando ella casou-se.

Abandonando as aulas da Escola Polytechnica, Camillo foi a Coimbra. Mas curta estada teve nessa cidade. Rebentou a revolução de Maria da Fonte, e um aventureiro escossez, Macdonald, aproveitando-se da guerra civil, organizou guerrilhas em nome da causa legitimista. Camillo alistou-se enthusiasmado entre os voluntarios da causa de D. Miguel, escreveu versos incitando a coragem e a dedicação de seus partidarios. Não esteve em combate, não respirou o acre

cheiro da polvora, mas essa pandega bambochata custou-lhe uma forte cacetada que o espancou, vibrada por um celebre *Olhos de boi*, capanga dos Cabraes.

Terminada a guerra civil, dominou-o o mysticismo religioso. Os livros ecclesiasticos tornaram-se sua leitura favorita; teve desejos de ser padre e requereu até licença para tomar ordens menores. Mas o mundo de novo o attrahiu com a seducção fascinadora de seus gozos.

Uma vida assim dissipada, sem alvo determinado, sem um ideal que alenta e fortifica, devia necessariamente produzir a fadiga, o cansaço, o aborrecimento.

Camillo estava desgostoso, e, com estes bruscos movimentos impulsivos que o distinguiam, resolveu suicidar-se Felizmente para a litteratura portugueza, dous amigos seus, Manoel Negrão e Pinto de Magalhães, chegaram a tempo de arrancar-lhe das mãos o vidro de opio.

Regressou ao Porto e então resolveu

dedicar-se exclusivamente á vida litteraria. Estava achada a profissão, descoberto o genio, e do seu cerebro iam jorrar, palpitantes e vivos, esses romances que, através das gerações e do perpassar dos tempos, hão de immortalisar o seu nome, emquanto se escrever e fallar a lingua de Camões e de Garrett, emquanto tambem existir a terra que serviu de berço a Durão e Mont'Alverne.

Antes, porém, de entrar no periodo calmo do estudo e do trabalho, no retiro de S. Miguel de Seide, *sub tegmine fagi*, tinha ainda de passar por uma dolorosissima provação.

E' o grande capitulo da sua vida, o celebre processo de adulterio, que deu ao seu nome a notabilidade do escandalo.

O grande romancista russo Ivan Tourgueneff, que, na opinião de Julian Schimidt, é o primeiro romancista do seculo, como Schoppenhauer é o seu primeiro philosopho, conta em uma de suas interessantes narra-

tivas que, até á idade de 30 annos, elle ignorava o que era a gloria.

Mas, caçando durante a guerra da Criméa nas lagôas da Russia Central, sahio-lhe ao encontro um camponez e pedio-lhe que explicasse quem era Palmerston. Se alguma cousa é a gloria, diz o romancista russo, é ter o seu nome repetido em semelhante logar e por semelhante gente.

Se a gloria consiste nessa comprehensão do grande escriptor slavo, Camillo a teve durante esse processo, dada pelos amores antes de lhe ser dada pelas lettras.

Em 1848, a mocidade que escrevia no Porto, que representava as aspirações e tendencias litterarias da época, estava dominada de um romantismo exagerado, terrivel, quasi hydrophobico. A França tinha feito sua gloriosa revolução, depondo a dymnastia avarenta e antipathica dos Orleans, acabando com o doutrinarismo dogmatico e exclusivista de Guizot e seus adeptos. Subira ao poder o immortal cantor de Jocelyn e Victor

Hugo na assembléa nacional prégava a paz universal e a fraternidade humana. Passava por todos os espiritos um forte sopro de lyrismo, o desejo de uma nova éra de regeneração e de amor.

Brilhante de seiva juvenil e de talento era a pleiade dos novos escriptores do Porto. Figuravam entre os mais distinctos Faustino Xavier de Novaes, Ricardo Guimarães, Guilhermino de Barros, D. João de Azevedo, Manuel Negrão, Evaristo Basto, Barbosa e Silva e Oliveira Pimentel. Camillo Castello Branco alistou-se entre estes rapazes e em breve a superioridade de seu talento irradiava-se entre elles em uma projecção luminosa como a chamma forte de um incendio, açoitada pelo vento. Inaugurava-se o folhetim, a critica theatral, a chronica dos acontecimentos da semana, perdendo o jornal o velho ar carrancudo, transformando-se no tóm ligeiro, alegre e espirituoso da imprensa moderna.

Estes rapazes reuniam-se em ceias lau-

tas no botequim do Guichard e, como tal divertimento não bastasse á energia fogosa de seu temperamento, faziam correrias nocturnas, dando e levando muita cacetada. Preoccupavam-lhes tambem as luctas theatraes e foi celebre a disputa entre os partidarios das duas prima-donas, Belloni e Dabedeille. Camillo enfileirou-se no grupo da Belloni, que, segundo elle descreve, era feia, enfermiça, casada e de mais a mais honesta.

O enthusiasmo attingia as raias da loucura.

Uma tarde elle entrou com Aluizio Seabra no botequim da *Ponte de Fedra* e soube que os partidarios da Dabedeille offereciam a esta diva um opiparo banquete. Não hesitaram os dois rapazes. De taça em punho entram pela sala do festim e bebem provocadoramente á saude da Belloni. Foi uma tempestade medonha. Aluizio Seabra recebeu uma estocada e Camillo sahio incolume, graças á generosa e energica intervenção de dois amigos.

Mas na noite seguinte, na platéa do theatro S. João, armado de uma atroadora corneta de lata, inaugurava pateadas a Dabedeille.

O que, porém, reunia todos estes romanticos em uma identificação completa de vistas, era a guerra mortal, terrivel, sem treguas, ao pobre burguez, inoffensivo e pacato. Nos folhetins crivam-n'o de epigrammas e de ironias, de insultos ferinos e pungentes sarcasmos.

Nos romances descreviam-n'o parvo, tolo, ridiculo, barrigudo e obeso, ornando-lhes sempre a testa grandiosas vegetações. Para o triumpho definitivo da arte, para que a litteratura pudesse espiritualisar os costumes e apurar o gosto, era indispensavel a eliminação desse grotesco elemento social, resistente a todas as innovações, em sua inercia de mollusco, passivo e molle.

Guerra, pois, ao burguez, com esse odio insaciavel e violento com que os *sans culottes* de 1791 perseguiam os velhos representantes da aristocracia franceza.

E assim occupado entre as composições de seus livros e as pandegas de noctivago, ia Camillo vivendo até 1860, quando soffreu o celebre processo de adulterio com D. Anna Augusta Placido, depois sua mulher, a actual viscondessa de Correia Botelho. Camillo descreve assim esta senhora, cuja paixão dominou-lhe a existencia inteira: "E' encorpada, mas a robustez não desdiz da gentileza. Não tem attitude alguma de estudo e parece esculptural em todas ellas. Nos mais communs movimentos ostenta graça e garbo, que vem de seu natural, e ninguem o dirá se a não tiver visto em toda a sua desaffectada singeleza, no recesso das suas occupações caseiras. E quando a vi lembrou-me a Grecia, as artes em requinte de pompas, a numerosa familia das Venus, todos esses marmores eternos que hão de sobreviver á mythologia dos anjos, dos archanjos e dos seraphins." Apaixonados loucamente, tiveram de sujeitar-se á dura fatalidade da lei, affirmando no martyrio da prisão e no desprezo de todas

as convenções sociaes a intensidade de seus affectos.

O marido ultrajado recorreu á protecção da justiça publica, os dois amantes foram presos na cadeia da Relação do Porto e o processo proseguiu em seus tramites regulares. A burguezia triumphava, tomava sua desforra do seu terrivel inimigo, neste escandalo enorme que lançava seu nome por todo o paiz nas hypocritas indignações de uma moralidade fingida. Espalhavam-se as maiores infamias, contra as quaes debalde lutava a amizade generosa de um outro illustre infeliz, o eloquente orador Vieira de Castro. Era preciso que Camillo pagasse, sob o pretexto do crime do adulterio, o crime ainda mais negro de ter talento e originalidade em uma sociedade de mediocres e banaes. Os homens que dão á sua individualidade o destaque expressivo de uma superioridade manifesta hão de ter sempre contra si os dentes aguçados da inveja, como as mulheres formosas, felizes no amor, são as

victimas predilectas das solteironas e das feias.

Mas esta bravia explosão de odios não dobrou a altivez do grande romancista. Resistiu impavido, sereno, como os robles gigantescos das florestas seculares affrontam firmes a furia dos cyclones.

No fundo do carcere escrevia e trabalhava, e seus artigos de polemica e de critica scintillavam de verve e de ironias, como si fossem feitos na placidez de uma vida feliz, ao claro dia e ao claro sol. D. Anna Augusta Placido encontrou tambem em seu amor forças para resistir a este escandalo, que brutalmente enxovalhou a sua honra de mulher.

Julio Cesar Machado, que a visitou na prisão, dá testemunho pessoal de sua serenidade. "N'outro quarto da cadeia, diz elle, mas distante deste, estava alguem que eu conhecera no mundo bella, elegante e moça, que eu esperava encontrar abatida, extenuada, cadaverica, e que fui achar da mesma fórma elegante, moça e bella. Singular con-

traste: uma figura cheia de vida, de formosura e de força, no centro daquelle carcere fétido. As paredes de seu quarto são humidas e negras, as suas faces rosadas e brilhantes; em roda della a miseria, a desgraça, o odio humano; em si a tranquillidade, o bom gosto e esmero e, sobre tudo isto, o talento, porque é decididamente uma senhora de grandes dotes de espirito, que se deixa apreciar naturalmente no decurso da conversação mais simples, além de se manifestarem em alguns brilhantes escriptos que o publico conhece." Além de seus amigos tiveram estas duas victimas do amor uma visita real.

D. Pedro V, acompanhado do marquez de Loulé, quando percorreu a cadeia, procurou expressamente os prisioneiros celebres. A Camillo offereceu dois contos de réis, que o escriptor briosamente recusou. Junto de D. Anna Augusta, acariciando-lhe o filho, curvou-se commovido. Era a magestade das grandezas dobrando-se perante o infortunio. O drama teve seu fim a 17 de Outubro de

1861. Camillo e D. Anna Augusta obtinham no tribunal sentença de absolvição.

Retiram-se para S. Miguel de Seide e ahi, durante longos annos, a vida de Camillo póde ser resumida em duas palavras — estudar e escrever. Os romances cahiam-lhe da penna em uma fertilidade pasmosa, como veios de ouro de uma mina inesgotavel. E, em escriptos de critica historica e litteraria, revelou uma erudição extraordinaria, batendo-se com adversarios do valor de Theophilo Braga e Oliveira Martins. Si nem sempre foi victorioso, sabia ao menos cahir com a galhardia dos heróes de Homero.

No placido retiro de S. Miguel de Seide, nessa Thebaida de altas locubrações litterarias, veio a gratidão de um povo inteiro, representado pelas suas duas soberanias—a realeza e o parlamento, surprehender o eminente romancista. O rei conferio-lhe o titulo de visconde de Correia Botelho e o parlamento, após um discurso eloquentissimo de Antonio Candido, votou entre acclamações a

dispensa de direitos desta distincção. E a imprensa inteira, sem uma nota discordante, applaudindo o acto, rompia em applausos ao escriptor que nesse tempo era a mais illustre gloria litteraria da patria.

A mocidade das academias, reunindo-se a esta manifestação collectiva, offereceu-lhe uma corôa de louros.

Mas na vida de Camillo, fadado desde o berço á desgraça e ao infortunio, essa apotheose deslumbrante, esse reconhecimento unanime da sua superioridade intellectual, foi um gozo ephemero, um sorriso fugitivo da fortuna esquiva, rapido como um clarão de relampago na escuridão de uma noite chuvosa. Golpe mais doloroso do que todos os seus passados soffrimentos o aguardava implacavel. Fraquejava dia a dia a claridade de seus olhos e a cegueira progredia, zombando da sciencia de seus medicos e da dedicação extremada de sua mulher. Emfim, não vio mais a luz do sol, não pôde mais pegar na penna que lhe servia de unico recurso para

sustentação da familia. Estava cego, e como Camões teria de estender supplicante para a esmola a mão que durante annos edificara esse soberbo monumento litterario, mais sonoro do que o bronze, mais brilhante do que o ouro.

Outros tempos, outros costumes. A gratidão do paiz poupou, prompta e solicita, essa ultima affronta ao amargurado velho. Respeitando-lhe a susceptibilidade de caracter, o rei concedeu e o parlamento logo approvou uma pensão vitalicia que o punha a coberto das necessidades da vida.

Mas quem poderia dar a Camillo a paz e a resignação para soffrer a cegueira? Como poderia viver, inerte e ocioso, aquelle espirito avido de leituras, infatigavel e trabalhador como um monge benedictino? A paciencia tambem tem limites, e para estes golpes estupidos e irremediaveis da sorte o homem só tem um protesto, um recurso, a eliminação da existencia. Gritem embora os moralistas contra o suicidio. E' facil prégar resig-

nação aos outros, escrever bons conselhos quando a vida corre alegre e facil. O suicidio é inquestionavelmente um acto de grande coragem e muitas vezes o mais nobre protesto contra a violencia e o despotismo. Dante assim o comprehendeu, consagrando-lhe o cantico mais gemente do seu *Inferno*. Uma bala de revólver, rapida e certeira, terminou em 1 de Junho de 1890 a vida de Camillo Castello Branco. Fez elle muito bem em suidar-se. Cada homem no mundo tem uma missão a cumprir, na altura das suas forças. Elle era um temperamento de artista, um escriptor de raça. Sua missão tinha por fim elevar o espirito publico pela leitura de seus livros. A cegueira não lhe permittia mais trabalhar, tornava-se inutil, não quiz representar o papel dos zangões no cortiço das abelhas, eliminou-se. Foi a ultima prova da altivéz de seu espirito.

Não tenho por fim escrever um estudo critico sobre a personalidade litteraria de Camillo Castello Branco.

Quiz apenas extrahir do livro do Sr. Alberto Pimentel os traços principaes da sua vida.

Mas é em sua biographia que o critico tem de estudar o segredo da sua psychologia, da sua indole de escriptor. E foi a essas desgraças que elle deveu a ironia pungente, triste, implacavel, desesperada, de seus livros, ironia propria deste fim de seculo, que estrebucha desorientado, sem bussola, sem ideal e sem crenças, de um scepticismo atroz e de um materialismo baixo e grosseiro.

A historia da litteratura em todos os tempos e em todos os paizes demonstra á evidencia que a faisca do genio só explode no homem atravéz da luta das paixões e do esforço desesperado contra as difficuldades materiaes da vida. No silencio de um gabinete luxuosamente mobiliado, na doce placidez de uma vida feliz, sem agitações e sem obstaculos, póde-se ser Octavio Feuillet e George Ohnet, póde-se escrever cousas bonitinhas, livros galantes para o passatempo de burguezas

ricas e ociosas. Porém a obra-prima da arte, a producção que sobrevive ao escriptor e que atravéz o perpassar dos tempos leva seu nome á immortalidade da gloria, só póde brotar no tumultuar effervescente da luta, no desespero atroz do espirito como as flôres de perfume inebriante, que para desabrocharem necessitam do calor ardente do sol tropical. E' ahi que a *nevrose* se produz, que as faculdades do espirito attingem ao maximo de suas energias. Para que Balzac concebesse a creação genial da *Comedia humana*, para que escrevesse *Le Père Goriot* e *Eugenie Grandet*, *La peau de chagrin* e *Le lys dans la vallée*, foi preciso que os calculos desastrados de sua imaginação phantasista o atirassem em um dedalo invencivel de dividas, e opprimido pelas exigencias dos credores, sob a pressão de penhoras e mandados de prisão, tinha de procurar em um trabalho incessante meios para vencer esta situação quasi desesperada. Cooper escreveu estes romances maritimos que ferem a imaginação

pelo grandioso das suas descripções e que são a obra prima da litteratura norte-americana, porque antes de pegar na penna de escriptor foi grumete de navio, passou longos annos sobre a vastidão dos mares, affrontando a furia das ondas e a furia dos ventos. O que elle pinta como litterato sentio primeiramente como marinheiro, não precisa arranjar phrases, procurar effeitos de estylo, ferve-lhe no peito a poesia das longas noites de calmaria, perdido na solidão do oceano, sob a luz das brancas estrellas.

Zola, antes de commover Paris inteiro com as paginas vibrantes de *L'Assommoir*, soffria o martyrio pungente da obscuridade, andava de botinas rotas e paletó sovado e muitas vezes contorcia-se-lhe o estomago nas ancias da fome.

Si Camillo Castello Branco tivesse sido um amanuense de secretaria, seu talento giraria murcho e pallido nesta monotonia esterilisadora de copiar officios e receber mensalmente o ordenado.

O que lhe deu um cunho proprio, original, o que o destaca na moderna pleiade dos escriptores portuguezes, foi a vida agitada que passou, entre os sorrisos de um amor feliz e as horas sombrias do carcere.

A obra moderna da arte não vive somente das louçanias e dos esplendores do estylo. Apezar de seu genio, Gustavo Flaubert não conseguio perpetuar a *Salammbo*.

O que torna a obra da arte vivida, palpitante, eloquente, eterna, é a observação exacta, o estudo consciencioso do documento humano, é a experiencia do escriptor fazendo surgir das paginas de seu livro os personagens tão logicos, tão naturaes, que nos parecem antigos conhecidos, gente com que nos acotovelamos nas ruas, no trafico das occupações diarias. Esta observação, este estudo não se adquire no silencio do gabinete. Para bem conhecer os homens é preciso ter soffrido as suas injustiças, as explosões de seu odio.

Camillo Castello Branco muito lutou, muito soffreu. E' por isto que seus livros desenham fielmente a moderna sociedade portugueza e é este o seu grande titulo de escriptor.

A SONATA DE KREUTZER

A SONATA DE KREUTZER

Eu tinha muita vontade de ler a *Sonata de Kreutzer*. Este desejo não era motivado sómente pelo alto interesse que desperta em todos os amigos das lettras qualquer livro do conde Leão Tolstoi. Minha curiosidade aguçava-se, porque sabia que o romance se occupava da grave questão do adulterio, procurando-lhe uma causa original e dando-lhe uma solução imprevista. E mais tarde, em uma noite de patinação, no salão Rink, do Club Guanabarense, uma senhora, cuja alta elegancia talvez fique eclypsada pelo brilhantismo de seu espirito, me dizia que a leitura da *Sonata de Kreutzer* devia ser prohibida aos moços solteiros, porque era uma

propaganda habilissima contra o casamento, se bem que calumniosa. A livraria Garnier, não tinha, porém, o livro e só agora pôde satisfazer-se minha curiosidade na excellente traducção portugueza de Visconti Coaracy.

Custa-me dizer o que sinto quando se trata de um homem eminente que uma serie de livros applaudidos torna justamente celebre. Evito muito este ruido com que alguns pretendem chamar sobre si a attenção publica, atacando reputações firmadas pelo unico motivo de serem ellas illustres. Mas tambem aprendi na grande escola de Tobias Barreto a julgar um livro pelo livro em si e não pelo nome do autor que o firma, e a escrever sómente o que penso e o que sinto, embora desagrade amigos ou seja taxado de vaidoso ou petulante.

E' por isto que digo francamente minha opinião sobre a *Sonata de Kreutzer*. A' parte o merito litterario do estylo, o ultimo romance do conde Leão Tolstoi é um livro mediocre. Escripto por algum autor que não

tivesse ainda a gloria e a celebridade, elle não provocaria a attenção publica, não teria mais de uma edição, seria emfim não um acontecimento litterario, mas um volume banal.

E' bem singular, sou o primeiro a confessar, semelhante opinião. Dizem geralmente os criticos que o conde Leão Tolstoi não tem estylo, não tem fórma litteraria. E' um pensador profundo, de larguissimas idéas.

Na *Sonata de Kreutzer*, porém, o que mais me encantou foi a fórma litteraria. Quanto á idéa, Tolstoi não passa para mim de um repetidor de Schoppenhauer, mas sem essa audacia e essa penetração genial, que distinguia o grande philosopho allemão.

A' força de querer traduzir o pensamento em seus mais insignificantes matizes, de achar a palavra propria para indicar precisamente a idéa, de procurar imagens exquisitas e frisantes, o estylo moderno vai cahindo aos poucos nesse gongorismo, pre-

tencioso e affectado, que caracterisa a litteratura hespanhola em sua época de decadencia. Em cada pagina dos grandes estylistas do seculo porejam o esforço, o trabalho desesperado, que custou a construcção da phrase.

Essa preoccupação exclusiva da fórma esterilisou o grande Flaubert e além de assim inutilisar nesse ingente e inglorio trabalho o talento, vai dando á litteratura um tom uniforme de estylo, acabando com a maneira propria, original, de cada um escrever o que pensa.

Nas *Farpas* é difficil distinguir o que escreveu Eça de Queiroz do que escreveu Ramalho Ortigão. Ha paginas de Guy de Maupassant que parecem escriptas por Affonso Daudet. E' o mesmo modo de dizer, como o pintor que em seus quadros usa sempre das mesmas tintas e dá á paizagem a mesma cambiante de luz. O conde Leão Tolstoi não se preoccupa de estylo, a phrase cae-lhe da penna, quente, colorida, vigorosa,

cheia de energia e de força, na inspiração ardente e vivida das composições de improviso. Conhece-se logo que este pensador cheio de talento não trata de limar phrases como o lapidario de burilar um diamante. Elle quer convencer o leitor, esmagal-o a peso de argumentação e de logica para impôr-lhe a convicção enthusiastica que o domina. Pouco lhe importa repetir palavras, ferir asperamente os ouvidos com dissonancias desagradaveis. E' por isto mesmo que este estylo me seduz, dando-me a sensação exquisita de um fructo selvagem e saboroso. E talvez que esta qualidade não seja propria do conde Leão Tolstoi, mas uma consequencia fatal da *raça*. Nós, os latinos, somos inquestionavelmente uma raça em decadencia; já desempenhámos na historia da civilisação o papel culminante de factor progressivo, abrindo com os portuguezes o caminho das Indias, renovando com os italianos da Renascença a civilisação da Grecia e de Roma, fazendo com os francezes de 1789

a revolução politica das democracias modernas.

E acabou-se assim a nossa missão historica, rolando agora para o anniquilamento e a miseria. Na esterilidade de idéas, na falta de fé e de principios que distingue todo povo sem confiança no seu futuro, a preoccupação da fórma absorve a intelligencia e esgota-lhe as energias. E' o que se vê em França. Na sciencia repetem as idéas que os allemães ha mais de trinta annos deram como demonstradas ; na litteratura, o estylo é tudo, attingio a essa correcção e impeccabilidade que Voltaire considerava no escriptor como o signal certo de lhe ter chegado a época senil.

Os slavos estão agora em pleno vigor da mocidade, pertence-lhes a supremacia politica da Europa e não se demorará muito o tempo em que a poetica Stambul, derrubado o alfange do islamismo, verá tremular a bandeira russa victoriosa.

Na litteratura, na politica, na sciencia,

elles têm uma pleiade brilhante e nova, original e profunda. Applicando ao caso a theoria de Taine talvez se deva explicar o estylo do conde Leão Tolstoi pela virilidade da raça slava, que ainda não conhece essa affectação da fórma, essa effeminação do estylo, si assim me posso exprimir.

O romance do conde Leão Tolstoi, porém, só tem digno de admiração o estylo. Em toda obra d'arte póde-se applaudir no artista ou o vôo largo e audacioso da phantasia exhuberante ou a dissecação profunda, minuciosa, investigadora do *documento humano.* Victor Hugo ou Balzac, George Sand ou Zola, eis os dous polos onde gira toda a arte, segundo o temperamento do artista e a força do seu genio. O leitor quer applaudir essas creações maravilhosas de belleza e de heroismo, que elle sabe falsas, fóra da realidade humana, mas que o arrastam no deslumbramento da gloria ou na cegueira do enthusiasmo. E' um Ruy Blas, elevando-se de lacaio a ministro, salvando seu paiz

da decadencia e da ruina, fazendo-se amar de uma rainha e que tem a energia de suicidar-se em cumprimento da palavra quando no mundo lhe sorriam todas as venturas e si lhe estavam prestes a abrirem-se as cortinas de um leito real.

Si o espirito mais positivo se inclina para as asperas e cruas verdades da existencia quotidiana, o leitor quer a descripção sem nuvens e sem véos destas miserias e abjecções onde a dignidade se sacrifica ao interesse do ganho ou o vicio se ostenta desbragado e triumphante. E' *Naná* dominando Pariz inteiro que se prostra de joelhos diante de sua carne alva e loura, é Aristides Saccard contentando-se em extorquir da mulher uma declaração de divida quando a surprende nos braços de seu proprio filho.

Na *Sonata de Kreutzer*, porém, não se encontra nem a phantasia nem a observação. Ha apenas em todo o romance tres personagens, Posdnicheff, a mulher e um musico e todos tres esboçados em uma nebulosidade

vaga e fumarenta, que mal os deixa entrever. Não se lhes conhece o caracter, formado pelos antecedentes hereditarios e pelo temperamento physiologico. Não se sabe o meio em que elles vivem para se conhecer a influencia que exercem ou que soffrem na sociedade onde residem. Posdnicheff é um atormentado do ciume, mata sua mulher, porque a suppõe infiel. Mas o leitor fica em duvida si realmente houve infidelidade ou apenas um destes galanteios faceis e amaveis, que a moral condescendente das altas classes aristocraticas permitte e tolera. E no caso de ter havido mesmo uma affronta á pureza do leito nupcial, porque cahio a mulher de Posdnichefl? Obedeceu a um destes arrastamentos fataes e lubricos que faz a mulher esquecer o pudor para procurar o homem, como a egua bravia que se retouça nos campos a morder os garanhões? Ou antes, lyrica, romanesca, sentimental, pedia ella ao adulterio um pouco dessa felicidade meiga, doce e calma, que havia idea-

lisado em seus sonhos de moça e que não encontrava nas chatezas prosaicas do matrimonio?

O leitor cansa-se debalde em procurar a decifração desta mysteriosa charada. Tolstoi é impenetravel como um enigma e o seu Posdnicheff faz sempre discursos de uma facundia inesgotavel de parlamentar brazileiro.

Em resultado, fecha-se o livro e os typos desapparecem logo da memoria. Não ficam gravados com a consistencia bronzea de uma Mme. de Bovary.

Quanto á idéa, acho o romance do conde Leão Tolstoi superficial e deficiente. O escriptor slavo não encarou a questão sob todos os aspectos, vio-a sómente por um prisma estreito e limita-se a repetir o que antes delle já havia sido escripto. Com effeito para Tolstoi o casamento é hoje uma instituição decadente, pervertida de seus altos fins. A causa desta degradação é a educação que as meninas recebem. Desde crianças

se lhes ensina que o celibato é um martyrio horrivel e que, portanto, a conquista de um marido deve ser o seu principal esforço. Para isto se lhes estraga o sentimento innato do pudor, fazendo sobresahir pela *toilette* encantos e bellezas, na ostentação impudica de quem se offerece como genero de superior qualidade. O remedio é a castidade no casamento. Em vez de corpos que se abraçam frementes nas doidejantes alegrias do amor, haja calma de espirito, a serenidade completa da carne, na convivencia fraterna de pessoas que se estimam e se respeitam.

Mas tudo isto já Schoppenhauer antes havia escripto, o grande e genial philosopho, que para bem comprehender a metaphysica do amor fôra primeiramente á Italia, á terra das mulheres esculpturalmente bellas, pedir á *physica* todos os segredos das sensações eroticas. Tolstoi nada accrescentou e triste seria da psychologia si permanecesse uma sciencia immutavel, alheia a todos estes progressos que a physiologia tem trazido como

poderosissima contribuição para a sciencia da alma.

E neste vasto movimento de descobertas e de analyses, o escriptor, que se apresenta sem uma idéa nova, sem um modo original e proprio de encarar e resolver um problema, não merece que a critica se descubra na attitude submissa de quem se acha ferido pelo deslumbramento e pelo enthusiasmo.

E' o que me succedeu. Pude escrever friamente o que senti com a leitura da *Sonata de Kreutzer*.

O SEGREDO DE JORGE OHNET

O SEGREDO DE JORGE OHNET

Assisti no theatro Sant'Anna á primeira representação da *Condessa Sarah*, e poucas vezes tenho visto um drama obter tão grande triumpho. O successo alcançado não se revelou sómente no forte bater das palmas, no estrepito das acclamações ruidosas. Teve uma consagração ainda mais exacta e brilhante na vivaz emoção e no palpitante interesse com que o espectador acompanhava o desenrolamento da acção.

Nem se diga que o merito da producção litteraria crescia e se fazia valer pelo desempenho dos artistas. Alvaro não esteve feliz no papel de Severac e a Sra. Amelia Vieira, apezar de seu talento, não é comtudo uma

dessas actrizes assombrosas e geniaes, que dispõem do condão magnetico de transformar em obras primas as pallidas creações da mediocridade. E não foi sómente perante o nosso publico que o drama de Jorge Ohnet commoveu e triumphou. Foi em Paris representado successivamente trezentas vezes, e em quasi todo o mundo tem sido traduzido, como alta e poderosa manifestação do genio francez na época contemporanea.

E não é sómente no theatro que Jorge Ohnet se impõe como um conquistador, um forte. Seus romances esgotam-se rapidamente em centenas de edições, são lidos, apreciados, principalmente pelo sexo fragil e bello, que em materia de sentimento é o mais competente juiz.

Enriquecido pelas lettras, applaudido, disputado pelos emprezarios e editores, Jorge Ohnet, entretanto, não tem ainda a consagração de artista, definitiva e respeitada, como um Daudet ou um Zola. Não está tambem nesse periodo de lucta e de combate, o

mais bello da vida de um escriptor, onde se contesta o talento, onde chovem as injurias, mas tambem onde se encontram as grandes dedicações e se despertam os grandes enthusiasmos. Em geral, Jorge Ohnet é considerado um *parvenu* feliz, um fabricante de livros, habil sem duvida, mas sem esse vigor de estylo e essa analyse de paixões, que caracterisam o escriptor de raça. Encontra elle, entretanto, alguns defensores e mais ainda criticos que não lhe são enthusiastas, mas que lhe batem palmas como o feliz restaurador da arte immaculada e pura, profanada e envilecida no torpe desbragamento do naturalismo.

Será curioso ver os fundamentos dessas opiniões.

Jorge Ohnet, dizem seus admiradores, *rari nantes in gurgite vasto*, escreve em um tempo de concurrencia terrivel, de esforço desesperado. Todos os generos são explorados, pululam os escriptores disputando o favor publico, é enorme a offerta de livros.

Ora, em semelhante meio, para conseguir o favor publico, é preciso ter muito talento e principalmente quando esse escriptor encontra seus admiradores, tanto nas baixas camadas como em circulos illustrados, em leitores competentes. O publico que devora em centenas de edições os seus romances, e que faz representar em centenas de vezes os seus dramas, não é uma pessoa parva e estupida que se deixa facilmente illudir. A preferencia do publico é pois a manifestação synthetica da collectividade e não póde haver para um escriptor maior titulo de gloria do que ser a genuina representação das idéas e sentimentos de seu tempo, o completo specimen de seu meio social. E elle não conquistou seu logar ao influxo das *coteries* litterarias, apadrinhado pela critica. Negado pelos seus confrades e propositalmente esquecido, foi o favor publico que o collocou na frente.

O segredo dessa victoria rapida e segura, pensam outros, não está no escriptor,

mas na causa de que elle se fez arauto. Jorge Ohnet não é um estylista como Octavio Feuillet e nem um psychologo como Bourget. Seu estylo, que aliás é limpido e fluente, não tem entretanto essas scintillações magneticas, que enthusiasmam e escravisam o leitor, mantem-se em uma serenidade monotona e banal, como uma longa planicie que se offerece aos olhos do viajante sem uma mutação de perspectiva, uma differença de paizagem. Nem Jorge Ohnet se distingue tambem como uma imaginação brilhante, opulenta e prodiga, como o velho Dumas, que sabia crear typos tão dissemelhantes, mas palpitantes de vida romantica e phantasista, como d'Artagnan e Monte Christo.

Pelo contrario, em Jorge Ohnet ha sempre uma idéa mater uniforme e fixa, que domina todos os seus livros, que assemelha suas creações. Elle quer, em suas batalhas da vida, pôr frente a frente, disputando a mesma presa, a aristocracia e a burguezia, a primeira elegante, dourada, mas crivada de di-

vidas, enfraquecida por uma longa vida de dissipações e de prazeres; a segunda honesta, trabalhadora, porejando a seiva da saude e da força. E é por isto que o enredo dos romances se adivinha ás primeiras paginas, como os personagens são logo intimamente conhecidos á primeira apresentação. O duque de Bligny se reproduz em Sergio Panine como Felippe Derblay em Paschoal Carvajan. Mas, apezar de todos esses defeitos, Jorge Ohnet é com justiça o romancista predilecto das familias.

O publico está fatigado destas audacias crúas e asperas do naturalismo, destas analyses de um scepticismo tão desolador e de uma descrença tão pungente.

Está fatigado deste mundo torpe dos Rougon-Macquart, de incestos, de prostituições, de adulterios, de roubos, de infamias, como tambem destas mulheres de Goncourt e de Bourget. onde não se vê brilhar a flôr azul do sentimento e do ideal, mas o calculo de frio interesse ou a faminta explosão da

carne. Por mais que se esforce o positivismo, ha sempre na alma humana uma sêde infinita de aspirações idéaes, o desejo de uma vida mais feliz e mais pura. Jorge Ohnet é calmo e doce em seus romances; nelles não ha vicios repugnantes, sordidas baixezas, as tempestades que agitam são como as ondas de um lago que a aragem de leve irriça. O leitor descansa á vontade, sente-se contente ao perpassar de scenas que não lhe fazem desgostar da vida, nem aborrecer dos homens ou descrer das mulheres. E' este o segredo de Jorge Ohnet.

Mas ha ainda uma terceira opinião, que é tambem a minha. Jorge Ohnet não é um escriptor, é apenas um fabricante de livros. Não tem estylo, não tem observação, não tem talento, E' um mediocre, e em sua mediocridade tem a origem de seus successos. Todo escriptor que escreve com idéas e convicções, observou muito justamente Ramalho Ortigão, ou é francamente conservador ou francamente revolucionario, ou tran-

sige com seu meio social ou abre á arte novos horisontes. São verdadeiramente grandes os segundos, porque o genio consiste na faculdade de ver mais longe do que o commum dos homens. E é por estarem mais adiantados do que seu meio social, que os grandes escriptores são esquecidos pelos contemporaneos ou só alcançam o successo após longos annos de um batalhar sem tregoas, de desesperos inauditos. Balzac e Gustavo Flaubert sómente depois de mortos foram considerados os dous grandes mestres do romance moderno, e ainda para Stendhal não surgiu a aurora de uma reparação tardia. Zola, antes do successo espantoso de *L'Assommoir*, soffreu fome, andou de botinas rôtas e de paletó sovado, mendigando empregos pelas redacções dos jornaes.

Entretanto, a mediocridade não fere nem espanta o burguez, não lhe rasga concepções novas que lhe entontecem o bestunto, nem lhe desarranja as idéas que a tradição lhe legou, que elle acceitou sem nellas meditar

e que espera transmittir a seus filhos como herança sagrada.

Machiavel escreveu que um filho perdôa mais facilmente ao principe que lhe assassina o pai do que áquelle que lhe confisca os bens. Ha tambem nas massas um sentimento que nunca se esquece—a superioridade alheia que humilha, que se quer impôr pela força do proprio merito. Ha na elevação dos mediocres uma affronta ao genio, e é assim que se explicam estas predilecções por um Jorge Ohnet como outr'ora tambem Octavio Feuillet era o autor querido do segundo imperio. O que porém vinga a humanidade e consola o genio é que estas injustiças não têm a consagração da posteridade ; é tardia a reparação, mas chega afinal. Os mediocres como Ohnet são esquecidos e triumpham na eternidade do bronze estatuario os verdadeiramente fortes. O seculo XX não conhecerá Jorge Ohnet, como a geração presente não conhece mais Octavio Feuillet. E não será em seus romances que o historiador

reconstruirá a época de hoje, este fim de seculo, tão agitado de duvidas, estorcendo-se entre as instituições que se desmoronam, como o Laocoonte da epopéa virgiliana nos anneis da serpente que o estrangulava.

E', entretanto, um homem feliz, esse Jorge Ohnet. A força de um escriptor avalia-se na razão directa dos ataques de que elle é alvo. Quanto mais violenta a critica, mais injusta de ordinario é e maior o merito do criticado. O feliz fabricante de livros tem sido, como Zola, ferozmente combatido e contestado ; tem tambem encontrado quem o defenda com ardor e enthusiasmo. Julio Lemaitre, o elegante critico theatral, disse um dia que Ohnet não merecia duas linhas de attenção. Mais tarde foi forçado, pelo successo assombroso da *Condessa Sarah*, a lhe consagrar, não duas linhas, mas um folhetim. Eu mesmo, que o considero mediocre, tenho lido todos os seus livros e acabo agora de lhe escrever uma apreciação critica.

Não haverá, realmente, alguma cousa de força e de talento nesse escriptor que assim se nos impõe ?

Não será uma prova real de merito impor-se assim, de um modo quasi brutal e violento, aos que lhe contestam a superioridade ?

A POESIA E O SEU FUTURO

A POESIA E O SEU FUTURO

Em uma noite de trabalho, na redacção d'*O Paiz*, Alvares de Azevedo Sobrinho me dizia que, emquanto houvesse o eterno feminino, havia de existir a eterna poesia, pois a arte sagrada do verso não é em definitiva expressão sinão a manifestação esthetica do amor. Admirei, mas não compartilho, esse enthusiasmo juvenil do meu sympathico amigo, estou antes do lado de um grande desilludido, que foi tambem um grande poeta, Anthero do Quental, quando affirma que o seculo XIX está destinado a ver desapparecer os ultimos versejadores, assim como já vio os ultimos crentes. E' triste, mas é uma consequencia irremediavel da evolução hu-

mana, dessa lei da selecção biologica pela qual a faculdade do raciocinio sobrepuja e diminue todos os dias a faculdade da imaginação. Tenham paciencia estes ultimos abenceragens, estes fieis amantes dos pallidos luares e das donzellas em flôr. A musa de seus sonhos, a meiga poesia, desce fatalmente no quadro da litteratura contemporanea e obedece a esse principio eliminador pelo qual extinguem-se e desapparecem os orgãos inuteis no mechanismo social.

Eu poderia então observar logo ao meu sympathico amigo, si não receiasse ferir a ingenuidade de seus sonhos, que esse amor, principio fecundante e inspirador da poesia, alma-mater do lyrismo, é tambem um sentimento que no industrialismo democratico das sociedades modernas se transforma ou em um calculo frio de interesse, ou em um requinte voluptuoso do instincto sexual.

Máo grado a opinião de Paul Bourget, que vê no despertar pujante do amor o *surge et ambula* para essa sociedade sceptica, o facto

eloquente demonstrado nas relações praticas da vida, é que a mulher é um genero que se cota nos mercados, e, como todo genero de consumo, obedece á lei da offerta e da procura na lucta da troca.

Não ha mais esse desprendimento puro, completo da paixão, pairando na esphera superior do sentimento, na absoluta absorpção de uma individualidade que se anniquilla. Meditados e reflectidos são os actos do homem na escolha do casamento. Elle indaga logo o *dote* que lhe traz a noiva, a influencia da familia, as vantagens, emfim, da projectada união. Por sua vez a mulher tambem reprime qualquer palpite irreflectido de seu coração e os seus mais doces olhares, e os seus mais meigos sorrisos são para aquelles que melhor podem sustentar as caras sumptuosidades da grandeza e da elegancia.

Mesmo no mundo artistico, onde a effervescencia do talento dá á vida uma feição original e propria, a influencia do dinheiro se faz sentir abatendo e extinguindo a pre-

ponderancia do bello. Uma grande actriz, que no palco domina as platéas sob a vibratibilidade nervosa de seu genio, uma escriptora illustre, das mais poderosas faculdades de estylo, salvas pequenas e honrosas excepções, não se deixam mais levar pelas harmonias de um soneto ou pela prosa ardente de um chronista.

Ellas se entregam aos opulentos banqueiros, ainda mesmo parvos e ridiculos, comtanto que a vaidade do nababo se faça pagar em reluzentes brilhantes ou sonoras esterlinas. Nem se diga que os crimes passionaes, — desculpem-me o gallicismo, em falta de traducção equivalente, — de que estão cheias as estatisticas da criminologia moderna, fallam bem alto em prol do sentimento do amor nessa explosão ardente que até converte o homem em féra bravia.

Bem estudados esses criminosos, verifica-se que o movel determinante de seus actos é um sentimento distincto e diverso da paixão amorosa. Uns obedecem a um instincto

cego, fatal de seu temperamento colerico, irascivel, carregado de antecedentes hereditarios morbidos; outros ao espirito de imitação, ao desejo louco da celebridade e da fama. Na maioria dos casos é uma manifestação da vaidade offendida; o despeito de ser supplantado por um rival que se suppõe inferior ao proprio merecimento. E quando o psychologo só encontra em sua analyse investigadora o amor, não é mais essa serena e meiga adoração de um ente querido, e sim o fremito irresistivel da carne, que enfurece e irrita os sentidos, como se fosse amassada em cantharidas e banhada de philtros.

Os pensadores deste seculo, que o sentimento do amor seduzio como objecto das suas meditações, chegaram a conclusões dolorosas, de uma tristeza desesperada. Yves Guyot define o casamento como a prostituição em nome da lei. Schoppenhauer prega o amor livre e aconselha que as mulheres sejam expulsas das cidades e sómente procuradas pelo homem para a fecundação, como

fazem os animaes em cio. Tolstoi aponta a castidade como o remedio heroico contra a depravação dos costumes que caracterisa este fim de seculo.

Seria um estudo bem curioso, fertil em uteis ensinamentos, procurar na poesia deste seculo a evolução do sentimento do amor. Tres phases diversas seriam assignaladas pelo historiador. No começo do romantismo, quando reatando as tradições populares procurou elle na idade média seus idéaes, appareceu na poesia a resurreição das canções provençaes. Só se cantavam pallidas castellãs, scismando á branca luz das estrellas, nos torreões de seus castellos, emquanto o pagem, donzel e gentil, segredava á brisa o segredo de seus affectos em trovas sentidas. Eram maridos partindo em piedosas cruzadas para as terras longinquas do santo sepulchro, acres saudades, adulterios desculpados pela sinceridade das paixões, mas terrivelmente expiados em tragicas vinganças.

De todo esse despertar de um mundo

extincto, cuja fé não nos alenta mais, cujas idéas e sentimentos talvez nem mesmo comprehendemos bem, não ficou para a arte uma só obra, sentida e duradoura.

Talentos dignos de melhor futuro esterilisaram-se nestas *pastiches* mediocres e incolores, de uma grande vacuidade de idéas, de uma intoleravel semsaboria de estylo.

Mais tarde appareceu Lamartine e a poesia se alou para essa região superior do sentimento espiritual, ethereo, onde a carne apenas valia como envolucro da alma, divina e immortal.

Toda mulher era um anjo.

A prostituta mesmo, que vendia seus encantos ao tinir do dinheiro, era comparada ao cysne que manchava suas brancas azas na lama dos paúes, mas que podia purificar-se, alvejar de novo nas aguas lustraes do arrependimento e da regeneração.

O poeta era uma alma cahida dos céos, incomprehendida neste mundo egoista, onde soltava, para nos remir e elevar, seus

cantos de eterna dôr e de eterno amor, como o pellicano que rasga o peito para alimentar com as gottas de seu sangue o filho moribundo. Mas hoje o que resta desse lyrismo sentimental? quem lê e aprecia Soares de Passos e Casimiro de Abreu, os representantes na lingua portugueza do immortal autor de *Jocelyn?* O *lamartinismo* para a geração pratica dos nossos dias tornou se até uma palavra de opprobrio, é synonyma de pieguice, de infantilidade, para não dizer de tolice ou atrazo intellectual. E tambem não foi mas feliz a reacção de Alfredo de Musset, o continuador genial de lord Byron.

Em vez da alma ingenua e candida, deu-nos ella o espirito desilludido de todos os sentimentos generosos; em vez do amante platonico da mulher, o conquistador audaz e atrevido, vencendo todos os pudores e penetrando em todas as alcovas. E foi moda ser *blasé*, contar triumphos de amor.

Rapazes ainda imberbes apresentavam-se com a fria insensibilidade de um velho,

com o coração gasto em uma longa vida, ao contacto de innumeras torpezas. E inventavam raptos e adulterios de que eram heróes, seres terriveis, a cujo olhar mysterioso succumbia a virtude das mais honestas.

Sómente o que havia de real era a embriaguez com que estragavam a saude e que os matava na flôr dos annos. *Tempora mutantur.* Hoje os poetas cultivam as musas com a regularidade methodica de um burguez, fazem-se empregados publicos, ganham o seu dinheiro como qualquer mortal. E si algum ainda tem a phantasia de desfolhar grinaldas de larangeiras, a policia os hospeda na casa de detenção, até que, como no ultimo acto das comedias antigas, a virtude triumphe pela celebração do casamento.

Qual é, pois, a contribuição do amor para o alento da poesia? Os poetas vivem a inventar marquezas e duquezas, dirigem-lhes lamentos e supplicas, sómente pela exigencia da rima. Não ha a paixão sincera, o sentimento verdadeiro que só torna immor-

tal a obra d'arte. E assim vai a poesia se tornando um jogo de espirito, um brinquedo de ociosos, como antigamente se jogava a *paciencia* ou se decifravam as charadas.

Pelo meu Deus e pela minha dama, gritavam os paladinos medievaes ao enristar a lança no ardor dos combates. Neste fim de seculo o industrialismo deixou de ser assumpto exclusivo do mundo economico e paira, absorvente e dominador, sobre todo o movimento intellectual e emocional. Pobre poesia, não escapaste ao contagio desta variola sem vaccina, e com o teu dilecto amor desces ao tumulo, entre as lagrimas sentidas de teus poucos fieis.

Mas não é só o amor que inspira a poesia.

Herbert Spencer, o pensador a quem talvez o seculo XIX mais deve a reconstrucção da sua synthese philosophica, escreveu, em seus *Principios de psychologia* que tudo que é esthetico tem por caracter ser inutil. Encarado sob um ponto de vista geral, é

erroneo e falso o conceito do sabio inglez ; e a historia da civilisação attesta que as artes, modificando os sentimentos do homem, contribuiram em larga escala para o desenvolvimento do progresso. Mas em um sentido restricto, e applicada especialmente á poesia, é verdadeira a opinião de Spencer.

Com effeito, ha na alma do homem duas faculdades dominantes—a imaginação e o raciocinio; e estas faculdades, antagonicas entre si, predominam segundo o estado scientifico, o maior ou menor gráo de cultura no individuo.

A criança pasma diante de qualquer phenomeno physico,o estampido de um raio,a escuridão produzida por um eclypse solar, e atemorisada por estes factos ou deslumbrada pelos esplendores da natureza, cujas causas ella não sabe explicar, cria, inventa deuses beneficos ou malfazejos, sonha entidades mysteriosas, dá emfim ao mundo que a cérca a côr poetica de suas illusões.

A' proporção, porém, que cresce, vai

diminuindo o pasmo e augmentando a curiosidade; em vez de admirar o phenomeno, ella quer saber a causa que o produz, indaga, analysa, reflexiona, e como adquire novos conhecimentos, aos fantasmas da creadora phantasia substituem as explicações aridas e positivas da sciencia. Si assim succede, como ensina a psychologia, si o raciocinio á medida que se desenvolve atrophia a imaginação, e si a poesia é a filha dilecta da imaginação, é consequencia logica que os progressos da sciencia restringem o campo do idéal, diminuem-lhe a esphera de acção. E como pela lei da hereditariedade os individuos do presente transmittem ás gerações do futuro as qualidades que conquistam, vai o homem se tornando mais reflectido e menos imaginoso.

A morte da poesia é, por consequencia, uma questão de tempo, e si hoje ainda ha raros poetas, é por causa desta lei da natureza que faz um orgão sobreviver por algum tempo á funcção a que servia. Qual é a

utilidade da poesia nas sociedades modernas?

Ella é o idéal, o sonho, a phantasia e portanto a mentira. Ora, a nossa indole scientifica é justamente o contrario, é a investigação, a analyse, o raciocinio, o facto demonstrado pelos methodos da observação e da experiencia! Para o grego de Athenas, emballado pelas canções de Anacreonte e de Sapho, a lua era a casta e fria Diana, mas que pelas horas propicias da noite procurava o pastor Endymião e com elle trocava beijos de amor.

Para um romantico de 1830, a lua era a protectora dos poetas e dos amantes; somnambula, pallida, núa, mysteriosa, desfazia a escuridão da noite com a claridade immaculada de sua branca luz. Para nós, discipulos de Augusto Comte e de Littré, ella é apenas um satellite da terra, um astro obscuro do systema solar; e o telescopio irreverente do astronomo desfez-lhe as roupas, mostrando-a em plena nudez, feia e sem

[illegible]. Para um pagão, o amor era a [illegible] vingança dos deuses. Cupido tirara as settas da sua aljava e feria de olhos vendados. O pobre mortal tinha de recorrer á generosidade da deusa Venus, nascida da espuma do mar, e para tornal-a benefica erguiam-se-lhe templos em todo o mundo e as donzellas se prostituiam em sua honra.

Para a geração de que Lamartine foi modelo, o amor era a voz divina e mysteriosa da natureza, a attracção de duas almas que se comprehendiam atravez do envolucro corporeo, no accôrdo dos sentimentos e das aspirações, no palpitar reciproco de seus corações.

Hoje o amor é apenas o instincto sexual, o dever da conservação da especie, e si elle degenera em uma idéa fixa, absorvente e dominadora, recahe sob a acção do medico e cura-se com as duchas de agua fria e o bromureto de potassio.

Em todos os tempos a poesia tem sido a expressão dos sentimentos dominantes,

acompanha a evolução emocional e reflecte como um espelho fiel o estado da alma. A sua primeira manifestação foi a theogonia, a explicação da formação do mundo, que deslumbrava o homem com as exhuberancias da natureza tropical e virgem. Veio depois a época das invasões e das conquistas, quando o sentimento guerreiro sobrepujava todos os outros e a consciencia publica agitava-se na effervescencia das pelejas. A *Illiada* appareceu após a guerra de Troya. Virgilio escreveu a *Eneida* quando o imperio romano fechava pela segunda vez as portas do templo de Jano, depois de ter estendido seu poder por todas as regiões do mundo conhecido. Camões teve a intuição dos *Luziadas*, quando Portugal desempenhou seu papel glorioso na civilisação occidental, descobrindo os mares nunca antes navegados, firmando na India, com o valor homerico de Albuquerque a extensão de seu poderio colonial.

Mas por que estão hoje extinctos os

poemas biblicos e os poemas heroicos? Por que não inspira o estro de um poeta a infinita grandeza do *cosmos* ou não despertam a inspiração das musas as campanhas geniaes de Napoleão?

Temos em vez de poemas as hypotheses scientificas de Darwin e de Hœckel, a critica fria e severa de Taine.

A' poesia e á imaginação succederam a sciencia e o raciocinio. Na idade média appareceu um grande poeta. A *Divina Comedia* de Dante paira á frente da litteratura universal como um livro eterno. Mas hoje a alma, que não treme mais pelos segredos de além-tumulo, que não receia os supplicios do inferno, admira; não póde, porém, reproduzir estes terrores que agitaram o amante de Beatriz. E' o que tambem succede com as obras primas de Shakspeare, mais humano, mais naturalista do que o poeta florentino.

Estas duvidas de Hamlet, estes ciumes de Othelo, que o inglez narrou com o fulgente brilho de seu genio immortal, são imi

tados pelos versejadores modernos. Mas são fracas andorinhas a quererem seguir o vôo da aguia.

Simplesmente porque a psychiatria e a physio-psychologia sujeitaram ao estudo da sciencia estes estados emocionaes da alma. Não temos mais Shakspeares, porque temos Charcot e Maudsley.

A poesia da renascença caracterisou-se pela mistura do maravilhoso christão com os deuses do paganismo. E' a época de Tasso e de Ariosto. A influencia da igreja romana dominava nos espiritos, mas o despertar dos estudos classicos trazidos pelos gregos fugitivos de Constantinopla produzio uma admiração fanatica pelas obras primas da antiguidade. Tinham terminado as cruzadas, estavam descobertas a imprensa, a polvora e a America. Os livros, até então privilegio dos conventos, espalhavam-se pelo publico; os mares tenebrosos, inaccesiveis aos navegantes aterrados, perdiam o encanto, trilhados pelas quinas de Portugal e de Castella;

o commercio do Oriente abria-se ás expansões da actividade européa; o valor audaz do intrepido cavalleiro, *sans peur e sans reproche*, succumbia com Bayard na batalha de Pavia, diante do fogo da polvora.

Os costumes perdiam a aspereza da selvageria e da intolerancia, e a Italia dos Medicis e dos Borgias rejuvenescia nestas festas pagãs descriptas no *Decameron* de Boccacio. Na cadeira de S. Pedro sentava-se Leão X e a arte produzia estas obras primas, que eternisaram Miguel Angelo, Raphael e Benevenuto Cellini. Mas sob esta cultura brilhante e superficial dos costumes incubavam-se paixões sanguinarias e violentas, o envenenamento e o punhal decidiam as questões e Machiavel dava no *Principe* a norma da politica. A fé religiosa era ainda viva, si bem que as heresias pullulassem e com João Huss e Savanarolla apparecessem os prodromos da reforma protestante. O sobrenatural dominava os espiritos.

E nesta transição, neste tempo de du-

vidas apparece o maravilhoso christão de envolta com os deuses do paganismo, fadas e genios, feiticeiros e anjos a hombrearem com Marte e Venus, com satyros e nymphas. A influencia do meio é quasi invencivel e por mais audaz que seja o genio, por mais adiantado que esteja á sua época, paga tambem o seu tributo ao ambiente em que vive e respira. O proprio Camões cedeu á corrente que o envolvia. Mas qual seria o poeta que se atreveria hoje a empregar estas ficções da mythologia pagã alliadas ás poeticas lendas do christianismo?

Si algum apparecesse, querendo imitar Tasso ou Ariosto, por mais talento que tivesse, não faria estremecer o coração popular, porque estamos em um estado de mentalidade bem diverso da *renascença*, porque cada época tem idéas, sentimentos e paixões que lhe são proprias.

A' época de transição e de duvida da renascença, onde os grandes genios vacillavam indecisos e perturbados, succedeu o

triumpho definitivo da escola classica, a imitação subserviente dos poetas gregos e romanos. Não se bebia a inspiração na fonte fecundante da tradicção popular ou na originalidade do talento. Tudo estava antecipadamente fixado, copiava-se servilmente o modelo, e a arte poetica de Boileau regulava como dogma infallivel todas as questões da critica e da arte.

Racine é o mais illustre representante da poesia nessa época, com as suas tragedias, solemnes e magestosas em sua serenidade olympica. Elle só podia apparecer e ser admirado no seculo de Luiz XIV, neste seculo da convenção e da mentira, das boas maneiras, dos salões, do amplo estylo, onde tudo se sacrificava ás apparencias, onde as abjecções e as miserias se cobriam sob as lentejoulas douradas do esplendor e da gloria.

Racine foi o grande rhetorico do theatro, como Bossuet foi o rhetorico genial da historia. Ambos não passam de *magnifiques faiseurs de phrases*. Não penetrou nos intimos

segredos da alma para de lá arrancar estes gritos de paixão que fazem da creação do artista um ser vivo, indelevel.

Calmo, frio, sereno, Racine fazia de seus heróes a personificação das paixões, discorrendo em longos discursos academicos e rhetoricos. Não viviam, fallavam. A escravidão ao modelo foi a tal ponto que Voltaire, com todo seu genio e seu espirito de rebeldia e de critica, foi tambem um imitador e certamente não são titulos de gloria as tragedias e os poemas que em má hora escreveu.

Ninguem dirá que faltava talento a homens da estatura de um Voltaire, e si elle foi infeliz, é porque cada época tem seus sentimentos proprios, suas idéas e aspirações e uma formula d'arte que as interpreta e traduz.

O milagre da resurreição de Lazaro não se repete na historia, e sempre que o artista procura fóra de seu meio reviver os sentimentos e a arte de uma época morta, faz apenas uma *pastiche*, uma cópia, incolor e fraca.

Tres grandes genios caracterisam a poesia romantica, essa época de anarchia mental que precedeu a evolução da metaphysica para o estado positivo—Gœthe a anarchia scientifica, Byron a anarchia do sentimento, Victor Hugo a anarchia politica.

Gœthe symbolisa no *Fausto* essa sêde do homem pelo incognoscivel, esse desejo de descobrir a razão mysteriosa das cousas, a explicação dos phenomenos, o cansaço, o desalento pela improficuidade do esforço, uma existencia gasta na prosecução de um fim irrealisavel e intangivel. Byron é a revolta contra as prescripções sociaes, o desregramento das paixões, a avidez por um gozo extranho, a sêde por uma mulher divina, cheia de encantos enlouquecedores. Victor Hugo é a paz universal, a confraternisação dos povos, o regimen socialista onde as cadeias se fecham e abrem-se os collegios e as officinas. Mas não deixaram escola, tiveram imitadores, mas não continuadores.

O *Fausto* não se repete, porque o estudo

das causas finaes sahiu do campo scientifico. O homem só se preoccupa do que póde ser confirmado pelo methodo experimental. E' mais modesta a sua pretenção, mas tambem não soffre elle os desalentos que amarguravam a alma descrente de Fausto. Cessaram os delirios byronianos, porque o homem vê hoje na mulher, não um ser indefinivel, incomprehensivel, mas a companheira fiel e dedicada, que compartilha seus trabalhos e participa de suas alegrias. Os que ainda querem imitar Byron, como Richepin, o afamado autor das *Chansons des Gueux*, procuram em um realismo audacioso, em um desbragamento de palavras obscenas, em um cynico desprezo por tudo quanto a humanidade préza e venera, o successo do escandalo, aterrar o burguez.

Mas isto é a lama dos esgotos, e a que fica reduzida a fina essencia da poesia, a pura flôr do ideal? Quem hoje acredita na paz universal, na confraternisação geral dos povos? A poesia de Victor Hugo é a poesia

bombastica, como a denominaram os estudantes.

A phrase é feliz e merece ser conservada. Ella não passa com effeito deste admiravel jogo de palavras sonoras, de antitheses audaciosas, de figuras e comparações campanudas, tudo gongorico e inchado.

E agora, nos tempos de hoje, qual é a missão da poesia, onde estão os grandes poetas e os seus livros immortaes? Qual a corda que fazem vibrar no coração humano? O grande mestre do naturalismo, em um artigo que escreveu sobre os poetas francezes contemporaneos, responde a esta pergunta do seguinte modo, exacto e justo: " O caracter geral dos poetas actuaes, diz Emilio Zola, é faltar originalidade. Nenhum verdadeiro creador tem apparecido depois de Lamartine, Hugo e Musset. Todos os nossos poetas, sem excepção, vivem destes tres antepassados, nada inventaram fóra delles. E' um facto que é preciso constatar."

Razão e muita razão tem o festejado

auctor da *Naná*. Com effeito, a poesia contemporanea está em uma esphera geral de mediocridade. A' parte o lyrismo, cujas manifestações foram por mim longamente apreciadas no principio d'este artigo, a poesia contemporanea divide-se em duas escolas dominadoras—a poesia scientifica e a poesia parnasiana.

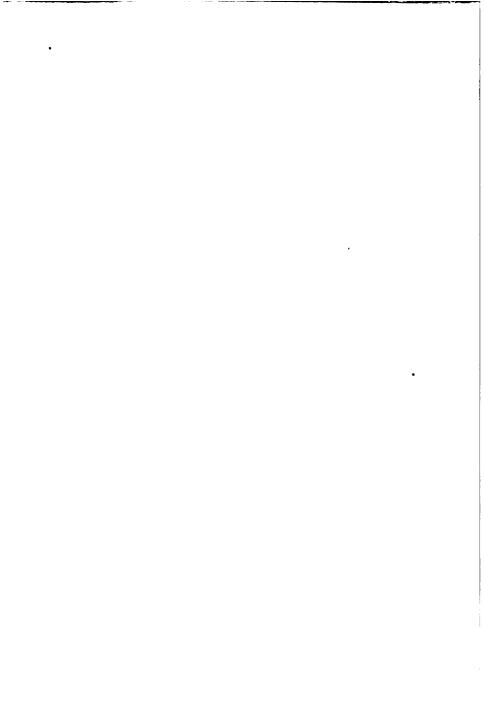
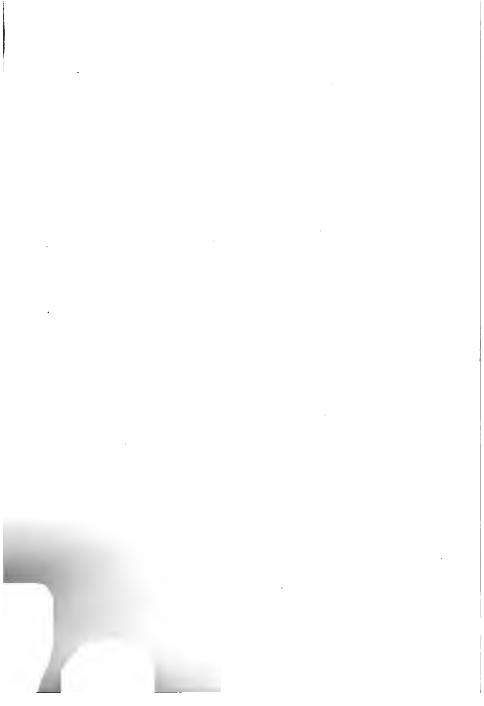
A poesia scientifica teve por fim consorciar a sciencia com a poesia, dando a esta como thema de suas inspirações as conquistas do genio humano, arrancando os segredos da natureza, dominando as forças terriveis dos elementos desencadeados. Convencidos de que, no actual estado dos espiritos, ninguem se preoccupa mais de pallidos luares, de queixas de amor trahido, alguns homens de merito superior tentaram inocular na poesia esse sangue novo ou mais exactamente mudar-lhe a feição e a indole.

O reconhecimento do facto, o esforço da tentativa já era a confissão do proximo desapparecimento da poesia, já era a imaginação

pedindo humilde ao raciocinio que a soccorresse e amparasse. As duas faculdades são antagonicas entre si. E era uma ingenua esperança suppôr possivel uma harmonia, uma conciliação, quando Bacon dizia que quem quizesse reflexionar devia pôr azas de chumbo nos vôos da phantasia. O desastre seria certo e de facto assim succedeu. A poesia scientifica tem sido ou um compendio rimado, sem arte, sem inspiração, sem belleza, ou vagas e obscuras declamações, pedantescas e nebulosas, como os versos de Sully-Prudhomme, que todos reunidos não valem a sua pequena obra prima—*Le vase brisé.*

Algumas vezes o poeta, cheio de talento e de enthusiasmo, como é exemplo o meu grande e illustre amigo Martins Junior, está convencido de que, cantando as bellezas do universo e as maravilhas da sciencia, faz poesia scientifica. Mas nestas estrophes sonoras, de um rica opulencia de imagens e de um brilhante colorido de fórma, ha apenas a

escreveu, entre as paredes sombrias de seu carcere, que Deus, arrependido de ter feito o mundo tão feio, deu ao homem a illusão e que aborrecendo a mentira nós a adoramos sob o nome de ideal.

Quem sabe tambem si não me enganou a logica? Si atravéz dos seculos e das gerações que hão de vir a poesia não continuará a florescer, interessando sempre a todo o homem o estado emocional de uma alma, quer se revele nas alegrias delirantes de um amor feliz, quer no desespero sombrio da miseria contra a fatalidade do soffrimento?

A MORAL PUBLICA E A MORAL PRIVADA

A MORAL PUBLICA E A MORAL PRIVADA

Em dias de forte resaca, no Boqueirão do Passeio, os banhistas, atemorisados, não ousam affrontar o mar. Algum mais audaz atira-se ao largo e todos seguem, anciosos e palpitantes, a luta das ondas contra a força e a agilidade do homem. O mar ergue-se em cachões espumosos, altaneiros, encobrindo o nadador; elle desapparece sob aquella toalha alvacenta, mas surge além, vencendo a distancia, até chegar á praia, exhausto de fadiga, mas triumphante da luta.

Um espectaculo desta ordem, tão cheio de pungentes commoções, ia a Inglaterra offerecer aos dilettanti do genero, si a morte não tivesse colhido Parnell, ainda na pleni-

14

tude de suas forças. Sabe-se que na terra classica do protestantismo e da liberdade a opinião não tolera que continue na vida publica o homem que perante os tribunaes respondeu a processos por delictos offensivos ao pudor e aos bons costumes. E' immediatamente eliminado, por mais illustres que sejam os seus meritos. Charles Dilkes, a esperança dos liberaes, o orador e estadista a quem Gladstone ia legar a direcção do partido, expia hoje, repellido e abandonado, o crime de haver amado uma mulher casada. Ora Parnell tambem soffreu um processo de adulterio, ficou provado ter sido amante da mulher do capitão O'Shea. A opinião indignou-se, mas o *leader* eloquente da Irlanda não submetteu-se ao veredictum do publico. Animado pela dedicação enthusiastica que lhe consagrava seu grande partido, seguro de seu talento e de sua poderosa força de vontade, ia com taes recursos travar a luta, quando o surprendeu a morte. Quem venceria? A energia do talento ou a força tra-

dicional dos costumes publicos, as ondas espumantes e enraivecidas do mar ou o valente nadador? E' impossivel dizer; mas a verdade é que os costumes inglezes precisam neste ponto de radical reforma.

Emilio Littré, em seu notavel livro *Revolução, Conservação, Positivismo,* applaude e defende a theoria da loura Albion. A vida particular de um homem, diz elle, é a melhor garantia da sua vida publica. Não póde inspirar confiança ao paiz, dirigir os destinos de um povo, quem não tem probidade, quem vive entregue ás dissipações e aos prazeres. O caracter se fórma para as grandes acções na modesta esphera das relações privadas, e quem dahi vem fraco, manchado, não póde erguer-se ao nivel dos altos acontecimentos.

Semelhante modo de pensar é uma generosa utopia, mas desmentida pelo estudo da natureza humana, pela lição da historia. Seria realmente para desejar que assim fosse, que o homem offerecesse em seu caracter a solida symetria de um diamante facetado.

Bom pai de familia, zeloso observador das leis da honra, seria do mesmo modo um integro magistrado ou um provecto estadista. Mas isto é apenas uma aspiração, e talvez irrealisavel.

Cada persona ès un mundo, dizia em Madrid um rufião a Paul Bourget, e o eminente litterato francez via com razão nesta phrase o resumo de uma philosophia inteira. Com effeito, o caracter do homem não é uma machina, com as peças bem collocadas, funccionando ao impulso do motor, com a mesma precisão e o mesmo movimento. São no homem multiplas e diversas as sensações que o agitam, subordinadas ás heranças atavicas e ás influencias do temperamento, ainda modificadas pela educação, pelo meio social. Do conjuncto de todos esses factores, do complexo de causas tão diversas, resultam os antagonismos, as contradições, os heroicos feitos e as baixas miserias na mesma pessoa.

Ao lado de um profundo genio, de uma

alta comprehensão de pensamento, póde estar um caracter fraco, abjecto. A intelligencia devassa os espaços, vôa até aos mais longinquos astros, descobre as leis reguladoras do universo, mas a moral do individuo está abaixo da de um pobre camponez, é abjecta, torpe e corrompida. E' facil dar exemplos entre homens do mais alto valor intellectual. Como era vasta a intelligencia de Laplace, como ella desvendava os mysterios da mecanica celeste! Mas o grande mathematico era de um abjecto servilismo perante o governo, modificava suas idéas para estar sempre nas graças dos ministros. Foi republicano na convenção nacional, conde sob o imperio e marquez na restauração. Ninguem escreveu com mais eloquencia do que Rousseau sobre a altivez dos sentimentos, sobre a necessidade de cultivar pela educação as virtudes nobres e elevadas da alma humana. Ninguem tambem foi mais ingrato do que Rousseau, ninguem mordeu com mais cynismo a mão generosa do protector.

A marqueza du Deffand foi-lhe uma amiga desvelada, de uma dedicação sem limites. Rousseau a aggride e calumnia em suas *Confissões*. Em 1776 elle estava em Paris sem recursos, tendo expedida contra si uma ordem de prisão. David Humel, o grande philosopho escossez, leva-o para Inglaterra, dá-lhe generosa hospitalidade. Rousseau mais tarde o insulta e deprime. Interrogado pelo philosopho sobre os motivos deste brutal e inesperado ataque, Rousseau dá como unico motivo haver Humel pronunciado uma vez seu nome em sonho. Nos tempos modernos nenhum genio igualou a Bacon na vastidão dos conhecimentos e na profundeza das idéas.

A renovação das sciencias, as grandes descobertas alcançadas pelos methodos da observação e da analyse tiveram como ponto de partida seu livro—*Novum Organum*. Mas o grande pensador inglez era tão eminente pelo seu genio como abjecto pelo caracter. O conde Essex lhe tinha sido mais do que

um amigo—um bemfeitor. Bacon foi o seu accusador, pedio contra elle a pena de morte, applaudio a execução do infeliz fidalgo. Aos sessenta e dois annos de idade, lord-chanceller, barão de Verulam e visconde de Santo Albano, Bacon era processado por vender a justiça, recebendo dinheiro dos litigantes para dar-lhes sentenças favoraveis, e tão vehementes eram as provas, que elle confessou o crime.

Ora, si a theoria de Littré prevalecesse, si o caracter fosse a unica affirmação do valor intellectual de um homem, o servil Laplace, o ingrato Rousseau, o venal Bacon, teriam sido homens inuteis. Mas póde-se affirmar isto? Não foram elles bemfeitores da humanidade pelos grandes e immortaes serviços que prestaram á sciencia? Porque o conde de Lesseps achou-se envolvido nos estellionatos do canal de Panamá, porque fez uma grande fortuna á custa de orphãos, viuvas e pobres, póde-se contestar o grande serviço que elle prestou á civilisação, ao

commercio, ás industrias, rompendo o isthmo de Suez?

O rufião hespanhol tem razão. Cada homem é um mundo, um complexo de diversas qualidades. Um individuo póde ser um bom pai de familia, amante de sua mulher, zeloso pela sorte dos filhos, mas um pessimo empregado publico, faltando á repartição, sacrificando os interesses do Estado ao empenho, á protecção, ao medo. Outro póde ser um excellente funccionario, de largas vistas, de estudos completos, independente, trabalhador, mas pandego, dissoluto, abandonando a familia pela vida nocturna dos cafés e das orgias.

No mundo politico os exemplos abundam do mesmo modo. Homens honestos, virtuosos, sacrificaram a sorte dos povos, tornaram-se algozes das liberdades publicas, foram até victimas dos seus erros. Outros, corrompidos na vida privada, governaram entretanto com prudencia, brilhantismo e gloria. Carlos I de Inglaterra era um homem

austero e puro, recordava na simplicidade de seus costumes a rijeza inflexivel do stoicismo spartano. Mas quiz supprimir as liberdades publicas, fez decretar impostos, dissolver o parlamento, governar como rei absoluto. Lançou o paiz na guerra civil, ateou odios, e foi elle mesmo victima de seus erros, morrendo no cadafalso.

Quando Isabel subio ao throno, a Inglaterra estava abatida e humilhada. Os catholicos, instigados pelo papa, conjuravam, e nas fronteiras a rainha da Escossia prestava-se a todas as intrigas dos Guise e de Roma. Felippe II, o defensor armado do catholicismo, declarava-lhe guerra de exterminio e era o mais poderoso monarcha da terra. Seus dominios comprehendiam Portugal, Hespanha, Italia, os Paizes-Baixos. O ouro da America enchia-lhe os thesouros. D. João d'Austria derrotara os turcos em Lepanto, e a infanteria hespanhola, a melhor do mundo, era commandada por generaes como Alexandre de Parma e o duque d'Alva.

Isabel não desanimou. Após longos annos de luta conteve os catholicos, aprisionou e decapitou Maria Stuart, rio-se da invencivel armada, sublevou a Hollanda, dominou os mares com suas frotas, tornou-se temida, respeitada, procurada sua alliança.

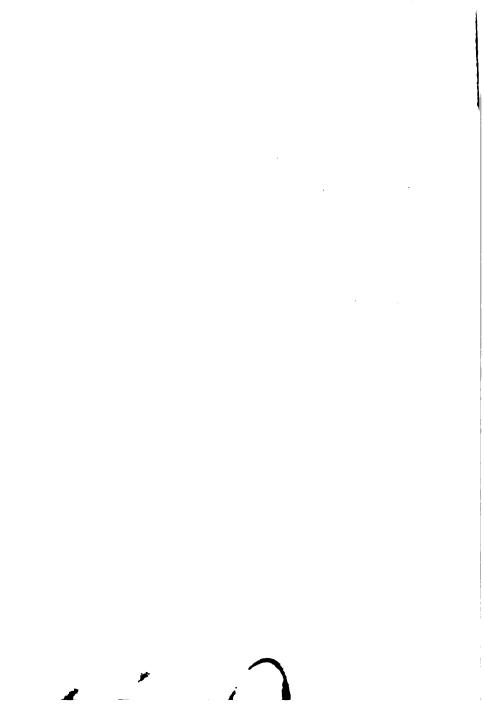
Mas a gloriosa soberana não era um modelo de virtudes privadas. Accessivel á lisonja, vingativa, avarenta, para não fallar de seus torpes amores com os condes de Leicester e de Essex, amores que faziam a Europa rir-se quando ella se intitulava a rainha virgem do Occidente. Agora em França, Constans, pela energia da sua vontade, terminou com a agitação de Boulanger, que ia pondo em perigo a terceira Republica, firmou a união dos republicanos, tornou mais estavel e fixa a vida ministerial. Mas contra este homem de Estado levantam-se accusações tremendas : ter assassinado um socio para roubar, haver violado crianças e ser dono de casas de jogo.

Seria realmente um nobre ideal que a

intelligencia do homem correspondesse á nobreza dos seus sentimentos; quanto mais vasto o talento, mais austero o caracter. Felizes aquelles de quem se póde dizer o que Edmundo Sherer disse de Tocqueville —era um talento ao serviço de um caracter. Mas infelizmente nem sempre succede, e querer eliminal-os da vida publica é commetter um gravissimo erro, é privar o paiz do concurso efficaz de forças poderosas.

Na vasta sociedade humana repete-se a imagem do philosopho grego. O cego dá as pernas que caminham, e o paralytico os olhos que guiam e dirigem, e do concurso destas duas forças unidas faz-se a jornada, evitando os accidentes e perigos. O talento corrompido não póde servir de exemplo de moral, como o caracter austero, mas ignorante e tolo, não póde ser util á sciencia e ás lettras. Mas cada um, em justa e limitada esphera, presta serviços assignalados e relevantes. O caracter edifica pelo exemplo, fortalece e anima. O talento desenvolve o

circulo das idéas, alarga as descobertas scientificas, que se traduzem em maior beneficio e bem-estar para a humanidade. Nada na natureza physica se perde, os atomos transformam-se em successivas evoluções. E' do mesmo modo no mundo moral, nenhuma força pode ser eliminada. Eu declaro francamente —acho o Bacon venal muito mais util á humanidade, muito mais digno da gratidão dos povos do que o frade virtuoso, casto e esmoler, que passou sua vida a rezar, mas que nada descobrio.

BOULANGER

BOULANGER

Para quem attentamente acompanha a marcha dos negocios publicos da Europa, nenhuma questão apresentava, ha tres annos atraz, interesse mais attractivo do que a agitação levantada em França pelo general Boulanger tornado então a mais ruidosa celebridade contemporanea.

Os jornaes occupavam-se exclusivamente das suas idéas, de seus planos politicos, das mais insignificantes particularidades da sua vida domestica; o telegrapho, abrindo excepção ao costumado laconismo, transmittia logo além dos mares todos os seus discursos e manifestos; e não é talvez exageração affirmar que a propria exposição

de Paris, o extraordinario reclamo da torre Eiffel, cederam o primeiro logar a esse homem, que convergia sobre si as esperanças da monarchia, a confiança dos radicaes e a espectativa do mundo inteiro.

Durou a fortuna pouco tempo. Condemnado, proscripto da patria, trahido pelos seus amigos e abandonado de seus partidarios, elle, o general audaz, que nas revistas militares da guarnição de Paris, montado no lendario cavallo negro, arrancava aos homens gritos de enthusiasmo e fazia bater de amor o coração das mulheres, morreu quasi esquecido em terra estranha, em um hotel de segunda ordem, soffrendo miserias, depois de haver dissipado milhões.

Fóra do theatro dos acontecimentos e portanto em atmosphera mais serena, superior ao tumultuar das paixões effervescentes, podemos mais calmamente perquirir as causas que motivaram esta popularidade ruidosa e examinar si o typo do general sahe mais levantado da broca da analyse ou si não

passou elle de uma mediocridade chata, que os acontecimentos engrandeceram, facto infelizmente frequente nas tendencias niveladoras das democracias modernas e apontado pelo genio sagaz de Tocqueville como um perigo a evitar.

A popularidade que cercou Boulanger, estrepitosa e bulhenta, não é um facto isolado na historia deste seculo. Deu-se na Irlanda com O'Connell, na Italia com Garibaldi, na Hungria com Kossuth.

Mas O'Connell era um brilhante talento de tribuno, levava ás multidões a palavra que domina e arrebata, personificava para a verde Erin, humilhada e abatida pela preponderancia ingleza, a sua emancipação politica; era para os catholicos o defensor da liberdade de consciencia contra o jugo estreito da intolerancia protestante. Garibaldi tinha o prestigio que dá ao homem uma coragem sem limites, provada em aventuras de romances, que incendeiam a imaginação; escreveu com o sangue de suas feridas na

lamina de sua espada a unificação da Italia, que Dante havia sonhado e que parecia uma empreza impossivel a um povo sem instrucção, sem exercito, sem dinheiro e sem fé. Kossuth era um orador e um soldado, ho- [illegible] lavra e homem de acção, idolatrado da Hungria, que [illegible] encarnava nelle as suas aspirações para sacudir o dominio austriaco, para constituir-se nação livre e republicana.

Mas o que representava Boulanger, que esperanças traduzia para tornar-se durante algum tempo idolo de um povo? Explorando com uma ambição mais imprudente que habil o patriotismo francez, que não póde resignar-se á mutilação do territorio, conseguio elle encarnar em sua pessoa a causa da desejada desforra e recommendar-se á affeição das classes populares, que não raro confundem os manejos da cubiça com as santas suggestões do bem publico. Nenhuma qualidade excepcional e brilhante distinguia o audaz aventureiro; não lhe concedera a na-

tureza o olhar fascinador nem o verbo alevantado e incisivo do primeiro Bonaparte; não quiz nunca o destino proporcionar-lhe durante sua carreira activa de soldado um desses lances tremendos, em que a coragem ascende ao heroismo e o sacrificio da vida parece uma loucura sublime ás massas enthusiasmadas. Tudo nelle era vulgar e commum, e a propria ambição, embora superior ao seu merito, era a ambição de um epicurista, que deseja o poder pelos gozos que proporciona e facilita. E assim cercava-o a popularidade; mais de uma vez, a despeito da acção combinada de todos os adversarios, sahia victorioso o seu nome das urnas eleitoraes e a dedicação mais extrema indemnisava-o da hostilidade menos generosa. Nasceu, pois, do equivoco a fortuna desse homem, que, apezar de mediocre, pertence á historia e durante longos dias encheu com seu nome as columnas da imprensa e as memorias secretas da diplomacia européa. Suppunha o povo francez, cuja alma ulcerada

sangrá sempre que lhe recordam a gloria perdida e com a gloria a integridade do territorio, que o general Boulanger seria o vingador da atroz injuria, o enviado de Deus para reparar o seu immenso infortunio. A vaidade ás vezes pueril do soldado desrespeitoso e indisciplinado era para as massas seduzidas a dedicação á patria, cuja rehabilitação desejava e promovia contra o governo vendido ao estrangeiro; e por menos proporcionados que fossem seus talentos militares aos altos fins que lhe attribuiam, acreditavam, não obstante, que a espada de Boulanger cortaria no mappa da Europa novos limites a uma França renascida, limites assegurados por jornadas mais gloriosas ainda que as de Marengo e Austerlitz.

Durou a illusão longo tempo, mas desfez-se afinal á luz dos factos, graças á acção da imprensa e ao influxo da verdade sobre a alma popular, que os embustes da ambição haviam inebriado. O democrata, que parecia ligar o seu futuro ao da republica e confundir

em estreito amplexo a liberdade e a gloria, puzera-se a soldo dos agentes da restauração monarchica e alentava suas esperanças de triumpho com o auxilio dos reaccionarios. Não era para elle o poder o meio, era o fim; não o procurava e queria para vingar a patria e restituir ao povo francez a gloria militar que o germano destruira no terrivel desastre de Sedan; ambicionava-o apenas para a satisfação de seu egoismo e da ancia de prazer que o consumia. Como homem privado elle não offerecia tambem o exemplo da austeridade republicana. Divorciou-se da mulher, tornou-se celebre sua vida de dissipações e de prazeres, e a publicação das cartas escriptas ao duque d'Aumale provou a ingratidão de um caracter rebelde aos beneficios recebidos.

Seria entretanto julgar estreitamente dos acontecimentos suppôr que o general Boulanger, no tempo da sua grande popularidade só reunia as adhesões dos monarchistas interessados e das massas populares,

avidas da reconquista da Alsacia-Lorena, da *Lhotaringia memor violata, non domita.* Seu partido tinha tambem muita gente illustre pelo talento e pela sciencia, e para essa gente Boulanger era o protesto contra uma situação gasta, a revolta de uma nação generosa contra dezoito annos de desgoverno e anarchia. O systema parlamentar, que o romantismo politico de Benjamin Constant apregoou como a panacéa universal, mas que Comte combateu sob o criterio de uma philosophia superior, está hoje produzindo nos paizes da raça latina as inevitaveis consequencias de sua falsa orientação. Si na Italia a prudencia de Humberto salvou o paiz dos desastrados effeitos das crises, contra as quaes debalde lutava o genio politico de Depretis, em França o poder executivo baqueou diante das colligações mais disparatadas. Thiers demittio-se descrente de um povo incapaz de ser governado. Mac-Mahon foi forçado a retirar-se e Grévy, apezar das tradicções mais honrosas de seu nobilissimo

passado, foi arrastado na lama que ennodoou Wilson e Caffarel. Esta instabilidade de governo e as successivas organisações ministeriaes isolaram a França na Europa, levantaram contra ella a triplice alliança e produziram no paiz um governo despotico e violento, perseguidor da liberdade de consciencia e preso nas estreitas malhas de uma politica de corrilhos. Para essa gente de um patriotismo são, Boulanger era o remedio contra a anarchia parlamentar, a acção forte, constante do poder executivo.

Mas Boulanger, fanfarrão e theatral, não tinha a probidade e o genio politico de um Washington para iniciar em seu paiz uma politica fecunda e larga. Vendeu-se ao dinheiro da duqueza de Uzés, trahia a causa republicana, especulava em seu interesse proprio, empregando meios que a moral condemna e a honra repelle. Não foi porém sem proveito para a França a agitação que elle promoveu. Levantou a coragem do exercito francez e os republicanos, diante da

ameaça do perigo, uniram-se, tornando mais raras as crises ministeriaes. E hoje a França, sob a administração de Carnot, dá ao mundo o bello exemplo de que a ordem, a moderação e a paz são tambem qualidades de um governo republicano, que não deve, nem póde ser confundido com a anarchia demagogica.

Este homem, que não esteve na altura de suas aspirações, nem correspondeu á espectativa de seus amigos, soube entretanto morrer com o poetico encanto de um cavalleiro medieval. Acabada a popularidade, perseguido e processado, deixou o infeliz a terra da patria; e nas angustias do exilio encontrava, no amor, lenitivo ás saudades do lar abandonado e ás dôres mais cruciantes da perfidia de antigos companheiros e amigos. Elle, que fôra esposo infiel, tornara-se amante dedicado, e no escandalo publico de sua vida affirmava a intensidade da sua affeição e de seu amor. A fortuna, que havia voltado de vez o rosto ao proscripto, não lhe

deixou por muito tempo o *doce engano da alma.*

Finou-se em terra estrangeira a mulher que lhe dedicara a sua vida; e a pedra que lhe sellara a sepultura, sellou tambem a alegria unica que lhe illuminava a alma, fechada á confiança e descrente da amizade. Todos os dias via-se o infeliz ajoelhado sobre a campa da amante estremecida, cobril-a de flôres, regadas das lagrimas que a mais viva saudade espremia do coração torturado. Vergado ao peso de sua dôr, companheira unica que lhe restava na horrivel soledade da existencia, pedia debalde aos mortos consolação e conforto, que os vivos lhe recusavam.

Quem o visse genuflexo e lacrimoso sobre uma lapida ignorada, cobrindo de flôres sua ultima illusão perdida, mal suspeitaria talvez que naquelle peito se abrigara outr'ora a ambição do supremo mando, que empunhara uma espada a mão que descahia imbelle sobre a terra dos finados e que os

olhos, que o pranto obscurecia, fitaram a morte nos campos de batalha.

Na hora do supremo infortunio, nenhuma voz amiga murmurou-lhe ao ouvido uma palavra de animação e conforto. Mas si a historia é inflexivel em sua severa justiça, não bane de seu tribunal a sympathia que inspira uma acção de poesia e de ideal. Boulanger conquistou pela sua morte direito a respeitarem-lhe a memoria, a dormir socegado nesta eterna noite sem alvoradas, onde o somno não tem sonhos.

ZOLA E BOURGET

ZOLA E BOURGET

Entre os escriptores que actualmente em França occupam logar saliente no movimento litterario, Zola e Bourget são, sinão os mais distinctos, pelo menos os que maior influencia exercem sobre o espirito da mocidade. Ambos são chefes de escolas, ambos têm creado continuadores da sua obra, discipulos eminentes, o primeiro podendo orgulhar-se de Guy de Maupassant e o segundo de Mauricio Barrès.

Dirigir e influenciar o espirito da sua época, dar uma orientação precisa e definida ás vagas aspirações, ás tendencias ainda nebulosas da mocidade, é empreza que sómente homens superiores podem emprehen-

der e cujo exito attesta de um modo inequivoco a vastidão da intelligencia e a firmeza enthusiastica das crenças.

Profundamente differentes no modo do estylo e na concepção da arte, representantes de duas idéas oppostas sobre a responsabilidade moral do homem, Zola e Bourget têm entre si pontos de semelhança, que não se explicam sómente pela influencia do meio, dos factores physicos reagindo em individuos da mesma raça, vivendo em determinada época, em um mesmo paiz.

Ambos tiveram de conquistar dia a dia a posição que hoje occupam, após as miserias ignoradas dos primeiros tempos. Zola soffreu fome e frio, habitou as aguas furtadas dos hoteis immundos, andou nas ruas de Paris de botinas rotas e paletot sovado. O successo estrepitoso, bulhento, o ruido da popularidade, atirando o seu nome em todos os jornaes e em todas as conversações, só lhe appareceu depois das paginas vibrantes de *L'Assommoir*, quando o mundo inteiro pas-

mava de assombro pelo talento do escriptor e sua audaciosa coragem. Celebre, rico, Zola teve ainda de sustentar rijas campanhas pelas idéas de que se fazia o campeão na litteratura franceza contemporanea. Não lhe negavam mais o talento, mas era julgado um escriptor sem escrupulo, sem principios, especulando com o gosto depravado da época, um fabricante de livros obscenos. Só hoje lhe fazem justiça, só hoje extinguiram-se os ultimos échos desta guerra terrivel, tenaz, violenta, onde um homem de pouca fé em suas idéas e pouca confiança em seu merecimento teria succumbido. Paul Bourget não teve os atrozes soffrimentos de Zola; mas tambem a gloria não lhe favoreceu com um destes electricos e arrastadores enthusiasmos. Desconhecido, pouco a pouco foi conquistando leitores e ainda hoje seus romances não se esgotam, como os de Zola, em centenas de edições, não é um escriptor popular, na exacta significação desta palavra, é um artista comprehendido e estimado de espi-

ritos selectos, de almas delicadamente sensiveis.

O que porém dá a estes dois espiritos eminentes um ponto commum de igualdade, é que ambos trouxeram ás lettras uma nota pessoal, uma comprehensão nova da arte. Zola é o verdadeiro fundador do romance naturalista, como Bourget é o verdadeiro fundador do romance psychologico. E' um erro suppôr-se que Zola reatou a tradição interrompida de Balzac, como é tambem um erro suppôr-se que Bourget reatou a tradição interrompida de Stendhal. Ambos fundaram escola nova, empregando outros methodos, falando em novos principios. Balzac era um escriptor genial. Ha typos na *Comedia humana* que hão de viver como as creações de Shakespeare, atravéz dos tempos e das gerações. Mas as effervescencias da sua imaginação desregrada, allucinada, quasi louca, correm parelhas com essas observações admiraveis da natureza; elle não tinha um methodo, rigorosamente seguido e applicado.

A arte para Zola é o estudo paciente do documento humano; não inventa, descreve o que estudou; não cria personagens, dá-nos homens que surprendeu no mundo. Stendhal era um epicurista, que muito gozou a vida e que tinha o privilegio de poder estudar as suas sensações e descrevel-as em um estylo secco e preciso de mathematico. Bourget procura surprender a alma em suas dobras mais intimas, mais occultas, acompanhando toda a evolução do sentimento até chegar o desenlace final da acção, atravez das hesitações, das lutas, dos desfallecimentos, das victorias.

O estylo de Zola tem a amplidão sonora de uma ode lyrica. O meio em que se passa a acção é descripto em largos periodos como cerrados batalhões que se precipitam contra o inimigo, uns após outros. Desde a côr do céo até a ponta de charuto atirada ao canto, desde as arvores que se erguem nos parques até o vagalume que esconde na espessura das moutas a auriflamma das suas azas, tudo

é descripto prolixa e fielmente, com a exactidão de uma perspectiva apanhada por uma machina de photographia instantanea. Aos olhos do romancista a natureza cresce, avoluma-se, toma proporções gigantescas, como se fosse vista atravéz de um vidro de augmento. E nesse meio enorme, collossal, o homem desapparece para dar logar á natureza. No *Crime do Abbade Mouret* a descripção do *Paradou* occupa quasi todo o livro. Na *Obra*, Christina Hallegrain e Claudio Lantier disputam a attenção do leitor com esses grandes quadros de Paris, vistos em tardes de verão e em tardes de inverno, sob a luz de um sol rubro e flammejante ou sob os nevoeiros enfumaçados de uma claridade pallida de crepusculo.

O estylo de Bourget tem a precisão lucida de um theorema algebrico. Em duas linhas descreve-nos elle um salão, o typo de uma mulher, a physionomia de um homem, o necessario apenas para que o leitor construa o logar onde se vae passar a acção, possa

idealisar o perfil das heroinas ou do heróe. Mas nesses periodos curtos, incisivos, onde nenhuma palavra é de mais, onde não ha synonimos, onde todas ellas são necessarias para a traducção exacta da idéa, palpita, quente e viva, a emoção do sentimento psychologico, que se apodera do leitor, interessando-o pelos personagens, fazendo-o compartilhar de seus odios e das suas amizades, chorar das suas dôres e alegrar-se com seus prazeres.

Os heróes de Zola, esses terriveis Rougon-Macquart, têm paixões brutaes, appetites de féra esfomeada.

Os personagens de Bourget são de uma sensibilidade doentia, delicada, almas soffredoras, procurando debalde a realisação de uma alada chimera. Zola dá-nos sempre lubricidades de delirio. E' Renata, essa mulher hysterica, de uma belleza estranha e fascinadora, que tem o requinte de tomar como amante seu proprio enteado e o capricho de se lhe entregar, coberta com uma

pelle de urso, no calor asphyxiante da estufa. E' *Naná*, a horisontal de grande tom, soberba em sua carnação alva e loura, dominando os homens, entregando-se na cynica depravação de uma mulher que se vende. As heroinas de Bourget são sempre mais ideaes, obedecendo antes ás suggestões do sentimento do que aos appetites da carne.

Mesmo na luta que se trava nellas entre as aspirações da sua alma e as exigencias de seus sentidos, ha uma vaga, quasi poetica e exquisita delicadeza, que attenua e suavisa as brutalidades da materia. No *Cruel enygma*, Mme. Thereza de Sauve entrega-se a um homem, arrastada pelo seu forte vigor physico de touro novo. Mas foi um momento de fraqueza, um rapido eclypse. Seu coração pertence ao amante ideal, a Huberto Liauran. E' para este que ella tem todas as caricias de mulher apaixonada, toda seducção com que se prende um ser querido no morno conchego das suas saias, no inebriante perfume que seu corpo exhala.

A mesma scena se repete em *Um coração de mulher*. Mme. de Tillières tambem cede á seducção de Raymundo Casal, que lhe perturbava os nervos com a mascula energia de seu rosto, com a sua viril elegancia de homem adestrado em todos os exercicios de *sport*. Mas seu coração confrange-se de saudades, sua alma estala e rebenta de dôr quando parte para bem longe o conde de Poyanne, que lhe conquistara o amor pelas sympathias ás suas desgraças, que lhe deslumbrava o espirito com seus vastos planos de politico, seu talento de orador eloquente. Mesmo na mais depravada das suas heroinas, essa bella Mme. *Moraines* das *Mentiras*, ha um toque romanesco e que attenua o lado repulsivo de seu caracter. Essa mulher, que parecia incapaz de um sentimento, fria estatua de carne, calculista e egoista, vendendo-se ao velho barão Desforges á custa do ouro que lhe assegurava as sumptuosidades da alta vida, acorda num dia apaixonada pelo poeta René Vincy, vencida pelo brilho da

mocidade, pelo fulgor diamantino da intelligencia.

Em um outro ponto são igualmente profundas e radicaes as differenças entre os dois grandes romancistas, no modo de comprehender e avaliar o alcance da responsabilidade humana, na solução do gravissimo problema da liberdade da alma. Zola é um franco sectario do *determinismo*. Para elle todas as acções do homem obedecem a um impulso irresistivel e fatal, como todos os movimentos de uma machina, por mais diversos e complicados, obedecem á força do mesmo motor.

Na virtude e no vicio não ha merito ou demerito. O homem é o que o seu temperamento faz delle, com o seu sangue sadio, rubro e forte, ou anemico, depauperado, corroido de vicios hereditarios, de perturbações morbidas, que se transmittem de pais a filhos, atravéz das gerações, com a precisão infallivel de uma lei da natureza. E' debalde lutar. Por mais fortes que sejam as energias da von-

tade, mais tenazes as resoluções da consciencia, tudo vôa, desapparece, quando freme e estua a carne.

Bourget é um dualista. Para elle em toda a creatura humana ha a carne e o espirito, a alma e o corpo. A carne tem os seus appetites, as suas exigencias, revolta-se contra as prescripções do dever e muitas vezes vence e triumpha.

Mas nem por isto o espirito se subordina e se escravisa; a consciencia irritada faz ouvir a voz severa da justiça, e tambem tem elle suas victorias, domando os impulsos, os fremitos do corpo em nome da moral e da honra. E até succede que a educação do caracter ao influxo do pensamento muda e transforma as tendencias do temperamento.

No seu romance — *Um crime de amor*, Bourget dá deste facto um significativo exemplo.

Armando de Querne, moço, rico, forte, da mais alta aristocracia de França, era um

sensual, um egoista, descrente da pureza dos sentimentos, procurando nas mulheres apenas o prazer da sensação physica. Não hesita em seduzir a mulher de seu melhor amigo, Helena Chazel, tão pura, tão poetica, tão meiga e a quem elle fez soffrer as mais cruciantes torturas moraes. Mas diante do espectaculo profundamente commovedor, tragicamente suggestivo do soffrimento desta mulher, a consciencia se lhe illumina em um subito clarão de luz e de verdade, e elle, um sceptico, um *viveur* desabusado e gasto, aprende a respeitar a religião santa da dôr, a sinceridade do sentimento. Em *Um coração de mulher*, Raymundo Casal, o atrevido seductor, chega a pedir em casamento Mme. de Tillières, crente, ingenuo, como um collegial inexperiente, atirado bruscamente ao mundo. Mas nem sempre assim succede. O pobre Claudio Larcher, na *Physiologia do amor moderno*, não consegue esquecer Collete Rigaud, cujo caracter infame elle conhecia e detestava, mas cuja carne o ar-

rastava e prendia como grilhões de triplicado bronze.

Em resumo, nos romances de Zola ha sempre a lesão pathologica dominando tudo. Em Paul Bourget ha a luta do espirito e da materia, com seus alternados revezes e triumphos, mas luta que dá a nota dominante de todos os seus livros, o enredo de seus romances. Um é physiologista da escola de Claude Bernard, outro um psychologo, um adorador dos modernos mestres da philosophia allemã. O primeiro só considera os factores physicos, o segundo se deleita e apraz nestas terriveis lutas da alma.

A obra de Emilio Zola, a que elle consagrou os melhores annos de sua vida, todas as forças de sua intelligencia, preoccupação dilecta de artista, absorvente e dominativa, é a historia natural e social dos Rougon-Macquart durante o governo de Napoleão III. Os membros desta familia, como ramos de arvore gigantesca que bracejam pelo espaço, occupam quasi todas as posições

sociaes, desde as mais humildes até as mais elevadas. Estudando-os cada um de per si, teve Zola um meio differente, um campo diverso para os seus romances.

E' por isto que, apezar do seu grande numero, nenhum delles se parece entre si. São inteiramente diversos como documento de observação differente, como uma viagem que se estende em mares tenebrosos e em lagos serenos e azues, em serras agrestes e asperas e em planicies verdejantes de arvores e banhadas pela luz do sol, em tuneis escuros e sombrios e em campinas alegres e claras. Na *Naná*, por exemplo, está a horisontal do grande tom, com seu mundo de gente equivoca, seus divertimentos predilectos, suas crapulas e orgias, onde predomina, como admiravel specimen de estylo, a descripção do grande *prix* de Longchamps.

Na *Curée* é a alta aristocracia, as grandes damas da côrte imperial, com seus bailes *masqués*, suas exhibições de quadros vivos, seus lautos jantares, onde resplande-

cem todos os divertimentos de uma côrte frivola e sensual, preoccupada exclusivamente do pagode, como si tivesse já presentido o seu proximo fim no terrivel desastre de Sédan.

No *Germinal* ostentam se em crua nudez, como um grito lancinante de desesperos e de martyrios, as miserias dos operarios, nessa vida vegetativa das minas, com seu parco salario, suas explosões de *grisou*, suas *grèves*, suas promiscuidades revoltantes que trazem como consequencia o adulterio das mulheres e a prostituição das crianças. Mas em *Uma pagina de amor*, como sobre a lama esverdeada dos paúes, alveja a flôr do nenuphar, brilha a casta poesia de um idylio, o meigo desabrochamento de uma paixão.

Na *Bete humaine*, ao silvo das locomotivas, que perpassam em uma velocidade vertiginosa de relampago, estuda-se a mania do assassinato, sacudindo os nervos de um homem em uma obsessão fatal até que a

vista do sangue derramado o tranquillise, como um ruminante satisfeito e farto. Na *Debâcle* é o desfilar do exercito, com suas marchas e contramarchas, seus toques de clarins, seu atroar de canhões, reluzentes e polidos, conduzido á derrota infallivel pela incapacidade dos generaes.

Paul Bourget não quiz estudar a historia de uma familia; elle estuda as manifestações de uma paixão, os matizes delicados de um sentimento. Seus romances destacam-se e isolam-se um do outro sem laço de continuidade que os prenda. Os personagens vivem apenas no quadro determinado, não surgem e apparecem nos outros romances. E como estas lutas da alma, estas morbidas delicadezas do sentimento, esta exagerada susceptibilidade no soffrer e no sentir, presuppõem uma elevada cultura moral, um espirito de pleiade, privilegiado e superior, os homens e as heroinas de Bourget pertencem sempre ás altas classes, são as duquezas do *Faubourg* Saint-Germain, pallidas, louras, de

uma belleza scismadora e fragil, são os *club-men*, elegantes, correctos, riquissimos, seductores. E a acção se passa nestes salões de um luxo intelligente e sobrio, entre quadros de pintores celebres e artisticos *bibelots* da China e do Japão.

Dahi resulta que os romances de Zola offerecem sempre um attractivo picante de novidade e de surpreza, ao passo que o leitor já prevê, quasi com certeza de acertar, qual o assumpto de um novo livro de Bourget. Com effeito, apezar de seu grande talento e de seus profundos conhecimentos de psychologia, ha nos romances do auctor de *André Cornelis* a monotonia de uma paizagem immutavel, que offerece sempre a mesma perspectiva. Alguns são simples reproducção de outros. *Cruel enigma* e *Um coração de mulher* repetem a identica historia, a luta na alma de uma senhora, amando ao mesmo tempo dois homens, um que seduz o seu espirito pelas qualidades moraes e o outro que lhe fustiga a carne com a força de um

animal sadio e valente, luta que termina pela traição e pela quéda, seguidas de amargo arrependimento, de lustral purificação no orvalho das lagrimas.

Uma outra consequencia tambem se impõe á reflexão do critico que estuda e analysa os dois grandes romancistas. Zola é um escriptor forte, Bourget um escriptor delicado. Nenhuma audacia, quer de palavra, quer de acção, detem o romancista de *Naná*. Não liga a minima importancia á susceptibilidade do leitor. A palavra cae-lhe da penna, por mais immunda ou obscena que seja, si ella pinta exactamente a situação que quer descrever. Nenhuma acção, por mais degradante para a dignidade humana, encontra um lenitivo que a suavise. Aristides Saccard surprende a mulher nos braços de seu filho, e como unica vingança contenta-se em extorquir-lhe uma procuração para venda de bens.

Bourget é um litterato enluvado, de flôr ao peito e lenço perfumado. Evita as palavras

crúas, as situações asperas. Seu vocabulario é escolhido como uma conversa em salão, e quando o enredo do romance exige a descripção de uma scena de amor, elle emprega as meias tintas, a luz velada, deixando o leitor comprehender e adivinhar. E é por isto que os personagens de Zola são humanos, verdadeiros, gente que nos parece conhecida, e os personagens de Bourget assemelham-se antes a bonecas que enfeitam as grandes lojas, superficiaes e falsos.

Zola e Bourget não são simplesmente romancistas; offerecem ainda um outro ponto de comparação, ambos têm escripto muitos livros de critica litteraria.

Mas é enorme neste ponto a differença que os separa. Zola é um sectario, um polemista convencido.

Entra na luta com todo o ardor e toda a energia dos apostolos, de quem se faz o arauto de uma escola, de uma idéa.

Extra ecclesiam nullas salus. Fóra do naturalismo não ha verdade, nem talento.

E o alfange do mestre, implacavel, feroz, cae decepando essas altivas cabeças, essas obras primas, que o successo publico corôa e applaude na apotheose da gloria. Bourget é um descrente, um sceptico, um discipulo desse dilettantismo scientifico, amplo e vago, benevolente e eclectico, de que Ernesto Renan foi o summo pontifice. Dotado de uma vasta illustração, conhecendo a litteratura européa, principalmente os psychologos allemães, e neste ponto muito superior a Zola, que é quasi ignorante, Bourget não sabe onde está a verdade, essa esquiva e rebelde mulher que vae sempre fugindo diante de cada descoberta da sciencia, e elle aprecia com sympathia e interesse todo o systema philosophico como um esforço sincero do pensamento, o resultado de um trabalho respeitavel e santo.

Ambos estão hoje ricos e gloriosos. Não os preoccupa mais a luta pela vida e seus nomes, além dos mares e além dos montes, são repetidos em todo mundo onde se lê e se falla a lingua de França. Nestas con-

dições, uma unica inquietação atormenta o espirito do artista. Confirmará a posteridade o juizo dos contemporaneos? Quanto a Zola a resposta não póde ser duvidosa. A *Historia dos Rougon-Macquart* viverá atravéz dos tempos e das gerações.

E' um vasto inquerito, escripto pela mão inspirada de um artista, sobre o viver, o pensar e o sentir da sociedade franceza durante o segundo imperio.

E' livro que será sempre consultado pelos philosophos e pelos historiadores como synthese de uma época, assim como os *Annaes* de Tacito symbolisam a decadencia romana no despotismo dos cesares. Quanto, porém, a Bourget, o meu espirito vacilla nas incertezas da duvida. Elle tem muita observação original e propria, muita analyse, subtil e delicada, do coração da mulher, e no *Discipulo*, o mais profundo e o mais suggestivo de seus livros, um bello resumo do nosso estado mental. Mas tambem em seus romances não ha um só destes typos eternos,

um Othelo, um Hamlet, que pairam á frente de uma litteratura como um grito de angustia e de dôr. Elle seduz e encanta, mas não domina, e na luta moral, como no mundo physico, a victoria pertence sómente aos fortes.

— —

INDICE

Successo Colossal!!!

ELOGIOS DE TODA IMPRENSA

Olavo **Bilac, Machado de Assis**, pela «Gazeta de Noticias», Coelho Netto e Arthur Azevedo pelo «O Paiz» enalteceram as paginas maravilhosas deste livro esplendido.

O. BILAC

Chronicas e Novellas—1 vol. de 300 pags broch. 3$000.

Para o futuro, quando se houver de escrever a historia, de Minas Geraes, em dous ou tres volumes offerecidos ao Instituto Historico, citar-se-ha muito naturalmente o poeta-chronista, que floresceu e visitou Minas na segunda metade do seculo XIX.

Não ha desdouro nisto, bem sei: mas parece que a gloria do poeta fechará o rosto, amuada, á gloria do chronista.

Uma cousa, porém, prenderá a attenção do historiador futuro, como me prende a minha; o estylo das «Chronicas», estylo que em nada se assemelha ao de João de Barros e que tem, ás vezes, caprichos a Damião de Góes, rememorado por Alberto de Oliveira, quando o chronista portuguez, descrevendo o palacio dos Nayres, refere que tinha «varandas de ouro sobre o mar!»

Chronicas poeticas, de resto, e que se lêm de um trago, saboreando a leve estructura da phrase irrisada e communicativa.

Quando, ainda para o futuro, alguem precisar do testamento da muito digna Sra. Dorothéa, ou da portaria em que o Conde de Assumar prohibiu as «acções entre amigos», o trabalho de exhumação está feito: é só recorrer ás chronicas de Bilac.

(Do «O Paiz» de 30 de Janeiro de 1895.)

J. GUERRA

Humorismos—1 grosso vol. de 500 **pags. broch. 4$, enc. 6$.—Este livro, escripto com inexcedivel graça, faz a critica dos nossos costumes, e teve da imprensa grandes**

elogios. «E' a vida do Rio de Janeiro contada com verdade nos defeitos e nas manias... E' um livro aproveitavel para todos, até mesmo para os que virem essa revoada de carapuças sem bem sentir que lhes caem nas cabeças.» —(«Jornal do Commercio»). «Não creio que houvesse na imprensa deste paiz escriptos que excedessem á popularidade dos «Humorismos», e isso explica-se pela encantadora simplicidade com que o autor escreve para o povo.» —(«O Paiz»). «Quem estiver triste não tem mais que munir-se de um volume dos «Humorismos». Remedio infallivel.» («Correio da Tarde»). «Encontrei nos «Humoriomos» nossa «graça», genuinamente brazileira... O livro de J. Guerra está entre os melhores do genero.» —(«Gazeta da Tarde»). O espirituoso Gavroche disse: «Desgostos, penas, dissabores, não faltam nesta nossa terra; para esquecel-os, oh! leitores, o livro ahi têm do Jota Guerra.»

VIRGILIO VARZEA

MARES E CAMPOS

contendo os seguintes bellissimos contos:—O Mestre de rêdes—O Molho de lenha—A pesca das tainhas—A ultima fornada—Na Iolhta - Os bois chucros —A vela dos naufragos —A cabra-céga—O velho Sumares— Historia rustica—O André canoeiro—Pagina simples—Miss Sarah— Separação —A' beira-mar—Na roça—Mar grosso—O allemão doudo —Nupcias marinhas - Romance de um rapaz - A bordo do «Steamer»—Manhã na roça—Canção slava. Um grosso vol. de 300 pags., nitidamente impresso, brochado, 3$000.

— «Mares e Campos», livro de contos, por Virgilio Varzea, edição de Cunha & Irmão, Rio de Janeiro.

Ao ler este livro sente-se entrar no espirito uma doce serenidade, como se o oxygeneo do ar livre que o inspirou fosse bebido tambem pelos nossos pulmões.

São idylios, marinhas e bucolicas, quadros da vida rural e maritima, meigos e serenos quasi sempre, outras vezes com uma pontinha de tragedia, que o auctor nos dá nas 209 paginas do seu livro encantador.

O assumpto do livro de Virgilio Varzea é dos mais difficeis de tratar, e aquelle tambem em que quasi todas as litteraturas são muito pobres, como a portugueza.

Alguns dos quadros são um primor de factura e concepção, e pódem emparelhar com os melhores da litteratura franceza, que é a mais rica neste genero.»

(Lisboa—«Mala da Europa», 17 de Junho de 1895.)

CARLOS DE LAET

EM MINAS

Viagens—Litteratura—Philosophia. Um grosso vol. de 400 pags., brochado 4$, enc. 6$00.

JOÃO RIBEIRO

Auctores contemporaneos

SELECTA DE ESCRIPTORES DO SECULO XIX

Obra adoptada no Gymnasio Nacional e outros estabelecimentos de Instrucção da Capital e dos Estados; 1 grosso vol. cartonado, 3$000.

WEBBER

Historia Universal

Traduzida por um distincto litterato e adoptada ao programma de 1895, por João Ribeiro; 1 grosso vol. cartonado, 5$000.

Apontamentos para a historia da revolução de 23 de Novembro de 1891

PELO CONTRA-ALMIRANTE

CUSTODIO JOSE' DE MELLO

1 vol. broch., 1$500.

OBRAS A' VENDA NA MESMA CASA

Aborto (romance de sensação), por Figueiredo Pimentel — 1 vol. de 300 pags. 2$000.

Alforge da boa razão (contos infantis) — 1 vol. broch. 1$800.

Alcovas transparentes (As) por Catule Mendés, traducção de Carlos Dias—no prélo.

Alma primitiva, por Magalhães de Azeredo (contos)—1 vol. nitidamente impresso broch. 3$000.

Amores com Victoria (Os)—traducção do francez (leitura só para homens)—no prélo.

Amores (os) de P. Ovidio Nasão, traducção paraphastica (endereçada exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das lettras-classicas, por Antonio Feliciano de Castilho)—11 vols. brochs. 6$000.

Anno historico Sul-Rio-Grandense —em fórma de ephemerides, pelo professor Antonio Alvares Pereira Coruja. Um grosso vol. brochado, 2$000.

Anti-Christo (O poema) por Gomes Leal—1 gros. vol. de cerca de 400 pags. broch. 3$000.

Antologie universelle choix des meilleures póesies lyriques de divers nations dans les langues originales—por Joaquim Gomes de Souza. Um grosso vol. de 1.000 pags. enc., 5$000.

Apontamentos para a historia da revolução de 23 de Novembro de 1891—pelo contra-almirante Custodio José de Mello. Um vol. brochado, 1$500.

Autores Contemporaneos (selecta de escriptores do seculo XIX), por João Ribeiro—1 gros. vol. cartonado, 3$000.

Arte Brazileira (A), pintura e esculptura, por L. Gonzaga Duque Estrada — 1 gros. vol. broch. 2$000.

Arcipreste (O) da Sé de S. Paulo, Joaquim Anselmo de Oliveira e o Clero do Brazil, p... — 1 grosso vol. de 370 pags. broch. 3$000.

Arminhos (contos) pelo Dr. Garcia Redondo — 1 vol. nitidamente impresso, broch. 2$000.

Auroras (poesias), por Alfredo de Souza—1 vol. nitidamente impresso, broch. 1$500.

Aventuras de um pretendente pretendido, notavel romance humoristico do laureado escriptor portuguez Alberto Pimentel—1 vol. broch. 2$500.

Biographia de Silveira Martins, por Mariano Porto—1 elegante volume brochado com o retrato do biographado, 2$000.

Boas festas (poesias) de Alvares de Azevedo Sobrinho—1 vol. nitidamente impresso, broch. 2$000.

Brésil (Le) em 1884, Ebauches sociologiques, por Luiz Couty—1 grosso vol. 3$000.

Brésil (Le) par E. Levasseur—avec la collaboration de M M. de Rio Branco, Eduardo Prado, d'Ourem, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Troussart et Zaboroski.

DEUXIEME EDITION

illustré de gravures, cartes etnographiques, accompagné d'un appendice par *** et M. Glasson, membre de l'institut, et d'un

ALBUM DE VUES DU BRÉSIL

éxécuté sur la direction de M. de Rio Branco. Un grand vol. in folio avec un grand atlas, brochado, 20$000, enc., 25$000.

Cancioneiro portuguez da Vaticana, edição critica restituida sobre o texto diplomatico de Halle, acompanhada de um glosario e de uma introducção sobre os trovadores e cancioneiros portuguezes, por Theophilo Braga—1 grande vol. in-folio, broch. 12$, enc. 15$000.

Carta de alforria—por Thomaz Ribeiro. Um vol., 500 réis.

Causas e meios da preservação do cholera—por Ignarus. Um vol. brochado, 1$000.

Caveira (A) da Martyr, de Camillo Castello Branco—3 grossos vols. broch. 6$000.

Céos e terras do Brazil, scenas e typos, quadros da natureza, phantasia, por Sylvio Dinarte (Escragnolle Taunay)—1 vol. broch. 2$000.

Chrestomathia da lingua brazileira—pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Um grosso vol. enc. (raro), 5$000.

Clinica Cirurgica do Hospital da Misericordia, ou lições professadas durante os annos de 1873 a 1876, pelo Dr. V. Saboia — 2 grossos vols. de 800 pags., cada um enc. 25$000.

Commissão geographica e geologica da provincia de S. Paulo—Orville A. Derby, chefe—Exploração dos rios Itapetinga e Paranapanema, pelo engenheiro Theodoro F. Sampaio—Relatorio apresentado ao Illm.Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, presidente da provincia, sobre os estudos effectuados em 1886, por ordem do Illm. e Exm. Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, então presidente da provincia, pelos engenheiros Theodoro Fernandes Sampaio, 1º ajudante—Francisco de Paula Oliveira, geologo— J. F. Washington de Aguiar, conductor. Um grande mappa in-folio, 10$000.

Consolidação das disposições em vigor relativas á Guarda Nacional ou milicia civica—organisada por ordem do coronel Dr. Fernando Mendes de Almeida—pelo coronel Josino do Nascimento Silva—1 grosso vol. broch. 5$000.

Cosinheiro (O) Moderno, obra collossal e unica neste genero, escripta por um artista brazileiro, autor do Doceiro Encyclopedico e Padeiro Encyclopedico. Collecção de mais de 1.500 receitas usuaes, faceis e economicas de cozinha, copa, salchicharia, pastellaria e confeitaria, com as mais importantes noticias relativas á alimentação e conservação das substancias alimenticias, por João da Silva Ferreira—1 grosso vol. enc. 4$000.

Diccionario geographico e historico das campanhas do Uruguay e Paraguay pelo coronel de artilharia João Vicente Leite de Castro. Um vol. brochado, 2$000.

Divina Comedia (O Inferno) de Dante Allighieri—versão portugueza commentada e annotada por Joaquim Pinto de Campos—1 grande vol. in-folio broch. 10$. enc. 15$000.

Diccionario dos nomes proprios masculinos e femininos, comprehendidos, usados e conhecidos na historia e na mythologia, compilado por João Hilario de Menezes Drummond—1 grosso vol. de 500 pags. broch. 3$000.

Dramas (Os) da Aldeia, esplendoroso romance pelo Visconde de Ponson du Terrail—3 grossos vols. broch. 6$.

Dramas (Os) do Tribunal de Justiça, por Pedro Zacone—2 grossos vols. broch. 2$000.

Duqueza de Alvarez, magnifico romance pelo mesmo—1 grosso vol. broch. 1$500.

Em Minas—Viagens — Litteratura—Philosophia —de Carlos de Laet. Um grosso vol. de 400 pags., brochado, 4$, enc. 6$000.

Ensaios economicos e apreciações praticas sobre o estado financeiro do Brazil, por Francisco Amintas de Carvalho Lima—1 grosso vol. in-8º de 500 pags. broch. 4$000.

Episcopado (O) Brazileiro ao Clero e aos fieis da igreja do Brazil, pelo Exm. Sr. Arcebispo do Rio de Janeiro—1 grosso vol. broch. 2$500.

Estomago, cabeça e coração, caprichos da imaginação, poesias ligeiras, por Julio Bomhomme — 1 grosso vol. broch. 2$000.

Estudo sobre a Maçonaria, por Monsenhor Dupanloup, traduzido pelo Exm. Arcebispo do Rio de Janeiro— 1 grosso vol. de 300 pag. broch. 3$000.

Fabulas de Lafontaine vertidas e annotadas pelo Barão de Paranapiacaba—2 grossos vols. broch. 6$000.

Febres (As) do Rio de Janeiro, pelo Dr. João Vicente Torres Homem, 2ª edição—1 grosso vol. de 600 pags. enc. 10$000.

Fim (O) da Creação ou a natureza interpretada pelo senso commum, pelo Visconde do Rio Grande—1 grosso vol. de cerca de 800 pag. broch. 5$000.

Finanças da Regeneração, estudo politico offerecido aos mineiros, por Affonso Celso — 1 grosso vol. broch. 3$000.

Flôr de Aliza, de A. de Lamartine, versão portugueza de uma joven brazileira—1 grande vol. de 500 pag. broch. 3$000.

Galeria historica da Revolução Brazileira de 15 de Novembro de 1889, que occasionou a fundação da Republica dos Estados Unidos do Brazil, pelo Dr. Urias da Silveira— 1 grande vol. enc. de cerca de 500 pags., ornado de grande numero de retratos e estampas, 6$000.

Gauchada (romance) por Pardal Mallet—1 vol. no prélo.

Georgicas (As) de Virgilio, trasladadas a portuguez, por Antonio Feliciano de Castilho—1 grosso vol. de 400 pag. 6$000.

Guia de conversação em italiano e portuguez, precedida de um methodo facil para aprender-se em pouco tempo a fallar e escrever bem o italiano, por Alberto de Gervais—1 vol. cartonado 1$500.

Guia do despachante e correctorde navios—contendo as disposições em vigor, consolidação das leis das Alfandegas, do codigo commercial, decretos, leis e ordens do governo da Republica do Baazil, compiladas por Leopoldo L. de Alencar. Um grosso vol. brochado, 5$000.

Harem, poesias de F. Bocayuva — 1 vol. broch. 1$500.

Historia Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, por Alfredo Demersay—1 grosso vol. broch. 2$000.

Historia Universal—por Webber, traducção de um distincto litterato brazileiro e adoptada ao programma de 1895—por João Ribeiro. Um grosso vol. cartonado, 5$000.

Holocausto, romance, por Pedro Americo — 1 grosso vol. broch. 2$000.

Humorismos, por J. Guerra—1 grosso vol. de 500 pag. nitidamente impresso, broch. 4$000, enc. 6$000.

Inferno (O), por Callet, traducção de Camillo C. Branco—1 vol. broch. 1$500.

João Lobo, João Féra ou o selvagem de Mareille, por Emilio Richebourg—1 grosso vol. de 300 pag. 3$000.

Leituras populares, publicação religiosa, instructiva e recreativa, contendo romances, chronicas, novellas, poesias, theatro, charadas, etc., etc.—6 grossos vols. de cerca de 400 pag. cada um, broch. 12$000.

Liberalismo desmascarado (O), pelo Revd. Padre Henri Ramière, continuação da «Maçonaria desmascarada»—2 grossos vols. broch. 6$000.

Lições de Clinica Medica, pelo Barão de Torres Homem—3 grossos vol. enc. 25$000.

Lyrica e lendas do Brazil, por M. M. Portella—1 vol. elegantemente impresso, broch. 2$000.

Luz do somnambulismo sobre alguns pontos tenebrosos da medicina, por Jacome Ulysses, 2ª edição melhorada —1 vol. broch. 1$000.

Maçonaria desmascarada (A), collecção dos artigos do «Echo de Roma»—1 grosso vol. broch. 2$000.

Mares e Campos (contos) — por Virgilio Varzea. Um volume nitidamente impresso, contendo 23 bellissimos contos, brochado, 3$000.

Mariquinhas, mimoso e esplendido romance proprio para moças, por Eugenio Muller—1 grosso vol. broch. 1$500.

Marquez de Pombal (O), obra commemorativa do centenario da sua morte, mandada publicar pelo club de regatas Guanabarense, collaborada pelos mais eminentes escriptores nacionaes e estrangeiros, taes como: Latino Coelho, H. Corrêa Moreira, Machado de Assis, Sylvio Roméro, Dr. Thomaz Alves, Oliveira Martins e tantos outros—1 grande vol in-folio, nitidamente impresso, ornado com o retrato do Marquez, broch. 10$ e enc. 15$000.

Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia, por Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva, tomo I, segunda edição, precedida de uma noticia biographica de seu autor e accrescentada com diversas notas por Hyppolito Cassiano de Miranda—1 grosso vol. de 500 pags. 5$000.

Memorias de um Pobre Diabo, por Bruno Seabra —1 vol. broch. 1$000.

Mestre Francez, methodo simples e facil para aprender o francez em 6 mezes, por André Adolpho Daux—1 grosso vol. enc. 2$000.

Opera Lyrica, poesias por Pedro Rabello—1 vol. nitidamente impreso, broch. 1$500.

Orador (O) Moderno ou thesouro de discursos familiares e populares para baptisados, casamentos, anniversarios natalicios, todos os actos festivos do lar domestico, despedidas, orações funebres, festas collegiaes, inaugurações e tudo quanto se possa desejar neste genero, por J. M. Latino de Andrade—1 grosso vol. broch. 1$000.

Origens de anexins, proloquios, locuções populares, siglas, etc., pelo Dr. Castro Lopes. Um grosso vol. brochado, 3$000.

Paquita, poema em 4 cantos, por Bulhão Pato, com uma carta de Alexandre Herculano — 1 grosso vol. broch. 2$000.

Peccados, poesias — 1887 –1888, por Medeiros e Albuquerque—1 grosso vol. broch. 2$000.

Penelope Normanda, magnifico romance de Alphonse Karr—1 vol. broch. 1$000.

Praga — novella, por Coelho Netto—1 vol. nitidamente impresso, broch. 2$000.

Primeiras Lições de Cousas—Manual de ensino elementar para uso dos paes e professores, por N. A. Kalkins, vertido da quadragesima edição e adaptado ás condições do nosso idioma e paizes que o fallam, pelo conselheiro Ruy Barbosa — 1 grosso vol. de 620 pag. in-4°, 5$000.

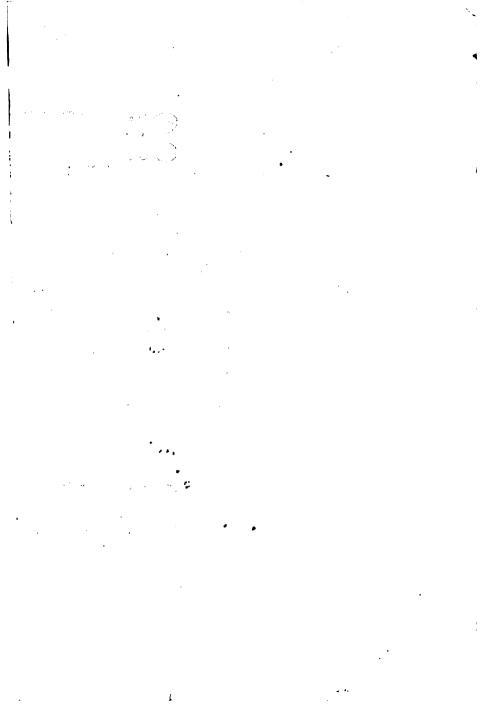
Primeiras linhas da historia da Republica no Brazil, contendo todos os esclarecimentos historicos, documentos officiaes e cartas originaes, a exposição completa e minuciosa dos factos, dia a dia, minuto por minuto. Trabalho composto e feito de inteiro accôrdo com o glorioso exercito brazileiro, por J. J. de Carvalho—1 grosso vol. de 300 pag. —2$000.

Scenas da roça, poema de costumes, por A. Corrêa—1 vol. broch. 1$000.

Sombras e Luz, por Pinheiro Guimarães, notavel romance—1 vol. broch. 1$500.

Sonetos de toda côr, por Henrique de Magalhães —1 vol. (no prelo).

Synopsis de zoologia ou estudo geral dos animaes— com applicações á medicina, á pharmacia e á agricultura (animaes domesticos, raças, conhecimento da idade do cavallo e do boi, cultura da abelha e do bicho de seda, etc., etc.), tendo, além disso, muitas notas bibliographicas, bem como o additamento de um vocabulario em que se definem numerosos termos relativos á anatomia, physiologia, hygiene, zootechnia, etc., e em que se dá uma noticia completa acerca do darwinismo—por Castro Ramalho, pharmaceutico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Um grosso vol. de 700 pags., 5$000.

Traços geraes de linguistica—por Julio Ribeiro. Um vol. cartonado, 1$500.

NO PRELO, A SAHIR BREVEMENTE

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Sonetos de toda côr, 1 vol.

DR. AUGUSTO DE CASTRO

Cavaqueando. 1 vol.

SAMUEL DE OLIVEIRA E LIBERATO BITTENCOURT

Geometria algebrica.—2 vols., 2ª edição.

DOS MESMOS AUTORES

Curso de mathematicas elementares.—Calculo arithmetico, 1 vol.—Calculo algebrico 1 vol.—Geometria especial, 1 vol.—Trigonometria rectilinea e espherica, 1 vol.

SAMUEL DE OLIVEIRA

EM PREPARAÇÃO

A philosophia geral, segundo Spencer, 1 vol.